



ROMANCES  NOVA CULTURAL

19

Julia

Noiva em Fuga

Kristine Rolofson



Título original: *The bride rode west*

Copyright © 1997 por Kristine Rolofson

Copyright da tradução © 1997 por Editora Nova Cultural.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Natércia P. N. Silva

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Tinna e Crysty

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

Rolofson, Kristine

Noiva em Fuga [recurso
eletrônico] / Kristine
Rolofson [tradução de Editora
Nova Cultural]; Rio de Janeiro:
Editora Nova Cultural, 1997.

recurso digital (Julia Country; 19)

Tradução de: The bride rode west

Formato: ePub

Requisitos do sistema:
Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World
Wide Web

ISBN 978-03-7325-753-9
(recurso eletrônico)

1.Romance de Banca. 2.
Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel,
ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

Uma mulher também tem direito de mudar de ideia, não acham?

No dia do seu casamento, Emilie surpreendeu seu noivo num tórrido abraço com outra. Então, ela partiu para o Oeste e acabou arrumando um emprego de governanta na casa de um fazendeiro e suas três filhas. Ela, uma garota da cidade grande, que em uma casa sabia apenas ordenar e nada fazer, aceitou trabalhar ali apenas para dar um novo rumo à própria vida. Na verdade, o de achar Matt Thomson irresistivelmente atraente não tinha a ver com o fato de ter ficado... Ou tinha?

Capítulo 1

Tudo começou com um beijo.

Não um simples beijo, concluiu Emilie, chocada e incrédula, parada à porta da sacristia. Era um beijo apaixonado, arrebatador, que tanto podia significar um adeus ou, então, que as duas pessoas envolvidas jamais se separariam, acontecesse o que acontecesse.

Emilie levou a nécessaire ao peito, sem lembrar que poderia amassar o vestido de noiva. Esqueceu a dor nos pés, causada pelos sapatos de bico fino, e a vontade de retocar a maquilagem, ao deparar com a cena terrível. Lembrava-se apenas que estava prestes a se casar. Ou, ao menos, julgava que estivesse.

De repente, o homem que dali a vinte minutos iria se tornar seu marido interrompeu o beijo e ergueu a cabeça. O rosto era uma máscara de angústia.

— Emilie?

Ela olhou para a pessoa que permanecia constrangida ao lado do noivo, e que fazia parte de seu rol de amizades. Também havia angústia em seu rosto.

No interior da igreja, um órgão começou a tocar uma peça de Gershwin, enquanto trezentos convidados acomodavam-se em seus lugares.

— Emilie! — exclamou Ken, mais uma vez.
— Não é o que você está pensando!

— Você não me ama, não é?

— Claro que amo. Sempre amei.

Ela afastou-se.

— Devia ter me contado que havia outra

pessoa.

— Espere! Não vá embora, deixe-me explicar!
— implorou ele, sem se preocupar em negar a acusação. Estendeu a mão, tentando segurá-la.

A vontade de Emilie era atirar-se em seus braços, enterrar o rosto em seu peito e deixá-lo dizer que a amava, que sempre a amaria, que aquilo que acabara de presenciar era resultado de sua imaginação. No entanto, ignorou a mão estendida do noivo e endireitou os ombros.

— Você devia ter tido a decência de ser honesto comigo.

— Seja sensata. Lembre-se de seu pai. Não devemos desapontá-lo. Ele organizou o maior e mais badalado casamento da história de Chicago. Tenho certeza de que resolveremos esse mal-entendido — argumentou Ken. Seus olhos azuis pareciam feitos de gelo.

— Mal-entendido?! — disse ela, afastando-se ainda mais. — Acabou, Ken.

— Pense bem. Será um suicídio político. A eleição é daqui a dois meses e você arruinará os planos de seu pai. Não pode...

— Posso sim!

Emilie voltou-se e saiu correndo, erguendo a barra do vestido longo, ignorando as damas de honra e suas três futuras cunhadas. Parou apenas para entrar no trocador e pegar a maleta contendo as roupas que usaria na viagem de lua-de-mel.

Paula, sua melhor amiga e madrinha, linda num vestido turquesa, alcançou-a e segurou-a pelos ombros.

— Emilie! Que está acontecendo?

Ela pensou em contar à amiga, mas as palavras ficaram presas em sua garganta. Não podia

destruir Ken, nem mesmo agora.

— Aconteceu algo muito sério e estou cancelando o casamento.

— O quê?! E seu pai? Ele já sabe disso?

— Oh, não! Não quero nem pensar no que acontecerá quando ele souber. — Precisava ser rápida, pensar em algo. Tudo o que queria era sair dali e se esconder em algum lugar.

— Vou ver se consigo encontrá-lo — pediu Paula, afastando-se. Minutos depois, George Grayson, um homem alto e elegante, com cabelos grisalhos e olhos acinzentados, chegou. Paula, que o seguia, olhou angustiada para Emilie, enquanto George pedia com um sorriso charmoso nos lábios:

— Senhoras, por favor, poderiam nos deixar a sós? — O sorriso desapareceu quando as mulheres se distanciaram. — Mas o que é isso, Emilie? Nervosismo de última hora?

— Acabei de ver Ken beijando... beijando alguém, lá na sacristia.

A expressão do pai permaneceu inalterada.

— Tem certeza de que não se enganou, meu bem?

— Tenho. — Emilie ficou indecisa, sem saber se contava o resto ou não. Ele seria capaz de entender? Ou destruiria a carreira do noivo? — Ken deixou bem claro que gosta de outra pessoa.

Grayson não demonstrou surpresa.

— Deve ser um capricho sem importância que ele logo esquecerá. Segundo as pesquisas, Ken será eleito senador.

Emilie respirou profundamente.

— Não vou me casar com ele, papai.

— Você não pode permitir que um desentendimento arruíne a união de duas dinastias políticas. Estamos planejando isso há anos! Comporte-se. Você já é uma mulher adulta.

— Sou adulta há muito tempo. Será que ainda não percebeu?

— A única coisa que percebo é que você está fazendo um grande alvoroço por nada. — George Grayson verificou as horas no relógio. — Tente se acalmar. Resolveremos esse mal-entendido mais tarde. Pedirei a Ken para que seja mais discreto. Ele devia se esforçar para sê-lo, agora que está liderando as pesquisas. Vejo-a na porta da igreja, daqui a cinco minutos.

— Ouça, papai... Isso não dará certo.

Ela não podia se casar, nem dizer seus votos, pois não faria isso com pureza de coração. Como Ken conseguiria jurar amor eterno? Como poderia ela fazer o mesmo?

— Dará certo, como sempre deu. Estamos entendidos? — O sorriso de George era frio.

Emilie assentiu. Sabia que o pai não a apoiaria. George Grayson colocava a si próprio e a seus interesses políticos em primeiro lugar, sempre.

— Sim, papai.

— Essa é a minha garota — disse ele, beijando-a no rosto. Emilie ouviu-o falar com as outras mulheres lá fora no corredor. — Podem entrar agora. A noiva estava um pouco nervosa, só isso.

Paula correu para a amiga.

— Você não está bem. Que posso fazer para ajudá-la?

Emilie sorriu tranquilamente, olhando para as mulheres que as observavam.

— Pode me conseguir um táxi, sem que os fotógrafos percebam? Peça que me espere nos fundos da igreja.

— É assim tão sério?

— É. Preciso sair daqui sem que ninguém perceba. Você me ajuda?

Paula assentiu.

— Se alguém perguntar, diremos que vamos dar os últimos retoques na maquilagem.

— Obrigada. Não sei o que eu faria sem você.

— Ela tentou sorrir para a amiga, mas não conseguiu.

A loira alta abraçou-a, carinhosamente.

— Para que servem os amigos, afinal?

Em poucos minutos, Emilie estava dentro do táxi.

— Telefone assim que puder e direi onde estou.

— Não vai para casa?

— Não. Acho melhor desaparecer por alguns dias. A imprensa vai ter muito o que falar a respeito.

— Vou segurá-los o máximo que puder. Mas acho melhor você se apressar. — Paula entregou-lhe algum dinheiro pelo vidro do carro. — Isso ajudará a mantê-la por algum tempo. O que digo a seu pai?

— Nada. Mais tarde ligo para ele e explico o que houve.

— Conte-me, Emmy — pediu Paula. — Guardarei segredo.

Emilie fez um gesto negativo. Paula contaria ao marido e Emilie não tinha certeza se Fred

manteria a informação longe da imprensa. Era melhor não arriscar.

— Não posso. Mas prometo enviar notícias.

O táxi seguiu em direção à estrada. Ela sabia que encontraria o aeroporto lotado, por causa do feriado. Ninguém olharia duas vezes para uma mulher usando um vestido branco longo. Nem perceberia que se tratava de um vestido de noiva, desenhado especialmente para ela, nem que largara uma grinalda de pérolas, valendo novecentos dólares, no banco traseiro do táxi. Pegaria o primeiro avião que conseguisse, não importa para onde a levasse.

Qualquer lugar seria melhor do que aquele. Homens, nunca mais.

Tudo começou com os sapatos.

Matt observava a filha pequena, sentada, enquanto a vendedora colocava-lhe a bota nos pés. Melissa tinha um ar contrariado.

— Suas irmãs têm botas iguais a essas, e gostam — assegurou Matt. — Manterão seus pés secos até na chuva.

Melissa não olhou para o pai e ignorou seu comentário.

— Levante-se, querida, e deixe ver se serviram — pediu a vendedora. Melissa ergueu-se lentamente. A mulher apertou a ponta das botas. — Está certinha, e ainda sobra algum espaço — disse a Matt.

— Ótimo. Vamos levá-la.

— Não quero usá-la agora — falou a garotinha.

— Está bem. Coloque seus tênis.

— Odeio esses tênis. Estão apertados.

Matt tentou sorrir para a vendedora, que sorriu de volta, compreensiva, enquanto registrava o preço das botas no caixa. Ela devia estar se perguntando o que fazia um homem sozinho comprando sapatos para as filhas. Ou, talvez, não. Talvez estivesse acostumada a ver pais solteiros fazendo compras.

Matt soltou a mão da filha mais nova, Mackenzie, para pegar a carteira no bolso da calça e pagar pelos três novos pares de botas. Enquanto isso, Martha encaminhou-se ao departamento de roupas femininas. Matt conseguiu acompanhá-la com os olhos, em meio à multidão.

Pegou a sacola com os calçados, chamou as duas meninas e foi para outra seção da loja, comprar roupas decentes para as filhas irem à escola. Devia ter aceitado a ajuda de Stephanie, mas isso significava admitir que estava errado, e ela certa. E ainda não estava preparado para isso. De alguma forma, conseguiria se virar. Afinal, era o pai das meninas.

— Papai! — Martha ergueu algo brilhante, preto e muito pequeno. Matt imaginou que fosse uma saia. Ou um lenço. — Vou provar isso aqui!

— Nem pensar!

O rosto da menina se fechou e ela recolocou a peça no cabide. Melissa soltou a mão do pai e foi para junto da irmã mais velha. Matt achou que devia ter sido mais diplomático, mas não permitiria que sua filha de oito anos fosse para a escola vestida como uma atriz de Hollywood,

Procurou por uma vendedora, mas a seção de roupas femininas estava repleta. Mackie pegou sua mão e bocejou.

— Ainda vai demorar, papai?

— Só mais um pouquinho, querida.

Precisamos comprar algumas roupas.

— Vai demorar muito? — implorou a garota, fitando-o com seus olhos castanhos.

— Não, eu prometo. — Matt sentou-se em uma das cadeiras perto do espelho. — Fique aqui, enquanto papai ajuda Marty a escolher algumas roupas.

— Quero ir para casa.

— Eu também. E logo iremos. — Matt acariciou os cabelos castanhos da garota.

Foi para junto das outras filhas, perguntando-se quanto tempo aquilo iria demorar. Julgava que comprar calçados fosse difícil, mas algo lhe dizia que comprar roupas seria pior.

— Preciso de uma saia — disse Martha. — Todas as minhas amigas usam saias. Sou a única que só anda de calças compridas.

— Está bem — disse o pai, olhando para os cabides. — Mas nada de muito chamativo e curto. Onde estão os jeans?

— Estou enjoada de jeans! Ele ignorou o comentário.

— Qual é o seu tamanho?

— Oito, segundo tia Steph.

— E você, Mel?

A menina deu de ombros. Então, Martha respondeu por ela:

— O dela deve ser seis.

— Obrigado — agradeceu Matt, levando-as para junto da seção de jeans. Parou, surpreso por ver tantas tonalidades e modelos diferentes. — Vamos levar três para cada uma. Escolham.

Martha apontou para outro lado.

— Mel e Mackie precisam escolher no departamento infantil, no outro lado.

— Tem certeza?

— Pelo menos, foi o que tia Steph disse — respondeu Martha, atenta às saias.

Matt pegou Melissa pela mão.

— Vou procurar uma vendedora. Enquanto isso, você escolhe a saia.

— Posso escolher um suéter. Veja esse de coraçõezinhos, que bonito...

Coraçõezinhos? Parecia uma boa escolha.

— Certo. Vou estar ali, perto do espelho, com suas irmãs. Martha sorriu, o que era um bom sinal. Matt se esgueirou por entre os cabides de roupas com Melissa seguindo-o e foi ao encontro de Mackie. Avistou-a encolhida na cadeira, conversando com alguém. Tratou de se apressar. Ao se aproximar, notou tratar-se de uma jovem com cabelos escuros.

— Mackie?

A garotinha pegou o lenço de papel que a moça lhe entregou e assoou o nariz.

— Oi, papai. Podemos ir agora?

— O que houve? — Matt dirigiu-se à estranha. A jovem magra e bonita, de pele clara, assemelhava-se a uma daquelas modelos de comercial de televisão.

— Sua filha estava sozinha e chorando, senhor. Achei que estivesse perdida — disse ela, fitando-o com olhos incrivelmente verdes.

— Agradeço sua preocupação — ele falou, vendo-a acariciar a mão de Mackie antes de se levantar. Usava sandálias de couro e um vestido branco longo.

— Ela estava cansada e deixei-a aqui um minuto. Minha outra filha está escolhendo roupas.
— Matt não saberia dizer por que precisou explicar-se a uma estranha.

— Você é uma princesa? — perguntou Melissa.

A jovem tinha um rosto que se iluminava quando sorria, notou Matt.

— Não, não sou uma princesa — respondeu ela, alisando a frente do lindo vestido. — Agora, não mais.

— Mas seu vestido é de princesa.

— Creio que sim — disse ela, fazendo uma careta.

As esperanças de Matt aumentaram. Talvez aquela jovem estranhamente glamourosa fosse uma das vendedoras da loja.

— Se trabalha aqui, talvez possa nos ajudar.

A jovem hesitou, até que Mackie pegou sua mão.

— Que tipo de ajuda? — ela quis saber.

— Estou comprando roupas para elas irem à escola... Ou, ao menos, tentando. Minha filha mais velha está experimentando algumas saias e...

— Odeio as botas que comprou para mim — queixou-se Mel, apontando para o pacote sob a cadeira. — Gosto mais de sapatos cor-de-rosa.

— Moramos numa fazenda — disse Matt. — Qualquer um, com um pouco de juízo, sabe que não se usa sapatos cor-de-rosa numa fazenda de criação de gado.

— Uma fazenda... Oh, sim. — O olhar da moça deslizou da jaqueta jeans para as botas surradas que ele usava. — Dá para perceber. Que

tipo de roupas as garotas precisam?

— Jeans, suéteres, jaquetas, abrigos de moletom... Coisas práticas, e de preferência à prova d'água. Agora ainda está quente, mas o inverno vem vindo. Não pretendo voltar à cidade tão cedo.

Mackie puxou a mão da jovem, querendo chamar sua atenção.

— Papai comprou um trator novo.

— É mesmo? De que cor?

Matt fez uma careta. Que diferença aquilo poderia fazer?

— Escute, você trabalha ou não aqui?

— Verde — respondeu Melissa. — O trator é verde, como o milho.

A voz da estranha era amável e educada.

— Mas o milho é amarelo.

— Mas a palha é verde — respondeu a criança. Ela sorriu.

De repente, Matt sentiu uma leve tontura. Precisava comer alguma coisa, ou então cairia desmaiado sob um cabide de blusões cor-de-rosa.

— Sim, é verdade. Verde como o milho — concordou a moça. — Quantos anos você tem?

— Seis. Mackie está com quase cinco, e Martha tem oito. E você, quantos anos tem?

— Vinte e seis.

— Você é bem velha...

— Se não sou, é exatamente como estou me sentindo hoje — concordou ela, rindo de novo.

Abaixou-se para pegar a bolsa e as duas sacolas. Claro que não trabalhava na loja. Matt devia ter percebido isso.

— Eu também — disse ele, pegando o pacote de debaixo da cadeira. — Vamos, Mackie. Vamos procurar sua irmã. Diga adeus à sua amiga.

Mackenzie Thomson começou a chorar e abraçou os joelhos da estranha.

— Não! — exclamou, soluçando. — Também quero sapatos cor-de-rosa!

— Eles vão ficar para a próxima vez — declarou Matt, reparando que as pessoas na loja começavam a olhar naquela direção. — Venha com o papai.

Mackie o ignorou, e a estranha o fitou como se julgasse que ele esfolava criancinhas nas horas vagas.

— Cor-de-rosa como chiclete de morango — disse Melissa.

— Rosa como o céu.

— Como o céu?

— Sim, quando o sol se põe no horizonte — explicou ela.

— Qual é o seu nome?

— Emma... Emma Gray.

Mel riu, sabendo que Gray significava cinza.

— Gray como... como giz encardido?

— Gray como... chuva?

Matt sacudiu a cabeça. De que diabos elas estavam falando? Cinza era cinza e rosa era rosa.

— Vamos meninas — disse ele.

A jovem soltou os braços de Mackie e em seguida pegou-a no colo. Olhou para Matt, que esperava uma reação bem diferente. Achava que ela fosse despedir-se.

— Posso ajudá-lo com as compras, se quiser

— ofereceu-se. Depois sorriu. — Nada tenho a fazer, além de comprar um par de sapatos decente. Práticos, quentes e à prova d'água.

Ela zombava de Matt, que não sorriu. Se a moça não estivesse com Mackie nos braços, certamente teria ido embora sem responder. Criar três meninas sozinho era um assunto muito sério.

— Poderia me ajudar, com as sacolas, sr...?

— Thomson. Matt Thomson. Fazenda Três Riachos.

— Prazer em conhecê-lo — disse ela. Mackenzie deitou a cabeça no ombro da jovem e fechou os olhos.

— O prazer é todo meu.

Não podia recusar a ajuda que ela oferecia, mesmo vendo-a vestida de forma tão estranha. Fora tolice acreditar que conseguiria ir à cidade com as três. Pegava uma das sacolas quando Martha apareceu com um monte de peças no braço.

— Estas são as roupas que experimentei e que me serviram — disse ela.

— Quero ver — pediu ele, sabendo que haveria algo naquela pilha de roupas que certamente não o agradaria.

A filha mais velha suspirou dramaticamente.

— Precisa me deixar crescer, papai.

— É mesmo? Talvez no próximo ano, quando você tiver nove. Emma vai nos ajudar com esse projeto.

Matt arrumou os pacotes no braço e pegou Mackenzie no colo. Desta vez, a menina estava sonolenta demais para resistir.

— Alguma norma? Restrição? Preferência? —

indagou Emma.

— Norma? Para fazer compras? — perguntou ele, tirando uma mecha de cabelos de Mackie da boca.

Emma suspirou.

— Quanto dinheiro pretende gastar, sr. Thomson?

— Você escolhe o que elas devem usar e deixa o dinheiro por minha conta.

— Bem, então deixe-me ver qual é o tamanho de Mackie. Assim, não precisaremos incomodá-la. — A moça se aproximou... até demais, na opinião de Matt Thomson... e viu o tamanho na etiqueta da roupa da garota. — Bem, acho que vai ser fácil.

— Fácil?

— Sim, fácil. — Emma apertou a mão de Martha e se apresentou como sua “assistente particular” para as compras. Pegando a pilha de roupas dos braços da garota, virou-se para Matt e disse: — Pode voltar para a cadeira, sr. Thomson. Se precisarmos de sua ajuda, chamaremos. Está bem, mocinhas. Quais são suas cores favoritas? Martha, vamos vestir as roupas que escolheu, para ver como ficaram.

Matt conseguiu voltar para a cadeira, que por sorte continuava vazia. Pousou as sacolas no chão, junto aos pés, ajeitou Mackie nos braços e finalmente apoiou a cabeça na coluna espelhada. Jamais entenderia as mulheres. Mas, naquele momento, deu graças pela adoração que todas elas tinham por fazer compras.

— Consegue se sentar usando isso?

A garota mais velha, de uma beleza frágil e com os cabelos compridos presos em um rabo-de-cavalo, sentou-se no banquinho do provador.

— Sim, consigo.

— E se sente à vontade?

— Mais ou menos — respondeu ela, um pouco hesitante. Emilie entregou-lhe outro modelo de jeans.

— Experimente esse. Os jeans precisam ser confortáveis. Caso contrário, não há por que usá-los, certo?

Martha sorriu.

— Ainda bem que está aqui... Quando se trata de fazer compras, papai não tem a menor paciência.

— É que os pais às vezes também precisam de ajuda. Seu próprio pai, certamente, era um deles. Não, não pensaria em George naquele momento. Sem dúvida, estaria revirando Chicago, à sua procura, embora Emilie tivesse deixado uma mensagem na secretária eletrônica antes de embarcar: “Estou saindo da cidade por alguns dias. Amo você. Me desculpe”.

Mas não estava arrependida. Se alguém deveria estar, esse alguém era Ken.

Também não queria pensar em Ken. Olhou novamente para a garota, que se admirava em frente ao espelho. Era fácil lidar com meninas. Se Melissa colaborasse como as outras irmãs, em vinte minutos teriam terminado as compras.

Vinte minutos... E o que faria o resto da tarde? O resto do dia? O resto da vida?

— Este está melhor — disse Martha, sentando-se no banco.

— Ótimo. Vamos ver que outras cores eles têm. Podemos escolher alguns tops que combinem.

Juntou as roupas que haviam escolhido e levou as garotas para fora do provador. Se tivesse ficado

na igreja e se casado com Ken, a essa hora estaria tomando champanhe, comemorando. Estaria dando bolo na boca do marido, enquanto as câmeras rodopiavam e as luzes dos flashes piscavam em sua direção. Não estaria no meio de uma loja de departamentos, enquanto uma garota de oito anos tentava decidir se queria flores ou corações em seu novo suéter.

Era bom se manter ocupada. Só assim não pensaria no seu “quase” casamento, no seu “quase” marido.

Encontrou um suéter que tinha o desenho de um lindo arco-íris.

— Veja este, Melissa. Acho que tem a sua cara.

— Acha mesmo? — perguntou a garota, com o rosto iluminado.

— Acho. Tem todas as cores do arco-íris. — Entregou-o à menina. — É um pouco grande, mas suéteres têm mesmo que ficar folgados.

— Obrigada.

— Agradeça a seu pai. É ele quem está pagando. Emilie olhou para a cadeira, onde o belo fazendeiro parecia tão cansado quanto a filha adormecida que trazia no colo. A cabeça da menina estava apoiada em seus ombros largos. Os cabelos grossos e escuros precisavam de um corte. O tipo de homem que ela sempre admirara secretamente, mas que jamais tinha encontrado.

Botas sujas e jeans surrados eram o segredo, especialmente com aquela pele bronzeada, como se tivesse passado o verão inteiro sob o sol ardente. Saberia ele realmente o que comprar para as três filhas usarem na escola? Certamente, comprar o trator fora mais fácil.

Mas onde estaria a mãe delas? Talvez doente. Ou quem sabe fossem divorciados. Provavelmente.

Ainda assim, as garotas não haviam mencionado a mãe, ou se aprovaria ou não as roupas. Era bem estranho.

Mas ela jamais perguntaria. Todos tinham direito à privacidade.

— Eu gostaria de levar uma dessas, mas papai não vai deixar — disse Martha, desolada, parando em frente ao cabide com saias de plástico.

Emilie balançou a cabeça, negativamente. Concordava plenamente com o pai dela.

— Que tal uma saia de veludo? São lindas!

— Você acha?

— Acho. — Levou a garota até um cabide e ajudou-a a escolher o tamanho certo. — Acho que você já tem roupas suficientes, Martha. Só faltam as meias e as peças íntimas. — Virou-se para Melissa. — Você é a próxima.

Em menos de trinta minutos, as três retornaram para junto de Matt e da pequena Mackie.

— Sr. Thomson?

Ele abriu os olhos e piscou.

— Acho que peguei no sno....

— Terminamos. As compras estão com a vendedora, no balcão do caixa. Só falta pagar.

Melissa puxou-a pela mão e Emilie abaixou-se para ouvir o que a garota tinha a dizer.

— Temos um pedido especial... sapatilhas cor-de-rosa de bale, para usar em casa.

Mackenzie abriu os olhos.

— Também quero.

— Sei quando sou minoria — declarou o fazendeiro, colocando Mackie no chão. Levantou-se e pegou as sacolas com as compras.

— Nós nos encontraremos no departamento de calçados — disse Emilie, pegando a mão de Mackie. Não estava pronta para terminar o passeio e se instalar num hotel qualquer. Ficar sozinha em Nebraska não era exatamente o que havia sonhado para sua noite de núpcias.

Capítulo 2

Emilie observou as garotas ensaiarem alguns passos de bale diante do espelho do trocador.

— Vocês estão lindas!

De fato estavam, com os cabelos claros cacheados e os rostinhos em formato de coração. As duas menores insistiram em ficar com sapatilhas cor-de-rosa. Martha, preferiu a preta. Para combinar com as leggings que comprara, dissera.

Melissa fez uma pirueta e parou diante de Emilie, que experimentava um par de mocassins.

— Você gosta desse tipo de sapato? — indagou.

— Gosto. São confortáveis. — As sandálias que comprara no aeroporto foram um alívio para seus pés cansados, mas agora precisava de algo mais prático. O par de mocassins era ideal. — Comprei uma calça jeans... Acho que vou me trocar. Não vejo a hora de tirar esse vestido.

Na verdade, estava justamente indo se trocar quando avistou Mackie chorando, sentada sozinha junto à coluna de espelhos.

Levou os sapatos ao caixa. Contando com o dinheiro que possuía, mais o cartão de crédito, teria o suficiente para viver relativamente bem até toda aquela confusão passar.

A funcionária da loja preencheu a nota fiscal e esperou a aprovação do cartão de crédito. Após um momento, fitou Emilie com ar estranho.

— Lamento, mas há algum problema com seu cartão. Não foi aceito.

— Como assim? Deve haver algum engano.

Ela estava bem longe do limite e, uma hora atrás, havia comprado jeans, algumas camisetas, roupas de baixo e meias.

A funcionária tornou a passar o cartão pela máquina. Em seguida balançou a cabeça.

— Seu cartão foi cancelado. Pretende levar os sapatos?

— Claro.

Emilie pagou em dinheiro, tentando esconder o pânico. Seu pai na certa mandara cancelar o cartão de crédito com a intenção de forçá-la a voltar, querendo provar que a filha não conseguiria se manter sozinha.

E estava certo. Saía de casa há menos de seis horas e já não tinha dinheiro nem sequer para passar a noite em um bom hotel, nem para jantar. Pegou a sacola com as compras e voltou-se para as crianças:

— Bem, garotas, coloquem seus sapatos e guardem as sapatilhas.

Melissa tentou um último rodopio, mas perdeu o equilíbrio e caiu sobre uma pilha de caixas de sapatos. Emilie passou os minutos seguintes recolhendo e arrumando tudo, tentando convencer as três a ficar sentadas e a recolocar os sapatos. Estavam tão excitadas que praticamente não conseguiam ficar paradas.

— Garotas, comportem-se — exigiu uma voz em tom grave. Matt chegara sem que ninguém notasse. As garotas pararam de pular e sorriram para ele.

— Elas são comportadas — disse Emilie., — Começaram a dançar para testar as sapatilhas.

— Aposto que sim — disse ele, olhando as caixas que Martha lhe entregava. — Suponho que eu também deva pagar por elas...

Emilie teve vontade de discutir, mas desistiu e deu de ombros.

— Toda garota sonha em possuir um par de sapatilhas, nem que seja apenas para fingir que é bailarina.

Matt ergueu as sobrancelhas, indagador. Em seguida depositou as sacolas empilhadas ao lado da moça. Foi para o caixa acompanhado das filhas, que queriam ter certeza da compra das sapatilhas.

Emilie encontrou sua sacola e colocou nela os novos mocassins. Com a bolsa a tiracolo, e carregando as sacolas, aprontou-se para se despedir da família.

Esperava que Matt Thomson não demorasse. Estava exausta e não via a hora de tirar aquele vestido idiota, que a fazia lembrar-se de Ken beijando outra pessoa. Queria poder se refugiar num quarto de hotel, tomar refrigerante dietético e comer um prato inteiro de batatas fritas.

— Agradeço muito o que fez por nós — disse Matt, ao se aproximar. Colocou a carteira no bolso da calça e entregou uma das sacolas de compras a Melissa.

— Foi um prazer ajudar. — Emilie sentiu os olhos rasos d'água. Olhou para as meninas e disse um rápido adeus. — Tenham um bom ano escolar.

— Não vá! — Mackenzie abraçou seus joelhos.

— Mackie — disse o pai, pegando-a pelos ombros. Olhou para Emilie, e viu seus lábios trêmulos de emoção. — Temos de ir embora, querida.

— Estou com fome — disse Melissa.

— Eu também — concordou Martha. Em seguida, aproximou-se de Mackie. — Você gosta de hambúrgueres, não gosta? E de milk-shake de

chocolate?

Mackie fungou e voltou-se para a irmã mais velha.

— Milk-shake? — perguntou, parando de chorar.

— Sim, milk-shake — disse o pai, soltando-a gentilmente dos joelhos de Emilie.

Mas a menina não queria ceder. Agarrou-se de novo à nova amiga e ergueu a cabeça para fitá-la, com olhos suplicantes.

— Você vem conosco?

— Não posso, querida...

— Por quê?

— Bem...

— Emma deve ter outras coisas a fazer — declarou o pai, lançando-lhe um sorriso supostamente amistoso. — A menos que permita que eu retribua sua gentileza. Foi muito simpática conosco. Vou levá-las à lanchonete aqui ao lado, para comer algo antes de voltar para casa. Vem conosco?

Emilie podia ter recusado, soltado a mão de Mackie e ido se refugiar no banheiro. Mas hesitou.

— Bem eu... — começou a dizer. Em seguida fitou Mackie, que tinha os olhos úmidos, e se emocionou. Não estava em condições de resistir às lágrimas de ninguém. — Se me derem alguns minutos para que eu troque...

— Claro — concordou Matt, olhando para seu vestido branco.

— Por acaso pretendia ir a alguma festa?

— Ia. Mas na última hora houve uma mudança de planos.

— Emilie tentou se, manter >calma. — Onde encontro vocês?

— Que tal na lanchonete? Fica aqui ao lado.

— Combinado. Irei até lá.

— Vai tirar o vestido de princesa? — perguntou Mackie, decepcionada.

— Sim. Ele já faz parte do passado — declarou Emilie, afastando-se.

Mal entrou no banheiro, as lágrimas contidas rolaram por seu rosto. Recostou-se à parede e chorou até os olhos arderem. Finalmente se controlou. Lavou o rosto, enxugou com papel-toalha e tratou de se trocar.

Já com as roupas novas e com a maquilagem refeita, guardou o vestido de noiva dentro da sacola. Mais tarde pensaria no que fazer com ele. Seria um pecado jogar um modelo tão bonito no lixo. O “vestido de princesa”, de acordo com Mackie, não merecia um fim tão patético.

Olhou-se no espelho e suspirou. Podia ter sido pior. Podia estar casada com Ken.

Matt consultou o relógio e pegou o cardápio. Ela não viria. Pediria o jantar e, assim que tivessem comido, colocaria as crianças e os pacotes na caminhonete, e voltaria para casa.

— O que vão querer, crianças? Vou pedir um filé de peito de frango com creme de milho.

— E Emma? Ela não vem? — perguntou Melissa.

— Talvez ela tenha mudado de ideia. Vai ver, resolveu ir à tal festa. — “Ou quem sabe aproveitou a oportunidade para escapar de nós”, pensou Matt, tentando não se desapontar.

— Emma será nossa nova babá?

— De onde foi que tirou essa ideia, Mackie? Mal a conhecemos... — Ele tornou a pegar o cardápio e, silenciosamente, queixou-se da agência de empregos que não cumprira o que prometera, providenciando-lhe a babá.

— Emma pode ir conosco para casa? — insistiu Mackie.

— Ela deve ter outros planos, meu bem.

Matt acenava para a garçonete quando ela chegou. Logo os viu, e encaminhou-se até a mesa perto da janela, onde se encontravam.

Os rostinhos das garotas se iluminaram ao vê-la. Matt levantou-se educadamente para recebê-la, reparando que ela parecia ainda mais bonita em roupas normais.

— Eu sabia que ela viria — disse Melissa, com entusiasmo.

— Só pode estar com fome — comentou Martha, dando de ombros.

Matt olhou para a filha mais velha.

— Não seja mal-educada com quem foi gentil com você.

— Ela gosta de nós — insistiu Melissa. — Até nos comprou sapatilhas!

Matt esteve prestes a dizer que fora ele quem as comprara, não a moça usando o vestido de princesa. Afastou-se um pouco, para que Emma pudesse acomodar-se. Esperou que ela cumprimentasse as crianças e colocasse as sacolas no chão, e só depois tornou a sentar-se. Entregou-lhe o cardápio.

— Começávamos a achar que tivesse desistido.

— Nada disso. Aceitei o convite, não aceitei?

— Ainda bem que veio. Mackie não parou de

falar em você — disse ele.

Reparou que a moça tinha os olhos vermelhos. Podia apostar que chorara, mas não conseguia imaginar o motivo. Era tão bonita e sofisticada... Tinha os cabelos brilhantes e as unhas bem-feitas. E o vestido branco provavelmente custara uma pequena fortuna.

No entanto, sofisticada ou não, devia estar com algum problema. Só esperava que ela não chorasse durante o jantar. Certamente, por estar desperdiçando sua noite de sábado comendo hambúrgueres com um monte de crianças.

— Vai se sentir melhor após comer.

Mesmo sem fitá-lo, Emilie sentiu seu olhar queimar-lhe o rosto. Martha examinou o cardápio.

— Quer hambúrguer com batatas fritas? — Parece delicioso.

Mackie cutucou Emilie.

— Não se esqueça do milk-shake.

— Obrigada por lembrar. Foi exatamente por isso que eu vim. A desconhecida era gentil com as crianças. Sabia lidar com elas, e como comprar suas roupas. Estaria o destino lhe dando algum sinal?

— E então, já decidiram?

Matt tornou a fitar Emma. Gabava-se de ser um bom julgador de caráter e quase nunca se enganava. Ou pelo menos, gostava de pensar que não, embora tivesse cometido muitos erros na vida. Além disso, estava desesperado, apesar de detestar lembrar-se disso.

— Vou querer o, hambúrguer especial, por favor — pediu Emma, olhando para as meninas.

— Milk-shake de chocolate para todas? — Ouviu um coro afinado responder “sim”, — Cinco

milk-shakes de chocolate e um hambúrguer especial... — pediu à garçonete.

— E as meninas? O que vão comer?

— Mais três hambúrgueres especiais... dos grandes... e um filé de peito de frango, com molho e creme de milho.

— Anotado. Têm uma bela família — disse a garçonete, olhando para os dois e recolhendo os cardápios.

— Obrigado — respondeu Matt, meio sem graça.

— Trarei os shakes num minuto.

Martha se aproximou e olhou para a convidada.

— Você está chorando?

— Não — respondeu Emma.

— Mas parece. Está com os olhos vermelhos.

— Marty! — interveio Matt. — Por favor, querida, não perturbe Emma com tantas perguntas.

— Só queria saber...

— Martha! — advertiu ele, e a filha se calou.

Matt se deu conta de que cabia-lhe puxar conversa enquanto aguardavam o jantar. Dirigiu-se à mulher cuja coxa se encontrava perigosamente próxima da sua:

— Então, Emma, você mora em Lincoln?

— Não... — respondeu ela, tomando um gole de água. — Cheguei hoje à cidade, mas, para ser franca, ainda não resolvi se vou ficar.

Então ela devia estar procurando emprego, ou talvez tivesse ido estudar na faculdade. Mas, com vinte e seis anos, só podia estar ali para fazer pós-graduação.

— Já conhece o campus da universidade?

— Não, mas esta tarde vi uma verdadeira multidão dirigindo-se ao estádio de futebol. Que time venceu?

Matt sorriu.

— Bem se vê que você não é daqui. Caso contrário, saberia que o Nebraska sempre vence.

— O Nebraska é o campeão! — exclamou Melissa, e um jovem sentado na mesa ao lado sorriu.

— Adorei minhas sapatilhas — disse Mackie, encostando a cabeça no braço de Emma. Matt a viu abraçar a filha carinhosamente.

— Está procurando trabalho na cidade? — perguntou ele, sentindo a garganta seca. Não estaria sendo tolo?

Os olhos verdes da moça se encheram de surpresa.

— Emprego?

— Se não está, então deve ser estudante... — completou ele, sentindo-se meio ridículo.

— Não, não sou... Ainda não decidi o que vou fazer. — Emilie sorriu, meio constrangida. — E que me encontro numa espécie de encruzilhada, entende?

Não, Matt não entendia. Só sabia que ela era a resposta para suas preces.

— Precisamos ir ao banheiro. — Melissa levantou-se e Martha a seguiu.

— Outra vez?

— Papai! — resmungou Martha. — É feio ficar contando.

— Desculpe. — Ele voltou a olhar para Emma, a mulher que se encontrava na encruzilhada e que talvez precisasse de um emprego. Justamente

naquele momento a garçonete chegou, trazendo uma bandeja com os milk-shakes. Deixou também os canudinhos e os guardanapos. — Obrigado — conseguiu dizer, antes de voltar sua atenção à Emma. — Que tipo de encruzilhada?

— Creio que você não gostaria de saber — Emilie respondeu, tirando o canudo da embalagem.

— Gostaria, sim. De verdade. Diga, por exemplo, que é enfermeira, ou professora. Que adora cavalos e está cansada de viver em cidades grandes.

— Você acertou na mosca quando perguntou se estou procurando emprego. Estou, sim — murmurou ela, ao colocar o canudo no copo.

— Sabe cozinhar, quero dizer, cozinha simples? — perguntou ele, tomando fôlego.

— Um pouco.

— E cuidar de uma casa?

— Fiz isso a vida inteira — mentiu ela.

Matt não hesitou. Nem poderia se dar ao luxo de fazer isso. Tia Ruth o ajudava, mas, com suas frequentes crises de artrite, isso ficava cada vez mais difícil. Stephanie queria que as meninas vivessem em Omaha, mas ele não aceitava a ideia de viver longe das filhas. Havia prometido que contrataria alguém para tomar conta delas, e estaria com problemas se não conseguisse nem mesmo uma candidata para entrevistar.

— Quer trabalhar para mim?

— Fazendo o quê? — perguntou ela, surpresa.

— Vim até a cidade para comprar um trator e procurar alguém para cuidar das meninas, uma babá.

— Já contatou uma agência de empregos?

— Já, mas ainda não me deram resposta. É muito difícil encontrar alguém que queira viver longe da cidade. Já obtive ajuda de algumas pessoas, mas não deu certo. As meninas passaram parte do verão com a tia em Omaha, mas agora estão em casa comigo. Não dá para administrar uma fazenda tendo uma garotinha de três anos em seu ombro o tempo todo.

— O que houve com a sra. Thomson? — perguntou a moça, encarando-o com seus olhos verdes.

— Infelizmente, ela morreu.

— Sinto muito...

— Bem, desde então uma tia minha tem me ajudado, mas ela sofre de artrite e a doença piorou nos últimos tempos. Achei melhor mandá-la de volta para as filhas.

— Lamento.

Matt sabia que Emma não estava se referindo às dores de tia Ruth.

— Sendo assim, fiquei sem ninguém... — Naquele momento as garotas retornaram à mesa, seguidas pela garçonete, que trazia uma bandeja com os sanduíches. — Bem, esqueça, foi só uma ideia maluca que tive.

Emilie nada disse, e gentilmente tentou acordar Mackie, para que ela comesse seu hambúrguer. Matt se ocupou em colocar catchup e mostarda em cada um dos sanduíches. Reparou que Emma havia distribuído guardanapos a todas e que agora ouvia a discussão das meninas sobre se gostavam ou não de tomates.

Bem, ele tentara. Pena Emma não ter aceitado. Mas, por outro lado, ela não recusara a oferta. Gostaria de ter mais tempo para convencê-la...

Sorriu. Devia estar mesmo muito desesperado,

para achar que uma ideia tão louca desse certo.

Enquanto o pai pagava a conta, Martha insistiu em levar as irmãs ao banheiro, antes de viajar até a fazenda. Era sua obrigação, como mais velha, segurar a mão de Mackie para que ela não se perdesse, e verificar se as duas lavariam as mãos.

— Andem logo! — pressionou.

— Já estou indo... — respondeu Mackie.

— Também acabei — declarou Melissa, abrindo a porta do banheiro.

— Lavem as mãos e não demorem. Temos uma reunião em família.

Mel enxugou as mãos molhadas e olhou, interessada, para a irmã.

— Por quê?

— Precisamos convencer papai a deixar Emma ir conosco para casa.

Mackie abriu a porta e aproximou-se da pia. Olhou para o sabonete líquido cor-de-rosa com alegria, e começou a espalhá-lo nas mãos.

— Gosto muito de Emma. — Ergueu os braços, pedindo a Martha que abrisse a torneira e verificasse se a água não estava muito quente.

— Eu também. Ela é legal — observou Melissa. — Acho que é uma princesa. Comprou sapatilhas cor-de-rosa para nós.

— E não me obrigou a comer tomate — disse Martha.

A última babá tinha sido muito aborrecida. Uma outra as forcara a comer dobradinha. A mais bonita delas preferia conversar com papai, ao invés de ler histórias. Tia Ruth estava sempre doente e tia Steph não queria que morassem na fazenda, além de ser alérgica a cachorros. Martha

não pretendia morar com tia Steph e deixar papai. O que ele faria sozinho?

— Direi a papai que queremos que ela venha conosco — insistiu Melissa.

Martha deu uma toalha de papel para Mackie antes que a menina molhasse a camiseta.

— Ela pode não querer ir.

— Não?

— Não?

Martha deu de ombros.

— Ela andou chorando. Deve ter tido um dia horrível.

— Oh! — exclamou Mackie, com o lábio inferior tremendo.

— Não comece a chorar justamente agora, Mackie. Chore quando eu mandar — disse Martha. — Fique grudada em Emma e não a deixe partir. Como fez quando estávamos na loja, lembra?

A menina assentiu.

— E quanto a papai? — perguntou Melissa, preocupada.

— Eu cuido dele.

Capítulo 3

O restaurante parecia vários decibéis mais silencioso com as crianças no banheiro. Emilie achou mais fácil fazer a pergunta que a incomodara durante todo o jantar:

— Por que me oferece um emprego? Afinal, nada sabe sobre mim... — Dobrou o guardanapo e colocou-o sobre a mesa.

Matt não pareceu surpreender-se.

— Você passou no primeiro teste.

— Que teste?

— O das compras. — Matt Thomson riu suavemente, fazendo com que o rosto parecesse mais jovem.

— Estive pensando nisso durante o jantar — recomeçou Emilie. — Eu...

— Conseguiu pensar durante o jantar? Aprovada em mais um teste.

Ela riu.

— E por que não? Foi muito divertido, e mais animado do que os jantares, a que costumava ir — disse, lembrando-se dos encontros formais e enfadonhos a que era obrigada a comparecer ao lado do pai e de Ken.

— Você tem filhos?

— Não.

Matt contemplou-lhe a mão e Emilie ficou grata por ter tirado a aliança de noivado.

— Também não é casada.

— Não. Veja bem, sr. Thomson, estou aqui passando férias. — As sobrancelhas do rapaz ergueram-se, indagadoras, fazendo-a entender que

a cidade de Lincoln, Estado de Nebraska, não era exatamente o lugar que alguém escolheria para passar férias.

— Estou tentando decidir o que fazer a respeito do meu futuro. O fazendeiro pegou a xícara de café e tomou um grande gole da bebida fumegante.

— Continue.

— Bem... — Emilie hesitou. O que faria para sobreviver? Poderia ligar para Paula e pedir algum dinheiro emprestado. Mas não iria agir assim indefinidamente. E não conseguiria falar com o banco até terça-feira, já que o final de semana seria prolongado. Restava uma opção: voltar para casa. — Estou interessada no emprego, mas não sei por quanto tempo poderei ficar.

— Quer dizer, quantos meses?

— Dias.

— Dias? — repetiu ele, desapontado. — Isso não ajudará muito.

— Você nem sabe se sou o que procura. Seria como um período de experiência. — O que estava fazendo? Emilie tentou conter o pânico que ameaçava levá-la ao telefone e ligar para o pai.

— Prossiga.

— É só o que tenho a dizer. Agora é sua vez de dizer o que tem em mente.

Fora ele quem tocara no assunto. Portanto, devia dar algumas explicações. Ergueu o queixo e esperou, mas Matt Thomson levantou-se e começou a juntar os pacotes, pronto para partir.

— Preciso de alguém que substitua a mãe delas — disse.

— Você levará as duas mais velhas para a escola, e Mackie para o maternal. Fará os bolos de que elas gostam, preparará as refeições e cuidará

da casa. Não sou muito exigente, e contento-me em ver as meninas felizes. — Informou o salário que pretendia pagar, descreveu o plano de saúde e disse que ela teria os domingos de folga, e que poderia usar seu carro. — Será como se fizesse parte da família — continuou, olhando na direção do banheiro. — Reconheço que não é exatamente um trabalho interessante. E, quanto ao tempo em que pretende-ficar, não tem importância. Pode permanecer um mês, dois, ou pelo menos até eu contratar outra pessoa. Será melhor que trabalhar como garçone em Lincoln.

E melhor do que enfrentar a ira de George Grayson. Não seria tão difícil. Fazer compras tinha sido bem fácil. Na verdade, fora uma brincadeira. E teria um lugar para morar até resolver o que faria o resto da vida.

— Muito bem. Aceito fazer uma experiência de duas semanas. Então, veremos — informou ela, sabendo que jamais conseguiria ficar mais do que isso.

— Fico grato que tenha aceitado. Menos uma preocupação. — Matt sorriu de modo radiante.

Emilie então pegou as sacolas com as compras e levantou-se.

— Emma! — exclamou Melissa, ao aproximar-se da mesa, seguida de perto pelas irmãs. — Aonde vai?

Mackie começou a chorar e agarrou-se às pernas de Emilie. Martha ficou parada, olhando para o pai, como que implorando que ele fizesse alguma coisa para que a moça não fosse embora.

— Mackie, por favor, não chore... — pediu Emilie, notando que começavam a chamar a atenção.

— Bem... — O olhar de Matt encontrou o

dela. Emilie notou que parecia exausto. — Vem conosco ou não?

— Estou tentando — respondeu ela, sorridente, incapaz de se mover com a garota presa aos seus joelhos. Afagou-lhe os cabelos macios. — Mackie, querida, você precisa me deixar ir.

— Não!

Martha segurou-a pelos ombros.

— Não seja boba, Mackie. Ela vai para casa conosco.

— Vai?

Emilie não sabia o que fazer.

— Irei, se você parar de chorar e me ajudar a carregar esses pacotes.

Para alívio de Emilie, a garotinha de imediato a soltou. Sorriu e pegou as sacolas.

Emilie voltou-se para Matt Thomson, com Mackie agarrada fortemente à sua mão.

— Estou pronta. Vamos?

— Vamos. — Matt disse aquilo e voltou-se para ir embora. Quatro mulheres o seguiram porta afora.

A noite estava quente. Emilie hesitou ao ver Matt colocar os pacotes, inclusive os dela, na parte traseira da caminhonete.

Em seguida viu-o abrir as portas do veículo e ajudar Mackie a entrar. Voltou-se em sua direção.

— Você vem na frente — avisou.

Aquela era sua última chance de desistir e voltar para casa. Emilie endireitou os ombros. Não era uma boa ideia. Aquela família caíra do céu. Ficaria numa fazenda, distante da cidade, onde ninguém poderia encontrá-la. Entrou na

caminhonete e olhou para o banco de trás, onde as três garotas se encontravam. Eram crianças adoráveis. O pai, também. O que poderia dar errado?

Afinal, não permaneceria em Nebraska para sempre.

— Tente ficar à vontade — sugeriu o fazendeiro, ligando o motor. — Estamos longe de casa.

— Quanto tempo até lá?

Quanto mais longe, melhor, esteve prestes a dizer, mas se conteve.

— Cinco horas, talvez mais.

— Então precisaremos atravessar o Estado?

— Nem tanto, mas é o que parecerá. — Ele sorriu, um sorriso encantador, e pisou no acelerador.

Emilie virou a cabeça para olhar pela janela. Não havia muito o que ver, além de campos que se perdiam a distância. Em breve escureceria, e aquele dia terrível finalmente terminaria. Recostou-se na poltrona e respirou, aliviada.

— Comprei uma legging preta igual à de Jennifer — Martha murmurou, abraçando o travesseiro.

— Ótimo, mas agora durma. É muito tarde — disse Matt, puxando o lençol até os ombros da filha.

— Que horas são?

— Bem tarde — respondeu ele, apagando a luz do abajur. Ao voltar-se para Melissa, viu que ela adormecera abraçada às benditas sapatilhas. Talvez pretendesse usá-las pela manhã. Sorriu. Não entendia nada de garotas, mas pelo jeito havia encontrado alguém que as compreendia. Tornou a

olhar para Mackie. Levou a garotinha para a cama sem acordá-la. Sabia que ela gostaria de acordar pela manhã ainda vestida, mas que fazer? Emma o aguardava na cozinha. Parecia exausta. Sentada, as sacolas no chão, lembrava uma viajante na estrada, à espera do ônibus. Era bonita e, ao que tudo indicava, agradável. Com sorte, ficaria ali o suficiente para que ele conseguisse se livrar de Stephanie, que vivia insistindo em levar as meninas para Omaha.

— Venha comigo. Vou mostrar seu quarto. Não se preocupe com a cozinha. Terá o fim de semana para descobrir onde encontrar as coisas. As garotas a ajudarão.

Matt levou-a para o quarto que fora de tia Gertrude, irmã de seu pai, e que abrigara parentes e amigos após sua morte. Ficava perto da cozinha. Ali, ela teria banheiro privativo e uma bela vista dos pastos. Abriu a porta do aposento e acendeu a luz. Fez com que Emilie entrasse.

— Obrigada — disse ela, educadamente, olhando em torno. Matt seguiu seu olhar. A mobília provavelmente era a mesma de séculos atrás. Tia Gertie gostava de se ver cercada de antiguidades, e, depois que ela se foi, ninguém se deu ao trabalho de redecorar o aposento. Havia coisas mais importantes a fazer.

— A cama deve estar forrada — disse ele. — Se não estiver, encontrará lençóis limpos no armário.

— Gostei. O quarto parece confortável.

— Ainda bem que gostou. — De repente, Matt não sabia o que dizer. Sentia-se cansado como nunca. No entanto, permanecia ali, com uma linda mulher, uma estranha, e falava sobre lençóis. Encaminhou-se à porta. — Não precisa acordar cedo para fazer o café. Ninguém levantará antes

das sete.

Dito isso, saiu, fechando a porta. Voltou à cozinha para apagar a luz e em seguida subiu a escada.

Após duas noites passadas num hotel, era bom dormir na própria cama. Afinal, o fim de semana fora bastante proveitoso. Consequira encontrar uma babá, comprar roupas para as crianças e adquirir um novo trator.

Emilie agitou-se, inquieta, durante quase toda a noite, no surpreendentemente aconchegante aposento ao lado da cozinha, até que o dia amanheceu. Levantou-se e foi até a janela. Era hora de tomar café e dar uma olhadela na casa. Era hora de ser Emma Gray, a empregada.

Tudo o que conseguia avistar dali eram campos sem fim e algumas construções, um pouco à esquerda. Deviam ser galpões e celeiros. Consequia ver ao longe, atrás das colinas, a estrada e os telhados poeirentos. Colinas de areia, como dissera o sr. Thomson.

— Bem-vinda às colinas de areia! — anunciara ao deixar a estrada interestadual, rumo à fazenda.

Ao olhar para aqueles campos verdejantes, Emma lembrou-se dos filmes de faroeste que vira no cinema. Ali era onde os búfalos pastavam, os veados vagavam e os antílopes brincavam.

Era onde Emilie Grayson teria seu primeiro trabalho remunerado.

Correção: onde Emma Gray aprenderia a ser uma boa mãe. Depois de lidar com três crianças, não teria dificuldade em lidar com os próprios filhos. Mas... será que algum dia iria arriscar-se a se casar?, pensou, vestindo a calça de brim.

Revirou a sacola, à procura de uma blusa. Provavelmente ficaria solteira até pelo menos os

trinta anos. Seu plano mais imediato seria encontrar um bom apartamento em Chicago e decorá-lo.

Calçou os mocassins. Não precisaria se casar para ter todas aquelas porcelanas, os cristais, e as peças belíssimas que ganhara de presente, e que agora seriam devolvidas. A secretária de seu pai teria pela frente uma semana bastante agitada.

Afastou aqueles pensamentos e saiu do quarto na ponta dos pés. Podia sentir cheiro de café. A cozinha era enorme, e provavelmente usada para as reuniões da família. Havia um velho sofá marrom encostado em uma das paredes, um balcão com os eletrodomésticos, o armário com as louças, além de uma cadeira, de balanço. O sr. Thomson encontrava-se sentado à mesa oval, uma xícara fumegante diante dele. Fitou-a por sobre o jornal que lia.

— Bom dia — cumprimentou.

— Bom dia. — Emilie sentiu-se surpreendentemente tímida.

— Vejo que preparou o café. Ele sorriu cordialmente.

— Estou acostumado a me virar sozinho. O trabalho começa cedo por aqui.

— Desculpe por não ter acordado antes. Preciso ajustar o despertador — disse Emilie, aproximando-se do bule.

— Hoje é domingo e não há necessidade de acordar cedo.

— Ele dobrou o jornal e o deixou de lado. — Minha tia deve passar por aqui por volta das nove, para levar as meninas à igreja. Pode aprontá-las a tempo?

Emilie olhou para o relógio. Tinha duas horas e meia para fazer isso.

— Sem problemas.

— Ótimo. — Matt levantou-se e pegou o chapéu.

— Sr. Thomson...

— Chame-me Matt — disse ele, voltando-se da porta.

— Está bem... Matt. Poderíamos nos sentar e definir a programação da semana? Gostaria de saber o que as meninas fazem durante o dia.

— Martha lhe dirá. Ela sabe como as coisas funcionam por aqui. Ruth também. Bem, preciso voltar ao trabalho.

— Está certo.

Viu-o sair da cozinha, ouviu a porta bater, e então começou a abrir os armários até encontrar as canecas. Escolheu uma decorada com a bandeira de um time de futebol e a encheu de café. Tomou alguns goles e não gostou. Na próxima compra, escolheria um pó de melhor qualidade. Pôs-se a abrir portas e gavetas para ver onde se encontravam os utensílios de que iria precisar.

— Procurando algo? — perguntou uma voz.

Emilie se voltou e deu com uma senhora rechonchuda, de cabelos grisalhos, parada à porta. Usava um vestido estampado e tinha três rolinhos no topo da cabeça. Parecia inofensiva, embora não sorrisse.

— Explorando o território — corrigiu Emilie, curiosa demais para se sentir ofendida.

— Acho melhor fechar as portas dos armários antes que bata com a cabeça. Não queremos ver ninguém machucado.

Emilie obedeceu, deixando aberta apenas a parte das canecas.

— Posso lhe oferecer uma xícara de café?

— Obrigada... Infelizmente, não posso tomar café. — A velha senhora andou até a mesa e sentou no lugar oposto ao de Matt.

— Chá?

— Não, obrigada. Vou tomar café mesmo. O dr. Ned não precisa saber.

— Puro ou com leite?

— Puro. Sirva-me antes que esfrie. Gosto dele fumegando.

— Eu também... — Emilie tornou a servir-se e levou as duas xícaras à mesa. Sentou-se perto da senhora, cautelosamente deixando uma cadeira vaga entre elas. — Sou Emma Gray — apresentou-se. — E você é...?

— Ruth Tuttle. Tia Ruth. Pode me chamar assim, se quiser. — Tomou um gole de café e se mexeu na cadeira, como se sentisse alguma dor. — Maldita artrite.

— O sr. Thomson me disse que a senhora tomava conta das meninas.

— Ainda tomo. Matthew me contou que havia contratado alguém em Lincoln, e tive que vir ver com meus próprios olhos. Pobre Matthew, não tem muita escolha, com Stephanie em sua cola o tempo todo...

— Quem é Stephanie?

— A irmã dele. Você a conhecerá em breve. Ela virá como um foguete, assim que souber de sua chegada. — Ruth olhou por sobre os ombros, na direção do fogão. — O que está preparando para o café?

— Nada. Matt disse que não era preciso.

A expressão da senhora demonstrava o que ela

achava da notícia.

— Suponho que hoje ele tenha preparado o próprio café da manhã...

— Sim.

— Isso não vai matá-lo. Da próxima vez, faça-o deixar os pratos sujos dentro da pia. Ninguém precisa de um homem com maus hábitos. Quem mora sozinho costuma adquiri-los com mais rapidez do que se possa imaginar.

Emilie tentou não rir. Tia Ruth falava sério, e obviamente entendia do assunto.

— Mais alguma coisa? — indagou à senhora.
— Ele me disse para que me inteirasse sobre os horários e a rotina das meninas.

— Elas precisam de um café decente todas as manhãs. — Os olhos azuis da mulher estreitaram-se. — Mas nada de cereal com açúcar, embora elas adorem. É péssimo para os dentes. Você tem filhos?

— Não.

— Suponho que não. Caso contrário, não teria vindo para cá. A menos que seja uma daquelas mulheres que largam a família “para se encontrar”. Não aguento isso.

— Bem, eu...

— É divorciada? Uma daquelas mulheres amarguradas com ódio dos homens?

— Não sou divorciada — disse Emilie, tomando cuidado para não responder à outra pergunta. — Nunca fui casada.

— Nem chegou perto de ser?

— Bem perto.

— Tive três maridos, e um deles era tio de Matthew. Meus sobrinhos trabalham aqui na

fazenda. Você é bem bonitinha, embora magra demais para o meu gosto. Os homens não vão deixá-la em paz. Mas não ligue, nem levante a saia para ninguém. — Piscou maliciosamente. — Lembre-se de que é preciso dar bom exemplo.

— Não se preocupe. Nem sequer tenho saias.

— Hum... — Aqueles olhos azuis estudavam-lhe o rosto atentamente. — Vai à igreja?

— Fui ontem — respondeu a moça.

— Temos uma igreja na cidade, e um padre decente. Fala alto o bastante para eu escutar. A missa começa às dez e gosto de chegar cedo. Apronte as meninas às nove, porque dirijo devagar. — Levantou-se e pegou a bengala. — Maldito quadril — murmurou baixinho. — Se quiser nos acompanhar, será um prazer. Estaremos de volta ao meio-dia. Meu sobrinho lhe deu o domingo de folga?

— Sim.

— Então, vou descongelar alguma coisa para o almoço.

— Não se preocupe com isso — disse Emilie. — Nem com qualquer outra coisa.

— Sei — foi a única resposta da senhora. — Você não me parece o tipo doméstica, Emma Gray. Essas suas unhas bem-feitas custam caro.

— Mas isso não significa que eu não saiba cozinhar — blefou Emilie.

Mas também não significava que soubesse: Notou que havia vários livros de receitas no armário, perto do fogão. Como Paula havia lhe dito certa vez: se você sabe ler, sabe cozinhar.

— Você não parece uma empregada.

— Cuidei de meu pai durante muitos anos — declarou Emilie. Era verdade, embora um tanto

distorcida. As sobrancelhas grisalhas de Ruth Tuttle se ergueram ceticamente. Emilie continuou, imaginando se os deuses a castigariam por tantas mentiras: — Cuido da casa desde os dezessete anos.

Na verdade, queria dizer que dava ordens aos empregados, selecionava os cardápios da semana e era responsável pela organização da agenda social do pai. Não sabia por que precisava impressionar a tia de Matt Thomson, mas seria bom inspirar confiança. Algo naquela velha senhora a agradava muito.

— Seja como for, apronte as meninas às nove. E nada de jeans. Quero que estejam decentemente vestidas.

— Vão estar. — Pegou a xícara de Ruth antes que ela tentasse levá-la para a pia. Já tinha problemas demais com a bengala.

— O café estava ótimo — disse a senhora, saindo pela porta.

— Por que não posso ir à igreja com meus jeans novos? A maioria das crianças vai — queixou-se Martha.

Emilie enfiou o vestido pela cabeça de Mackie, ajudando-a a passar os braços pelas mangas.

— Sua tia não gosta.

A garota deu de ombros.

— Talvez ela nem perceba.

— Melhor não contrariá-la. Vista-se, vá à igreja e, na volta, coloque o jeans. — Emilie voltou-se para Mackie, e abotoou seu vestido. Em seguida olhou para o relógio. — E depressa. Tia Ruth não nos perdoará o atraso.

Martha jogou a calça jeans sobre a cama e resmungou:

— Odeio vestidos! Quero usar minha roupa nova! Mackie entregou uma escova de cabelos a Emilie, para que a penteasse.

— Ponha o vestido, Martha, por favor. — Ela sorriu: —

Quer que a ajude a escolher um?

Melissa, já pronta, preferiu esperar as irmãs deitada na cama. Deitou-se e puxou o lençol até o queixo. Martha abriu o armário. Logo Emilie começou a ouvir o barulho dos cabides de plástico e os murmúrios frustrados da garota. Tentou não rir ao lembrar-se do tempo em que estudara no colégio interno. Armário bagunçado era algo que não estranhava.

— Quer ajuda?

Silêncio. Depois, a menina finalmente disse:

— Será que poderei usar minha saia nova?

— Acho que sua tia também não vai gostar. — Emilie prendeu o cabelo de Mackie com uma fita cor-de-rosa. — Está pronta, mocinha.

— Obrigada, Emma. — Mackie deu-lhe um abraço e foi mexer com Melissa. — Acorde, Mel, nós já vamos!

Emilie esperou que Martha parasse de mexer no armário. Esperava que as meninas cooperassem naquela manhã. Mas estavam cansadas da viagem. Olhou em torno do quarto que Martha e Melissa partilhavam. As sacolas das lojas com as roupas novas encontravam-se espalhadas no chão. Mackie, a mais nova, e que acordava mais cedo, tinha seu próprio quarto, porque as duas mais velhas não gostavam de acordar de madrugada.

As garotas já haviam explicado várias coisas a ela. Que o pai possuía uma fazenda enorme, com vários cavalos e vacas. Que tia Ruth não batia com a bengala em quem gostasse. Que preferiam cereal

açucarado no café da manhã, e detestavam ovos. Que o nome do cachorro era Sorrow. Ele comia ração e não podia entrar em casa. Além do cachorro, possuíam quatro gatinhos, que dormiam no celeiro. Gostavam da escola. Mackie chupava o dedo, quando ninguém estava olhando. A mãe delas morrera havia muitos anos.

Emilie, relutante em continuar ouvindo, apressou-se em levá-las para baixo.

Capítulo 4

— Descubra quem ela é, Matthew Michael Thomson. Não quero que uma estranha tome conta das crianças.

Matt tirou o chapéu e enxugou o suor da testa com o braço. A temperatura deveria chegar aos quarenta graus, principalmente por volta do meio-dia.

— Eu já disse que ela me ajudou com as compras e que estava procurando emprego, até decidir se volta a estudar ou não. E pare de ficar me apontando essa bengala, tia Ruth.

— Se aquela mulher é estudante, eu sou a campeã dos rodeios — retrucou a senhora. — Consegue me imaginar usando um daqueles cinturões enfeitados?

Matt balançou a cabeça.

— Para nós, você sempre será uma campeã.

— Poupe suas ironias, Matthew. Quero saber quem é essa mulher.

— Por que não tenta descobrir você mesma? Pergunte a ela.

— Acho que é exatamente o que farei. Não gosto de mistérios. E Matt não gostava de meter o nariz nos assuntos alheios.

— Ela vai com vocês até a cidade?

— Não. Disse que ficará em casa para preparar o almoço — resmungou a senhora.

Isso significava que não teriam que tornar a comer bolo de carne. Podia jurar que tia Ruth preparava vinte e dois deles de uma só vez, um para cada domingo do ano.

— E o que há de errado nisso?

— Nada, se ela souber cozinhar. Mas, se eu não estiver enganada, sua nova empregada não consegue fazer pipocas no microondas.

Matt também não punha a mão no fogo pela habilidade de Emma como cozinheira. Estava sendo movido pelo otimismo, talvez pela fé e pelo desespero do momento. A combinação seria fatal. Ou salvaria sua pele.

— Creio que teremos de esperar para ver, não é? — sugeriu ele.

Ruth deu de ombros. Acenou com a bengala e retornou à casa que há muito tempo era a sede da fazenda.

— Vou me aprontar para a missa. Pedi a sua nova secretária para que arrumasse as meninas para as nove.

— Tenho certeza de que ela não se atrasará — disse Matt, sem muita convicção.

Sorriu. Já não se lembrava mais de como era ter uma mulher em casa e ficou surpreso ao vê-la acordada tão cedo. Mas saiu de casa o mais depressa que conseguiu. Havia trabalho, e muito, a fazer. Como sempre. Mas, nos domingos, ele costumava descansar. Os rapazes cuidaram muito bem de tudo enquanto esteve fora. Portanto, acabou verificando o que já havia sido feito.

Matt se aproximou da porta da cozinha com relutância. Emma Gray era uma linda mulher, do tipo que um homem como ele devia evitar. Uma vez lá dentro, teria que ficar atento às próprias ações e fingir que não a achava encantadora. De qualquer forma, não queria se envolver com mulheres tão cedo.

Provavelmente, precisaria fazer algumas perguntas, pedir referências, esse tipo de coisa.

Havia contratado dezenas de homens, seguindo apenas os instintos. E só se enganara uma única vez.

Queria muito que Emma soubesse cozinhar, pois só assim Ruth sossegaria e perceberia que eles poderiam sobreviver sem Stephanie.

Abriu a porta e aspirou. Sim, cheirava a comida. Cheirava a... fumaça?

— Que diabos pensa que está fazendo?

Emilie deu um salto, afastando-se do fogão, mas não se voltou. Sabia a quem pertencia aquela voz.

— Está querendo pôr fogo na casa? — Matt aproximou-se e desligou o forno.

— Só estava tentando fazer um assado — disse ela, perto das lágrimas.

— Pensei que tivesse dito que sabia cozinhar.

Emilie o fitou, e em seguida olhou para a carne que preparava.

— Nunca cozinhei num fogão a gás. É muito mais... forte.

— Usamos o gás porque a energia costuma faltar por aqui.

— Poderia afastar-se, por favor? Matt não se moveu.

— A carne queimou.

— Posso retirar as partes queimadas.

— Não se pode fazer isso com a carne.

— Em Chicago, nós fazemos.

Aquela declaração o deixou sem argumentos. Matt se afastou, enquanto ela tirava as partes queimadas do assado. A assadeira estava preta.

— Vocês não usam panelas antiaderentes aqui

em Nebraska?

— Não. Aqui em Nebraska nós sabemos cozinhar sem queimar — respondeu ele.

Emilie olhou para trás e viu-o folheando um livro de receitas.

— Eu também sei — disse ela. — Faço um excelente molho Alfredo.

— Um o quê?

— Oh, esqueça! — Voltou-se para o assado. Talvez ficasse comestível se colocasse a carne num molho de manteiga com cebolas em rodela. — Gosta de massa?

— Não muito. Prefiro carne, frango... E às vezes frutos do mar, quando vou a algum restaurante. O que não acontece com muita frequência. — Ele se aproximou e pegou as fatias queimadas de carne, já colocadas na travessa.

— O que está fazendo? — perguntou Emilie, com vontade de gritar. Tanto tempo preparando o assado e, em minutos apenas, conseguira destruir tudo.

— Vou dar esses pedaços queimados aos cachorros. Tomara que não tenham indigestão.

— Não pode fazer isso. É nosso almoço. Eu disse à sra. Tuttle que teria a comida pronta à uma e já é quase meio-dia. — Olhou para o relógio que havia sobre a geladeira.

— Sirva outra coisa. Temos carne de sobra no freezer. Você o encontrou, não foi? — Ela assentiu. — Descongele um pedaço de filé mignon, corte em bifes, tempere e frite. Mas lembre-se: fogo baixo.

— Achei que estivesse fazendo isso.

— Sei. O que mais podemos preparar para acompanhar a carne?

— Ervilhas e arroz está bem? — Ela vira latas de ervilha na despensa. Arroz, sabia fazer. — Precisa mais?

— Que tal beterraba?

Ele podia até querer cobras assadas, mas isso não significava que fosse prepará-las.

— Não sei... Acho que não vai dar certo.

— Não desista tão cedo. Vou pegar a carne no freezer. Enquanto isso, coloque a assadeira de molho. Vamos abrir todas as janelas, para o cheiro de queimado sair da casa. Enquanto isso, você vai me contando a história da sua vida. E, quando Ruth chegar, não suspeitará que a carne queimou.

Emilie não conseguiu evitar um sorriso.

— Ela não gosta de mim, não é?

— Nada pessoal — garantiu Matt, aproximando-se da porta. — Não se conforma por não poder cuidar das meninas. E, para piorar a situação, o médico a mantém numa dieta rigorosa, para baixar o nível do colesterol.

— Se ela está com problema de colesterol, acho que não devia comer carne.

— Estamos numa fazenda, e carne é o que mais temos por aqui.

Enquanto Matt saía da cozinha, ela pegou a assadeira e levou à pia. Colocou água e detergente, para que a crosta queimada amolecesse. Não daria tempo de lavá-la, e precisava escondê-la da sra. Tuttle. Resolveu colocá-la dentro do forno. Em seguida, tratou de abrir as janelas.

Suspirou ao olhar para fora. Matt queria saber de sua vida. Mas seria embaraçoso contar por que fugira de Chicago. Não pretendia voltar para casa tão cedo. Não antes que o pai tivesse tempo para se acalmar. Enquanto isso, precisava se manter

sem a ajuda dele.

Matt retornou à cozinha, trazendo um pacote. Colocou-o sobre o balcão.

— Os cães agradeceram... — disse. Emilie o fitou.

— O que é isso?

— Filé mignon. Colocarei no microondas para descongelar. Depois, cortaremos em bifes. — Pôs a carne dentro do microondas e programou o tempo de descongelamento. — Vou ajudá-la. Caso contrário, terei de aguentar as reclamações de Ruth.

— Obrigada pelo apoio.

— Não tem problema. — Voltou-se para fitá-la. — Sabe fritar bifes?

— Obviamente que não.

— Primeira regra — disse ele, com um sorriso travesso: — nada de fogo muito alto.

— Isso eu já aprendi. — O microondas apitou. Matt foi verificar. Virou a carne e tornou a ligar. — Você parece saber o que faz.

— Preciso saber — respondeu ele, perdendo o brilho dos olhos. Emilie percebeu que não devia insistir no assunto.

— Sempre morou aqui, na fazenda?

— Sim. Meus bisavós a compraram e meu avô expandiu o negócio. Atualmente, é uma das mais promissoras da região.

— É você o encarregado de tudo?

— Sim, mas conto com a ajuda de bons empregados.

E agora tinha mais um: ela, que não havia começado muito bem. Como podia Emilie

Grayson, uma socialite e extraordinária anfitriã de Chicago, ter se metido naquela enrascada? Em menos de vinte e quatro horas perdera o noivo, deixara o pai furioso, fugira dos amigos e se mudara para um lugar perdido em Nebraska. Temporariamente, consolou-se.

Mas não estava arrependida. E não tinha tempo a perder pensando no passado. Tinha um almoço para preparar. E muito o que aprender. Especialmente antes que Ruth Tuttle chegasse da missa.

— Excelente almoço — declarou Matt. — Pode me passar o arroz?

Ela lhe passaria qualquer coisa, desde que continuasse a elogiá-la. Emilie ergueu a pesada travessa e entregou-lhe.

— Mais alguma coisa?

— Onde encontrou essa toalha? — perguntou Ruth, examinando a mesa.

— Em uma das gavetas do armário da cozinha — respondeu ela. — Não devia?

Ruth encolheu os ombros, mas deu a entender que não havia gostado.

— Não costumamos usar algo tão chique, nem mesmo aos domingos.

Matt ergueu o prato com os bifés.

— Alguém quer mais?

Todos ficaram em silêncio. Emilie supôs que estivessem satisfeitos. Olhou para Mackie, sentada a seu lado.

— Quer que corte mais um bife para você, querida?

— Não, obrigada... — disse a menina, bocejando.

— Essas crianças estão exaustas, Matthew. Não devia ter deixado que ficassem acordadas até tão tarde — reprovou Ruth.

— Não pude evitar. Elas precisavam de roupas novas. Você mesma disse.

— Soube que você os ajudou com as compras — disse a senhora, olhando para Emilie.

— Foi um prazer. Aceita mais um pouco de arroz?

— Não, obrigada. Estou satisfeita.

Ela dissera aquilo como se temesse ser envenenada, mas Emilie ignorou-a e continuou sorrindo. Já havia enfrentado situações mais difíceis como anfitriã dos convidados de seu pai.

— Matt me contou que a senhora nasceu neste rancho... Houve muitas mudanças desde então?

— Nem pode imaginar! — respondeu a senhora, com um suspiro saudosos. — Naquela época não havia essas máquinas maravilhosas. Meu pai e meus irmãos contavam apenas com cavalos.

Mackie saiu da cadeira e foi para o colo do pai. Ele continuou comendo normalmente enquanto a segurava, demonstrando estar acostumado a isso. Emilie se perguntou se algum dia também havia sentado no colo do pai. Não conseguiu se lembrar. Tornou a voltar-se para a tia de Matt:

— Quantas pessoas havia em sua família?

— Eu era a única mulher entre mais oito irmãos — respondeu ela orgulhosamente. — Meu pai costumava dizer que eu dava mais trabalho do que os oito juntos.

Emilie acreditava que sim.

— Era a mais nova? — Olhou para Matt, reparou que ele havia afastado o prato e que

Mackie adormecera em seu colo.

— Certamente. Mamãe costumava dizer que não parou de tentar enquanto não conseguiu uma menina. Queria ajuda em casa.

— Eu gosto de ajudar na cozinha — disse Martha.

— Eu também — concordou Melissa.

— Então, ajudem a tirar a mesa — sugeriu tia Ruth quando

Emilie começou a recolher a louça, da forma que sua empregada costumava fazer. — Querem café?

— Você precisa ter sempre uma garrafa pronta — avisou Ruth.

— Caso não saiba, os fazendeiros tomam café o dia inteiro.

— Deixe comigo. — Ela sorriu. Café quente, carne mal passada, dois tipos de vegetais. Aos poucos, aprenderia como agradá-los.

— Com o calor que está fazendo, vou preferir chá gelado — interveio Matt. — Eu mesmo pegaria, mas...

— Eu o servirei — assegurou Emilie, desejando ter seis mãos e mais um par de pernas. — Um minutinho.

— De onde mesmo você disse que era? — quis saber tia Ruth.

— De Chicago.

Emilie colocou os pratos sobre o balcão e pegou o chá gelado. Melissa derrubou o saleiro, que rolou para debaixo da mesa.

— Eu pego — disse a garota, passando por entre as cadeiras.

— E como foi acabar justamente aqui em Lincoln? É uma cidadezinha agradável, e Deus sabe como gostamos do nosso time de futebol, mas não...

— Com licença — pediu Emilie, pegando a travessa com a carne. Havia apenas dois bifes, o que significava que o almoço tinha sido um sucesso. — Alguém quer sorvete? Encontrei dois sabores no freezer: baunilha e morango.

— Eu! — gritou Melissa, pulando e cortando a passagem de Emilie.

A travessa que ela retirava da mesa escorregou e os dois bifes foram cair no colo de tia Ruth.

Foi o melhor almoço de domingo da vida de Martha. Claro que suas irmãs concordaram plenamente. Quase nunca discordavam, e ninguém podia negar quanto fora divertido ver os bifes voarem para o colo de tia Ruth. Mackie acordou com o grito do pai, a tempo de ver a tia pulando da cadeira. Melissa se abaixou e tentou não ser atingida quando a carne passou raspando por ela. Fora tão engraçado! As meninas riram muito, sentadas no quarto de Martha, para onde haviam sido mandadas a fim de trocar de roupa. Foi mais engraçado do que quando Sorrow trouxe um rato para o meio da sala.

— Será que tia Ruth vai mandar Emma embora? — perguntou Melissa....

— Não acredito — Martha colocou seu short velho de algodão e sua camiseta cor-de-rosa favorita.

— Tem certeza?

— Se ela tentar, Mackie fará um escândalo tão grande que Emma será obrigada a ficar. Certo, Mackie?

— Certo. — Mackie sentou no chão, chupando

o dedo. Em questão de segundos, Melissa tirou o vestido e colocou as roupas de brincar.

— Quanto tempo teremos de ficar aqui em cima?

— Não muito — disse Martha, para não revelar que não fazia ideia. Alguém teria de colocar Mackie na cama para o sono da tarde e ela queria brincar com sua Barbie na varanda.

— Vá perguntar — disse Melissa.

— Vá você.

— Você é a mais velha — retrucou a menina.

— Está bem, eu vou — respondeu Martha, encaminhando-se à porta.

Encostou o ouvido nela, tentando distinguir algum barulho. Lá embaixo estava tudo silencioso. Se tia Ruth ainda estivesse falando, ela certamente escutaria.

Alguém vinha subindo. Se algo estivesse acontecendo, queria ser a primeira a saber.

— Martha? — chamou Emilie da escada. — Onde está Mackenzie? Seu pai disse que ela costuma dormir após o almoço.

— Está aqui, no meu quarto. — Martha se afastou e abriu a porta. — Mas primeiro precisa ir ao banheiro.

— Está bem. Onde fica o banheiro?

— Bem ali.

Emilie levantou Mackie do chão sem mandá-la tirar o dedo da boca, como tia Ruth sempre fazia. Martha a seguiu, para ter certeza de que ela faria tudo certo. E fez. Martha só precisou dizer que Mackie gostava de dormir com seus três ursinhos de pelúcia, e que, à tarde, não precisava colocar o pijama.

— Tia Ruth ainda está na cozinha?

— Não. Foi para casa. Disse que tinha algumas coisas urgentes a fazer — respondeu Emilie.

— Ela ainda está zangada?

— Bem, isso eu não sei. Provavelmente nunca lhe aconteceu nada parecido, não é?

— Não se sinta culpada — avisou Martha, solidária. — Papai deve ter dado os bifes aos cachorros.

Emilie sorriu, achando-a amadurecida para a idade.

— Se eu continuar assim tão desastrada, esses cachorros se tornarão os mais felizes de Nebraska.

Martha não entendeu, mas fingiu que sim. Quando Emilie desceu para arrumar a cozinha, ela e Melissa a seguiram, com suas bonecas, mobílias e roupinhas, em direção a varanda. Tentariam não fazer muito barulho, prometeu Martha.

— Eu soube que a nova empregada deixou cair comida em Ruth — disse Chet, reclinando-se no sofá de couro surrado. Apontou o controle remoto para a televisão e abaixou o volume do jogo de futebol. Os três homens que se encontravam com ele no alojamento dos empregados não gostaram. — Desculpe, pessoal, mas não consigo ouvir duas coisas ao mesmo tempo.

Matt puxou uma velha cadeira de ferro e sentou-se. A sala cheirava a cerveja e salgadinho de queijo. Pisou num monte deles quando entrou.

— Foi um acidente. — Matt jamais esqueceria a cena.

— Ruth deve ter ficado uma fera. Mas não deve ter sido a primeira vez que alguém lhe atira alguma coisa. Quer uma cerveja?

Matt se permitiu sorrir, mas conteve uma

risada. Chet era primo de Ruth, e os outros três vaqueiros, Bobby, Jasper e Pete, eram seus sobrinhos, ou primos, ou fosse lá o que fosse. Somente Ruth conseguia entender aquele parentesco. Embora suas idades variassem entre quarenta e cinquenta anos, Matt sempre os considerara como tios, pois tomaram o lugar de seu pai, que morrera muito jovem. Altos, magros, com cabelo ralo e olhos acinzentados, os Tuttle eram boas pessoas, e gostavam do bolo de carne de tia Ruth. Era ela quem tratava deles quando ficavam doentes, e lhes passava sermões quando achava que estavam errados. Nenhum dos três era casado.

— Aceito, obrigado. Não queria atrapalhar o jogo. Só vim dizer que comprei o trator. Será entregue ainda esta semana.

— Ótimo — declarou Chet. — Vai continuar usando o antigo ou pretende vendê-lo?

— Ainda não resolvi. O que acha? Poderia vendê-lo para Barney, mas odiaria me desfazer dele.

Matt esticou as pernas e olhou para a tela. Os Patriotas ganhavam dos Ursos. A casa dos empregados parecia o lugar mais seguro, naquele momento. Ele riu sozinho, pensando no almoço.

— Para ser sincero, ainda prefiro o trator antigo.

— Eu também... Mas creio que seja uma questão de hábito.

— Como é o nome dela?

Matt pegou um punhado de salgadinhos de queijo do saquinho aberto sobre a mesa.

— De quem?

— Da nova empregada. Vai nos apresentar ou acha que correremos o risco de ser atingidos por

alguma coisa?

— Estamos morrendo de curiosidade — declarou Bobby, o mais novo dos três. Tinha apenas quarenta e seis anos. — Ela é bonita?

— Mais ou menos... — Matt continuou olhando para o televisor. Ficaria algum tempo ali. Já tivera companhia feminina o bastante para um fim de semana.

Chet aumentou o volume do televisor, a tempo de ouvir a nova jogada. Pete voltou-se e piscou para Matt.

— É exatamente o que precisávamos por aqui. De uma mulher. Você devia se casar de novo.

Jasper resmungou qualquer coisa quando o Chicago fez seu primeiro ponto.

Matt sacudiu a cabeça.

— Nem pensar, Chet. As mulheres de Nebraska não correm risco comigo.

— Acabou de trazer uma delas para casa — disse o senhor. — E não é das mais feias, como você mesmo disse. Ruth diz que é sofisticada demais para trabalhar em uma fazenda.

Jasper riu.

— Ruth provavelmente está certa. Mas não tive muita escolha. — Matt recostou-se na cadeira, observando o televisor como se nunca tivesse visto um jogo de futebol. Tentou ignorar os olhares curiosos dos rapazes. — Acham que o Patriotas vai vencer o campeonato este ano?

Preferia não falar mais sobre sua nova, bela e desastrada empregada.

Capítulo 5

Emilie ficou um bom tempo às voltas com a louça e, ao terminar, tinha a testa molhada de suor. A imagem de Ruth Tuttle tentando limpar o molho acebolado do vestido acabou com suas esperanças de dias felizes na fazenda. Havia prometido a Matt que ficaria até que ele encontrasse alguém, mas seria difícil permanecer ali se a comida continuasse a voar sobre os familiares. Alguma coisa lhe dizia que a sra. Tuttle não esqueceria aquele incidente tão cedo.

Ainda assim, se tivesse escolha, na certa iria preferir conviver com a raiva da tia de Matt do que com a ira do seu pai.

Cozinha em ordem, Emilie foi ver as meninas. Da última vez que as vira, estavam brincando na varanda.

A casa era uma daquelas pitorescas mansões vitorianas, que se via nos filmes antigos sobre o velho oeste. Ela já explorara os cômodos do andar térreo. A cozinha dava para uma sala de jantar, e esta para a sala de estar, que ocupava quase metade da área do térreo. A lareira de tijolos proporcionava um ar aconchegante ao ambiente, e as janelas se abriam para o terraço.

Emilie passou por um sofá de couro, com poltronas combinando, em frente a uma mesa de centro de carvalho. As cortinas fechadas impediam que o sol de fim de tarde esquentasse o local. Encontrou o aparelho de ar-condicionado e acertou a temperatura. Trabalho doméstico, começava a descobrir, a deixava acalorada.

A porta da frente dava para o terraço, onde as garotas brincavam. Da porta se avistava o pátio e a estrada principal. O lugar era agradável, embora

exageradamente tranquilo e silencioso, talvez por ser domingo.

Chegou até as meninas. Aproximou-se, meio hesitante, das inúmeras Barbies e de suas mobílias de plástico cor-de-rosa.

— Quer brincar conosco? — convidou Melissa.

— Com prazer...

— Sentou-se no chão, as pernas cruzadas. Melissa lhe entregou a Barbie vestida de noiva.

— Você pode ser a noiva.

— Será que não posso ser outra coisa, como uma dama de honra? — indagou Emilie. Encontrou uma boneca nua, no meio das roupinhas espalhadas. — Que tal uma vaqueira?

— Pode vesti-la como achar melhor — disse Martha. — Estamos tendo um casamento. Ela pode ser amiga da noiva.

— Amigas podem ser muito úteis em casamentos — disse Emilie, lembrando-se de Paula.

Precisava ligar para ela, saber o que acontecera após sua partida. Ken teria saído discretamente, após fazer um rápido pronunciamento à imprensa? Que desculpa seu pai teria arrumado? Na certa, que ela adoecera repentinamente. A verdade, como dissera Ken, seria “suicídio político”. O casamento teria sido politicamente vantajoso para ele, e desastroso, em todos os aspectos, para Emilie. Perguntou-se o que Matt pensaria se soubesse que ela havia fugido do altar.

Provavelmente, não entenderia. Talvez fosse melhor não saber.

— Emma?

— O quê?

Martha a fitava com uma expressão engraçada.

— Você é casada?

— Não.

— Tem namorado?

— No momento, não.

A garota sorriu, feliz. Seu rosto tinha o formato de coração.

— Que bom — disse, e entregou-lhe a Barbie vestida de noiva. — Se você não é casada, então pode ser a noiva, já que, de nós, é a única adulta.

Emilie pegou a boneca, fingindo sentir-se muito honrada.

— A Barbie está feliz com esse casamento? As três assentiram.

— Ela gostou muito do vestido. Fica linda — declarou Martha.

Emilie sorriu, pensando no próprio vestido de noiva. Se tivesse passado menos tempo envolvida com o vestido, e prestado mais atenção ao comportamento do noivo, teria poupado muito aborrecimento, a si mesma e aos demais envolvidos.

— Vamos fingir que Barbie é atriz, e que vai se casar em um de seus filmes? — sugeriu.

— Vamos! — exclamou Martha. — Ela pode se casar com Tom Cruise.

— Que felizarda! — Emilie concordou, embora preferisse Harrison Ford. Pensando bem, Matt Thomson parecia um pouco com o ator. Tinha um belo rosto, másculo porém tristonho.

Um homem forte e ativo, do tipo que não enganaria a noiva para atender interesses pessoais. Mas o que ela sabia a respeito dos homens? O julgamento que fazia, nos últimos tempos, não

merecia confiança.

— Temos companhia.

Chet levantou-se do sofá ao avistar as garotas chegando. Matt suspirou. Quatro pessoas iam naquela direção, e uma delas era a empregada mais exótica que já contratara.

— Querem que eu as mande de volta para casa ou preferem ser apresentados?

Os homens preferiram conhecer Emma. Bobby penteou apressadamente os cabelos, Jasper vestiu a camisa e Pete colocou a garrafa de cerveja dentro da pia, onde não podia ser vista. Chet foi até a janela e acenou para as quatro.

— Puxa vida, Matt! Ela é uma gata!

— De fato, não é feia — concordou ele, ciente de que Emma assemelhava-se a uma modelo, ou uma atriz de cinema. Tinha o tipo de pele que intrigava os homens. Macia e sedosa. — Mas não sabe cozinhar.

Jasper o fitou, como se Matt fosse maluco.

— Cozinhar? E por que diabos uma mulher dessa precisa saber cozinhar?

— Porque a contratei para fazer isso. Para cuidar da casa e das garotas.

— Acho que queria uma esposa, não uma empregada, quando a contratou — murmurou Pete. — Em pouco tempo, vai estar comendo na mão dela. — Foi atender logo que Martha bateu. — Olhem só quem veio visitar os velhos tios!

— Oi, tio Pete. Papai está aqui? — perguntou a menina, sorrindo.

— Sim, senhora. — Pete afastou-se para que as três garotas e sua acompanhante entrassem. — Estávamos assistindo à derrota do Chicago. Muito prazer em conhecê-la, senhorita. Sou Pete Larkin.

Emilie trocou apertos de mão com os três homens, enquanto Matt apenas observava. Jasper ofereceu-lhe uma limonada, Pete a deixou sentar na melhor poltrona, Bobby trouxe uma pratinho com salgadinhos de queijo e Chet sorriu como se Emma fosse uma rainha.

— Quer nos levar para dar uma volta de trator, papai? — pediu Melissa, agarrando-o pelas pernas.

Mackie, ao lado da irmã, tinha a mesma expressão suplicante no rosto. Martha estava atenta à conversa de Emilie com Chet.

— Está muito quente lá fora... Talvez amanhã — disse Matt, tentando dissuadi-la.

— Você sempre diz isso.

— O novo trator ainda não foi entregue. Espere-o chegar. Melissa deu de ombros.

— Emma queria conhecer a fazenda e dissemos a ela que você a levaria para dar uma volta de trator. O que custa, papai?

— Vá com as garotas, Matthew — disse Chet, piscando para ele. — A moça precisa conhecer o lugar. — Em seguida voltou-se para Emilie. — Já estive numa fazenda de criação de gado, senhorita?

— Não. Nunca estive.

— Aposto que também nunca saiu da cidade grande — declarou Chet. Olhou para Matt e riu. — Acho melhor mostrar-lhe o lugar, filho. Não foi fácil conseguir uma babá. Portanto, trate bem dela.

Matt precisou se conter para não dizer que fora ele que preparara o almoço, o que era tratamento suficiente.

— É isso que vocês chamam de colinas de areia? — perguntou Emilie.

— Exatamente. As Grandes Planícies. Este é

um país abençoado. Jamais duvide disso, senhorita.

— Pode me chamar de Emma.

E sorriu para os quatro homens, fazendo Matt pensar se eles tornariam a ser os mesmos. Pareciam quatro bobalhões enfeitiçados, sorrindo como se não tivessem nada melhor a fazer além de adorar a nova empregada. E não tinham mesmo, já que era dia de folga.

— Está bem — decidiu num tom áspero. — Vamos dar um passeio de trator.

— Emma vem conosco? — perguntou Martha.

— Se ela quiser...

O rosto de Matt se iluminou e Emma sorriu. Ele poderia jurar que a temperatura havia subido pelo menos dez graus dentro da sala.

— Nunca andei de trator.

— Bem, esta é sua grande chance — disse ele. Colocou o chapéu, parou diante do aparelho de ar-condicionado e acertou a temperatura. Não havia razão para morrer de calor.

— Papai! — chamou Mackie, aproximando-se. — Sabe que dormi à tarde e não fiz xixi na cama?

— Que bom, querida!

— E não usei fralda — confidenciou ela. — Martha disse que agora já sou uma mocinha.

Martha era o exemplo para as irmãs.

— Se ela disse, deve ser verdade. — Dirigindo-se a Emma, ele perguntou: — O sol está quente. Não quer um chapéu?

— Não, obrigada.

Em menos de meia hora, ela provavelmente teria insolação. Sem insistir, Matt pegou um

chapéu velho esquecido por um visitante e colocou-o na cabeça de Emilie.

— É melhor usar isso. Não está acostumada com esse calor, e não quero que tenha insolação no primeiro dia de trabalho.

— Obrigada. — Emilie não pareceu convencida, mas deixou o chapéu na cabeça, embora estivesse um pouco grande, quase cobrindo seus olhos. — Sinto-me uma verdadeira vaqueira usando isso.

Ela nem de longe parecia uma vaqueira, nem mesmo usando jeans e camiseta.

— Você precisaria estar um pouco mais suja para se parecer com uma vaqueira. Venha. Vou lhe mostrar o celeiro.

— Podemos ver os gatinhos, papai? — pediu uma das meninas.

— Elas não devem se afastar de casa, a não ser que estejam acompanhadas de um adulto — avisou Matt. — Temos máquinas perigosas e muitos animais. Tudo pode acontecer se estiverem no lugar errado, na hora errada. Se quiserem brincar, podem fazê-lo no jardim de casa.

— É onde fica o balanço — perguntou Emma.

— Exatamente. Temos homens indo e vindo em caminhões, motocicletas e cavalos o dia inteiro. Não quero que se preocupem com crianças enquanto trabalham. E as casas dos empregados também não são lugares para mulheres. Se precisar de algo, use o telefone. Há uma lista com os números ao lado do aparelho. Os rapazes também têm direito a alguma privacidade.

— Entendo. Mulheres e crianças ficam em casa, onde é o lugar delas.

Matt não teria colocado a coisa de forma mais precisa, embora tivesse a leve suspeita de que

Emma caçoava dele.

— Ainda bem que entendeu.

— Não pretendo atrapalhar ninguém, muito menos a sua tia.

— Ela acabará se acostumando e dará boas risadas do que aconteceu.

— Não acredito. Você não vai me demitir, vai?

— Acidente acontecem e você apenas tropeçou em Melissa.

— Acidentes acontecem. Matt odiava aquela frase. E lá estava ele, tornando a dizer aquilo. — Quando Ruth lavar o vestido, já terá esquecido.

— Acredita mesmo nisso?

— Bem... — Acreditar ele não acreditava. Mas não queria que Emma deixasse o emprego no primeiro dia. Precisava dela, mesmo sendo péssima cozinheira. E era melhor que nada. Estava preparado para fazer vista grossa quanto, a seus defeitos. Os dois se aproximaram do galpão ao lado do maior celeiro.

— Este local é-o que chamamos de grande celeiro — explicou, apontando para o norte. — No menor, junto aos galpões, as vacas dão cria e tratamos dos animais doentes.

— O que é aquilo? — perguntou Emilie, indicando um pequeno grupo de casas.

— Pertencem à fazenda. Uma delas é a de tia Ruth. As demais são usadas pelos trabalhadores que contratamos no verão. Há uma reservada para meu uso, quando não tenho tempo de voltar para casa. Tem uma boa cama, e um aparelho de televisão me mantém informado sobre a previsão do tempo.

— A fazenda é bem grande — disse ela, segurando a mão de Melissa.

Martha se intrometeu:

— Podemos andar de trator primeiro?

— Sim. Já vou pegá-lo. Esperem aqui. — Em pouco tempo, ele ligou o motor, que precisou ser aquecido. — Subam. Emma, não deixe Mackie ficar na ponta.

Ela pegou a menina no colo e a abraçou com força. Assim que todas se acomodaram, Matt dirigiu em direção ao alojamento. Em seguida, contornou o pequeno celeiro, rumo às colinas. Queria mostrar a Emma as colinas de areia. A grama dourada, agitada pelo vento, tinha quase meio metro de altura. Por todos os lados via-se o gado pastando.

Percorreram mais alguns quilômetros, passando pela colina, onde havia um observatório colocado pelos índios, é pelo cemitério, onde vários dos antepassados de Matt estavam enterrados. O barulho do trator não lhes dava chance de conversar.

Mesmo assim, ao retornar ao celeiro, ele já não sabia mais o que dizer. Ajudou as meninas a descer. Emilie estendeu a mão, pedindo ajuda, e acabou se atrapalhando no alto degrau do veículo. Tentando se equilibrar, segurou-se nele. Matt amparou-a pela cintura.

— Você se machucou? — perguntou enquanto ela deslizava para o chão, o corpo rente ao dele.

— Oh, não! Desculpe. Esses mocassins novos...

— Isso acontece — respondeu ele, sentindo o desejo despertar com o breve contato. O corpo de Emma era macio, roçando o seu de forma perturbadora. Olhou para os sapatos dela. — Receio que não serão novos por muito tempo.

Ela apenas sorriu e afastou-se, para imenso

alívio de Matt. Em seguida voltou-se para as garotas:

— Vamos lá, crianças. Todas para o banho, antes do jantar!

Ele a observou, admirando os gatinhos que as meninas haviam trazido do celeiro. Sabia que tinha trabalho a fazer, mas não conseguia lembrar exatamente qual era.

Não havia motivos para se sentir tão atraído por Emma. Exceto por ela ser bonita, ter aquele ar inocente tão encantador e por parecer gostar sinceramente das crianças. Se Matt estivesse procurando uma esposa, poderia escolher uma das moças da vizinhança, que conheciam seu estilo de vida e que não esperavam que seus maridos usassem ternos e gravatas nem que trabalhassem das nove às cinco todos os dias.

Já tinha cometido esse erro, casando com uma amiga de Stephanie. Sua esposa, a mãe das meninas, era de Omaha e foi embora sem olhar para trás, para se matar na estrada interestadual durante unia tempestade.

Os médicos conseguiram salvar a criança que ela esperava, deixando-o com uma filha recém-nascida, outra que mal caminhava e com uma garotinha de quatro anos para cuidar. Sentiu-se culpado e infeliz durante um longo tempo. Mal conseguia dormir à noite, mesmo porque Mackie acordava a cada quatro horas para mamar.

Não, ele não podia se apaixonar por essa mulher da cidade grande, nem ficar imaginando como seria tocar sua pele macia.

Da próxima vez, escolheria alguém usando a razão. As crianças precisavam de uma mãe e ele... bem, ele precisava de uma companhia feminina. Não fazia sexo desde que Mackenzie fora concebida. Não se atrevia a sair com alguém, já

que tudo o que fizesse em pouco tempo se tornaria motivo de comentários.

De fato estava precisando de alguém para cuidar da casa, mas não devia ter contratado uma garota tão bonita quanto Emma. Fazia com que ele saísse do sério.

Droga! Precisava de mais uma ducha fria.

Emilie havia prendido os cabelos num rabo-de-cavalo. Aproximou-se da janela, por onde entrava uma brisa agradável. Em poucos minutos teria que encarar a cozinha e aquele fogão infernal. E, pior de tudo, teria que preparar algo para o jantar.

— Emma?

Ela voltou-se e viu que Martha a fitava.

— O que foi?

— O que está fazendo?

Emma saiu de frente da janela e colocou as mãos nos quadris.

— Pensando no que vou fazer para o jantar.

— Poderíamos comer gelatina — disse Martha.
— Tia Steph faz um monte delas.

— Onde mora tia Steph? — Tomara que fosse bem perto, para lhe dar algumas dicas e receitas.

— Em Omaha.

— Sei... — Longe demais para poder ajudar.
— Como se faz essa tal gelatina?

— Com água.

— Ótimo. — Pensando bem, de acordo com os comerciais da televisão, fazer gelatina parecia ser fácil.— Vamos ver se temos alguma no armário. Elas vêm em pequenas caixinhas, não é?

— Isso mesmo. — Martha a seguiu até o armário.

— Onde estão Mackie e Mel?

— Brincando lá em cima.

Na certa estavam dançando. Após o passeio, tomaram limonada e resolveram colocar as sapatilhas de bale, para praticar piruetas. Martha ainda usava as dela.

— Gostei de sua legging preta. Mas não é muito quente? A menina balançou a cabeça.

— Pareço uma dançarina. Elas usam camisetas compridas sobre leggings e não se importam se são quentes ou não. Vi isso num livro.

— Não admira que eu não tenha sido uma boa dançarina. Emilie consultou o relógio. O jantar devia ser servido às seis, dali a uma hora, e ela não fazia ideia do que preparar. Nem do que fazer todas as noites, nas duas próximas semanas.

— Sabe dançar como uma bailarina?

— Um pouco. — Todos na academia da sra. Keaton tinham aulas de bale. — Podemos dançar mais tarde — prometeu, esperando conseguir lembrar de alguns passos. Isso lhe parecia bem mais divertido do que ficar derretendo na cozinha. — Mas, por enquanto, vamos tratar da gelatina.

— Eu gosto de sabor laranja.

— Então, vamos torcer para ter sabor de laranja no armário. Encontraram duas caixas de gelatina e prepararam-nas de acordo com as instruções. Depois, colocaram em uma tigela funda e levaram à geladeira. Martha tagarelou o tempo todo, inteirando-a dos assuntos da escola. Emilie a interrompeu apenas uma vez, para perguntar o que costumavam comer no jantar de domingo.

— O que sobra do almoço — disse a garota.

As únicas sobras acabaram parando no colo de

tia Ruth. Portanto, aquela não era uma opção.

— Acho que não sobrou nada do almoço.

— Você não sabe cozinhar? — perguntou Martha, com as mãos na cintura.

— Sei. — Na verdade ela sabia preparar três tipos de jantares românticos para duas pessoas. Podia fazer também ovos mexidos com sanduíches de queijo. Mas era melhor em planejamento do que em execução de refeições. A cozinheira dos Grayson nunca se queixou. Também, com o salário que ganhava, os benefícios e as viagens em férias a Paris, ela jamais faria isso. — Seu pai gosta de pasta? A menina pareceu não entender.

— O quê?

— Pasta, macarrão — explicou Emilie.

— Ah, sim. Espaguete ele come.

Felizmente, havia dois pacotes na despensa, e os outros ingredientes na geladeira. Dessa vez, Emilie não passaria vergonha na frente de Matt Thomson. Faria por merecer seu salário. Assim que terminasse seu contrato de experiência, iria embora e passaria um mês na Europa, para onde devia ter ido... embora não soubesse o que teria feito em Paris sem cartão de crédito.

Pensando no atraente patrão, ela resolveu que ficaria mais algum tempo. Matt Thomson precisava de ajuda. E, da maneira como ele encarava o casamento, essa seria sua única chance de ter uma família...

Emilie esperava ter filhos, embora Ken jamais tivesse demonstrado muito entusiasmado pelo assunto. Estava sempre preocupado com a política, e a queria a seu lado como anfitriã e colaboradora.

Agora, ela não precisava mais ser nenhuma das duas coisas. Agora, era Emma Gray, alguém que nem sequer precisava trocar-se para o jantar.

Capítulo 6

O que é isso?

Macarrão Primavera. Uma das minhas especialidades — anunciou Emilie, colocando a travessa diante de Matt.

Na verdade, era o único prato que ela conseguia fazer, mas ninguém precisava saber disso. Nem que sempre morara numa casa cheia de empregados, e que contava com os serviços de uma excelente cozinheira.

— Mas é só isso? Não fez carne? — indagou ele, enrolando o macarrão no garfo.

— É uma refeição exclusivamente vegetariana. — O que era óbvio, considerando-se a quantidade de brócolis e cenouras sobre a massa. — Espero que gostem. Martha me ajudou a preparar.

— Parabéns, filhinha. Qual foi a sua parte? — quis saber ele, voltando-se à filha mais velha.

— Encontrei o macarrão na despensa, lavei e cortei os legumes, e arrumei a mesa.

Enquanto Martha tagarelava, Emilie servia as irmãs menores.

— Preparamos uma sobremesa surpresa... — continuava Martha, inclinando-se para o pai. — Você nem imagina o que é.

— Nem tentarei adivinhar. Prefiro a surpresa — respondeu Matt.

Emilie espalhou queijo ralado sobre os pratos das garotas e entregou o saquinho a Matt antes de sentar-se.

— Meninas, guardanapos no colo, por favor. Todas obedeceram sem reclamar.

Matt olhou para Melissa e para Mackenzie.

— Que diabos estão vestindo?

— Roupas de bale:

— Na verdade, estão usando camisetas e meias de dança por causa das sapatilhas novas e...

— Mas essas camisetas são minhas — resmungou Matt.

— Elas garantiram que você não se importaria.

— Da próxima vez, eu gostaria que me consultassem primeiro. Elas assentiram, imperturbáveis. Houve um momento de silêncio, enquanto os quatro membros da família Thomson contemplavam seus pratos. Emilie olhou para o dono da casa.

— Você não gostou? — Foi como se ele tivesse lhe atirado um balde de água fria. Esperava impressioná-lo com seus dotes culinários.

— Eu não disse isso. É que nunca tinha comido macarrão só com legumes — concluiu ele, sorrindo. — Parece delicioso. E bastante colorido.

— Colocamos um prato a mais na mesa para tia Ruth, mas seu lugar ficou vazio. Acho que a espantei.

— Ela não costuma sair à noite — assegurou Matt. — Gosta de ficar em casa, assistindo ao noticiário na televisão.

— Ela não perde a “Roda da fortuna” — palpitou Melissa.

— Nós tampouco. A apresentadora é linda.

— Nada de assistir à televisão durante a semana. Vocês têm de estudar — disse o pai das garotas. Depois, voltou-se para Emilie. — Amanhã, iremos a um churrasco na cidade.

— Você vem conosco, se quiser. É em

benefício do centro comunitário e estará lotado.

Emilie tinha quase esquecido o fim de semana prolongado por causa do dia do trabalho. Na segunda-feira, ela e Ken deveriam estar chegando a Paris, para a lua-de-mel de três dias.

— Obrigada pelo convite, mas acho que ficarei em casa.

— Devia tirar o dia de folga, já que trabalhou no domingo... — insistiu Matt.

— A que distância fica a cidade?

— Uns quinze minutos ao norte daqui. Blindon é um lugar pequeno, mas tem um pouco de tudo. Mercearias, médicos, lojas, inclusive a JCPenney. É onde fica a escola das meninas.

— E um café! — lembrou Martha. — Onde servem o melhor milk-shake de chocolate do mundo inteiro.

Emilie ergueu a sobrancelha, incrédula.

— Melhor do que aquele que tomamos em Lincoln?

— Muito melhor — explicou Matt. — Venha conosco e verá.

Vou lhe mostrar onde fica a escola de Mackie. E, se fizer uma lista do que está faltando, poderemos ir ao supermercado.

A próxima coisa que Matt esperaria que ela fizesse era trocar os pneus de sua caminhonete, pensou Emilie.

— Já olhou na despensa para saber do que precisa? — acrescentou ele.

Ela precisava de uma cozinheira. De uma empregada. E de um vidro de aspirinas.

— Ainda não. Farei isso hoje à noite. — Antes de ligar para Paula, pedindo ajuda, pensou.

— Sairemos à uma — avisou Matt. Olhou para o prato e suspirou. — O macarrão está muito bom, mas ficaria melhor com um bom molho com carne.

— Você faz alguma ideia do caos que deixou por aqui? Emilie esticou o fio do telefone e puxou uma cadeira.

— Não, Paula. Tenho estado muito ocupada, você não vai acreditar...

— Compre um jornal — sugeriu a amiga. — Você está em todas as manchetes. Seu pai se refugiou em casa, sem dar declarações à imprensa. Exceto para dizer que você está muito doente, e que todos estão rezando para que se recupere. Ninguém sabe do paradeiro de Ken. Fred acha que ele e os amigos estão pescando em algum lugar distante.

— Vejo que me enganei. Julgava que a essa altura todos estivessem conformados.

Paula suspirou.

— Onde você está, Emilie? Seja lá onde for, espero que possa continuar aí.

— Quão doente esperam que eu esteja?

— Muito doente. Mental e fisicamente. Seu pai andou sugerindo um colapso nervoso. Mas também não pode sair por aí dizendo que você está maluca. Noivas mentalmente perturbadas não dão boas esposas de senadores.

— Se você pudesse me ver agora, estou certa de que duvidaria de minha sanidade mental... — sussurrou Emilie. — As crianças já haviam se recolhido e Matt ainda não entrara, embora estivesse escuro lá fora. — Não posso ficar muito tempo no telefone, mas eu gostaria que...

— Diga onde está? Eu não ficaria surpresa se seu pai contratasse um detetive particular para localizá-la. Não poderá sustentar por muito tempo

essa história sobre o colapso nervoso. Posso dizer a ele que você ligou?

— É melhor esperar. Eu disse que ligaria, e vou ligar. Só estou dando um tempo.

— Quando você ligar, na certa ele irá rastrear a ligação — advertiu-a Paula. — Está furioso e foi muito frio comigo naquele dia. Quando o padre anunciou que o casamento fora adiado, foi como se a Terra houvesse sido invadida por alienígenas. A imprensa ficou em polvorosa.

— Ele cancelou meus cartões de crédito.

— Para forçá-la a voltar para casa? Faz sentido.

— Ameaçou me deserdar se eu não me casasse com Ken. Imagino que tenha falado sério.

— Não acredito. Até mesmo George Grayson seria incapaz de algo tão drástico. — O tom de voz de Paula de repente aumentou. — Almoço na segunda? Onde? Lá não, querida. A última vez que almocei no Mário's havia tanto barulho que mal se ouvia a própria voz.

— Fred está em casa?

— Perfeitamente. Espere na linha, querida. — Ouviu Paula falar com o marido antes de retornar. — Ele entrou no banho, portanto podemos falar sem pressa. Mas como é que está sobrevivendo sem seus cartões de crédito?

— Arrumei um emprego.

— Um emprego? Você?

— Sim. Um emprego de verdade.

— Isso é bom. Já estava na hora de sair da barra da calça de George Grayson. Como conseguiu trabalho tão rápido? -

— Eu estava fazendo compras e... você sabe,

uma coisa leva à outra — explicou Emma, embora hesitasse um pouco em contar a Paula que cozinhava e servia de babá em uma fazenda.

— Você sempre foi uma excelente compradora! — Paula riu.

— Esse emprego veio a calhar — disse ela, lembrando a expressão frustrada de Matt, no meio da seção de roupas infantis. — Estou adorando poder cuidar da minha vida sozinha.

— Quer que lhe envie algum dinheiro?

Ela hesitou. Paula lhe mandaria a quantia que pedisse. Mas não seria correto. Estava abrigada, tinha onde dormir e o que comer.

— Não, obrigada. Tenho tudo o que preciso no momento.

— Estou quase acreditando.

— Acredite, estou bem. Paula suspirou.

— Você não merece estar passando por isso, Emilie. Ken agiu mal.

— Ele não seria feliz casado comigo.

— Como não? Era tudo o que ele queria! — retrucou Paula e tornou a suspirar. — Promete que avisará se precisar de alguma coisa?

— Prometo. Vou dar o número do telefone daqui, caso haja alguma emergência com papai e eu precise voltar. Mas não dê a ninguém — pediu ela, e em seguida recitou os números.

— De onde é esse código de área?

— Nebraska.

— Nebraska? — repetiu Paula baixinho. — Como foi parar aí?

— Por acaso, sorte, eu creio — respondeu Emma, olhando a cozinha que havia levado uma

hora para arrumar.

Matt caminhava com as filhas e Emilie por entre a multidão presente ao churrasco anual de Blindon, esperando que ninguém notasse a bela mulher de mãos dadas com suas filhas, como se fosse da família.

Fora uma péssima ideia tê-la convidado para ir ao passeio. A simples presença daquela beldade estragaria suas chances de encontrar uma esposa.

— Por que você a trouxe? — resmungou Ruth, apoiando-se na bengala. — Ela nada tem a fazer aqui. O que as pessoas vão pensar?

— Que contratei alguém para me ajudar.

Matt tentou manter a serenidade. Na certa, todos estariam pensando que ele já havia esquecido a esposa, e que levara para casa alguém que tornasse suas noites menos aborrecidas. As mulheres ficariam chocadas, e os homens imaginariam como conseguira tal proeza. E ambos os sexos morreriam de curiosidade para saber o que, na verdade, estava acontecendo na Fazenda Três Riachos.

— Não sei onde você anda com a cabeça, Matthew. Trazer uma estranha para casa, e que nem ao menos sabe cozinhar! Melissa me contou que comeram gelatina no café da manhã de hoje.

— A gelatina devia ter sido a sobremesa do jantar da noite passada, mas não ficou pronta a tempo.

Para decepção da nova empregada, claro. Fora difícil controlar o riso ao vê-la, com Melissa, tentar servir o líquido com sabor de laranja para a sobremesa.

— Você devia ter pensado um pouco antes de contratar uma babá que mais parece uma estrela de cinema. As pessoas vão comentar.

— Que se danem! — esbravejou ele, observando a curva deliciosa das nádegas de Emilie. Os adolescentes também a observavam, embora a uma distância segura de Ruth e de sua bengala.

— Ah, é? Para você é fácil dizer isso — resmungou tia Ruth.

— Mas é a mim que a cidade inteira vai perguntar.

— Pode dizer, a quem perguntar, que estou pensando em me casar. Estou pensando em convidar Gerta Lapinski para jantar comigo uma noite dessas.

Ruth parou de repente e olhou para Matt.

— Gerta? Você deve estar brincando!

— Pensei que gostasse da moça. Não é tão amiga da mãe dela?

— Gerta Lapinski não tem um pinga de instinto maternal.

— Ruth olhou ao redor, para ver se havia alguém ouvindo. — Está mais interessada em seu trabalho no banco.

— O que há de errado nisso? — Matt simpatizava com Gerta, que havia aprovado seu empréstimo para comprar o novo trator.

— Muitas coisas, especialmente quando se tem três filhas pequenas para criar — resmungou Ruth. — Suponho que você vá querer mais filhos, de preferência homens, não é?

— Ainda não pensei nisso. Uma coisa de cada vez, por favor. Ruth olhou para a mesa onde um grupo de mulheres servia o churrasco.

— O que acha de Corinne Linden? É encantadora, e não merecia um péssimo marido como Larry Linden.

Corinne Linden era uma loira calada, que tinha dois filhos adolescentes, um dos quais, havia alguns minutos, olhara fascinado para Emma. E um ex-marido que arrumava problemas toda vez que ia à cidade visitar os garotos.

— Falarei com ela — prometeu Matt, mesmo sem saber o que iria dizer.

Ruth parecia estar gostando do assunto.

— Não esqueça de Alice Peters. O bom é que ela é solteira, embora seja um pouco nova para você.

— Tenho só trinta e seis anos, tia Ruth. Alice deve estar com uns trinta.

Alice era baixinha, meio gordinha, alegre e gentil. Matt a conhecia desde criança, e sempre gostara dela. No entanto, sempre fora tratado como um irmão mais velho, e só pensara em Alice como amiga.

— Emma é muito bonita, sofisticada e cheira a problemas. Se eu fosse você, a mandaria de volta para o lugar de onde veio.

Matt perdeu a calma e olhou, irritado, para a tia.

— E o que faço depois? Entrego minhas filhas para Stephanie criar? É isso que deseja?

Os olhos de Ruth se encheram de lágrimas.

— Sabe que não, Matthew. Amo essas meninas, e sei que o lugar delas é a seu lado.

— Então, colabore comigo e procure ser boazinha com Emma. Porque, no momento, ela é a única pessoa que pode me ajudar a cuidar das meninas. Se eu não puder contar com isso...

— Torne a se casar e seus problemas serão resolvidos — Ruth o interrompeu.

— Infelizmente não posso fazer isso sozinho — concluiu ele, voltando-se para ver onde estavam as meninas. Ruth bateu com a bengala na ponta de sua bota, até ele a encarar.

— Prometo que serei gentil com ela.

— Isso ajudará. — Matt se perguntava por quanto tempo Ruth manteria sua promessa. Olhou em torno e avistou Emma com as meninas ao lado da barraca onde vendiam runza, uma espécie de empanada muito apreciada na região. — Vou me juntar a elas. Quer comer alguma coisa?

Ruth balançou a cabeça, negativamente.

— Vou procurar o clube de jardinagem e ver o que posso fazer para ajudar. Lá ficarei sabendo se já estão comentando sobre você. Talvez possa impedir que os boatos se espalhem. — Olhou para Emma e viu que a moça conversava com um cowboy. — Acho melhor manter-se atento, ou perderá a empregada muito antes do que imagina.

Matt apressou-se por entre a multidão, até aproximar-se de Emilie. Ela mal batia em ‘seu ombro, mas ergueu-lhe os olhos e sorriu.

— O sr. Trowbridge estava me explicando a origem do runza — disse.

Hal Trowbridge tirou o chapéu ao olhar para Matt, deixando os cabelos negros e a testa branca à mostra.

— Pode me chamar de Hal, senhorita.

— Olá, Hal. Soube que teve uma boa colheita esse ano. — Matt segurou o cotovelo de Emilie, um gesto protetor que Hal Trowbridge de imediato reconheceu.

— Graças a Deus. — Ele recolocou chapéu e se afastou. — Espero que tenha um bom dia, senhorita — foram suas últimas palavras antes de voltar-se e desaparecer na multidão.

— Você o assustou — queixou-se Emilie.

— Se está procurando um namorado, devo avisar que Hal é muito novo.

— Mas que ideia! A última coisa de que preciso é de um namorado! — E riu, fazendo com que as meninas também rissem.

— Vocês sempre dizem isso — murmurou ele, tirando a carteira do bolso. — Cinco rumas de carne, por favor — pediu para a garçonete.

Emilie pegou o triângulo de massa com recheio enrolado num pedaço de papel.

Martha colocou catchup no dela.

— Adoro runza.

— Eu também — disse Emilie.

De repente, Melissa acidentalmente espirrou mostarda na camiseta cor-de-rosa. Emilie pegou um guardanapo e tentou limpar, enquanto Matt pagava a conta. Os cinco pareciam uma família feliz, pensou ele.

Comprou outro runza e o entregou a Melissa. Em seguida encaminhou-se para uma das mesas de piquenique. Emilie olhou para o alimento com desconfiança.

— Tem um cheiro bom. De que é feito?

— De massa, e o recheio é de carne com cebola.

— Sei...

Matt riu ao vê-la hesitar.

— Experimente. Se não gostar, não precisa comer. Eu lhe compro um hambúrguer.

Ela deu uma leve mordida e mastigou por alguns instantes. Após engolir, fitou-o, surpresa.

— É uma delícia!

— Algum dia ainda vai se sentir como se tivesse nascido em Nebraska — brincou Matt.

— Tudo pode acontecer... Como é mesmo o nome daquele time de futebol?

— Cornhuskers — anunciou Martha.

— Martha! Não fale com a boca cheia.

— Vou pegar alguma coisa para beber — ofereceu Matt, repentinamente sentindo-se muito à vontade.

Não havia motivo para ficar sorrindo para Emma, nem agir como se... bem, como se pensasse que ela era linda. Afastou-se do grupo e foi comprar a cerveja, aproveitando para conversar sobre o preço do milho com alguns dos homens que tiraram o dia para se divertir com suas famílias. Mas sem deixar de perder de vista os rapazes que se aproximavam de Emma. Não havia levado a moça a Blindon para arrumar-lhe um marido.

Quando voltou com a bebida e a colocou sobre a mesa, Emilie sorriu de modo encantador.

— Obrigada por ter me convidado, Matt. Estou me divertindo como nunca.

Ao fitar seus imensos olhos verdes, ele sentiu o coração disparar. Por algum motivo, concluiu que não convidaria Gerta Lapinski para jantar.

— Mostre para Emma onde fica minha escola — implorou Martha.

Ergueu-se no banco traseiro da caminhonete e chegou perto do ouvido do pai. Queria ter certeza de que ele mostraria a Emma todos os lugares interessantes da cidade. Ainda não queria voltar para casa, porque, chegando lá, papai sairia e só voltaria quando escurecesse. Emma ficaria na cozinha, tentando fazer alguma coisa para o jantar, e as mandaria para o banho.

— É justamente o que pretendo fazer — disse-lhe o pai. — Agora, sente-se e coloque o cinto de segurança.

Ela obedeceu. Notou que Emma desenhava algo atrás de um envelope.

— O que está fazendo?

— Um mapa, e algumas anotações. Assim eu não esquecerei onde ficam as escolas, e a que horas vocês entram e saem.

— Adoro a escola — disse Melissa ternamente. — Gostaria de ir todos os dias, não apenas algumas vezes durante a semana.

— Mackie não irá à escola amanhã, irá?

— Não — respondeu Matt. — Amanhã é terça-feira.

— Ela ficará em casa com você, Emma. — Martha ficou imaginando o que fariam a manhã inteira. Mais gelatina? Brincariam de boneca? Na certa se divertiriam bastante.

— Devo pegar Melissa na escola ao meio-dia e em seguida iremos ao supermercado. Mas deixemos para pensar nisso amanhã. Estamos muito cansadas. — Emilie voltou-se para trás e sorriu para Martha, — E você volta para casa às três, com o ônibus da escola, certo?

— Você vai estar em casa? — indagou a menina. De repente, tornou-se importante que Emma dissesse que sim.

— Claro. Onde mais poderia estar?

Ela não sabia, mas queria que Emma ficasse na fazenda. Martha suspirou. Gostaria de conseguir lembrar-se da mãe. Tinha certeza de que ela a esperaria na volta da escola, e prepararia biscoitos gostosos, como a mãe de Jennifer. Seria cheirosa e teria resposta para todas as suas dúvidas. Iria

querer ver seus cadernos, e a beijaria e abraçaria quando entrasse em casa.

Recostou-se e olhou pela janela da caminhonete. Gostava de abraços. Ouvira papai falar a tia Ruth que iria convidar alguém para sair. E não gostou do que ouviu. Ele não precisava fazer isso. Agora tinha Emma.

Todos tinham.

Capítulo 7

O que está fazendo acordada até tão tarde?

Emilie ergueu os olhos do livro de receitas que comprara na barraca da Igreja Metodista e deparou com Matt. Ele havia entrado na cozinha e servia-se de um corpo de água.

— Estou vendo como se faz rumas. Como todos gostam, achei que devia prepará-las. Parece que minha receita de macarrão não agradou.

Matt pareceu surpreso. Sentou-se ao lado dela à mesa da cozinha. Já passava das dez, e as meninas haviam se recolhido.

— Não estava ruim.

— Mas não tinha carne.

Ele sorveu um grande gole d'água e recostou-se na cadeira. Emilie fechou o livro de receitas e o fitou. Ninguém tinha o direito de ser tão atraente.

— Por que está me olhando desse jeito?

— Estava pensando em colocar a roupa na máquina, para adiantar meu expediente de amanhã.

— A lavadora e a secadora ficam lá embaixo.

— Eu sei. Já vi.

Matt estudou-a por um longo tempo.

— Obrigado por ter ido conosco ao churrasco. As meninas ficaram muito felizes.

— Foi divertido. Todos foram muito gentis comigo.

— Eu percebi. — Ele sorriu de modo encantador. — Você poderia ter arrumado um namorado.

— Não estou interessada.

— Posso saber por quê?

— É uma longa história, e nada interessante.

Emilie esperava que a resposta o desencorajasse. Como explicar que vira o noivo beijando outra pessoa na igreja, vinte minutos antes do casamento?

— Tenho todo tempo do mundo.

Ela empurrou o livro de receitas para o lado e levantou-se. Levou o copo vazio à pia.

— Já fui noiva. Mas ele acabou se apaixonando por outra. Matt a fitou, solidário.

— Desculpe. Não queria me intrometer em assuntos que não são meus.

— Tudo bem — respondeu Emilie, tentando aparentar indiferença.

Queria que ele pensasse que aquilo havia acontecido havia três anos, e não três dias. Era inacreditável pensar que há apenas três dias ela se encontrava na igreja, prestes a se casar.

— Bom, pelo menos ele disse a verdade a tempo — sugeriu Matt.

— Ele não disse, eu descobri. Claro que cancelei o casamento. Nunca mais o vi, nem quero ver.

Matt nada disse. Permaneceram em silêncio durante algum tempo, até ele levantar-se. Tomou o restante da água e levou o copo para a pia.

— Pode deixar que eu faço o café de manhã.

— A que horas as meninas levantam? — perguntou ela, grata pela mudança de assunto.

— Por volta das sete. As vezes, antes disso. — Ele pareceu hesitante. — Obrigado por ter

aceitado o emprego. Acho que nos daremos bem. — Inclinou-se para pegar o café do armário no mesmo momento em que Emilie se voltava. Seus corpos roçaram, e o breve toque fez o coração de ambos disparar. — Desculpe.

— Não foi nada... — Emilie tentou se afastar, sem conseguir, já que o balcão estava logo atrás. Não queria se sentir atraída, mas como evitar isso? Afinal, era humana. — Boa noite — disse, encaminhando-se à porta.

Apenas mais alguns metros e ficaria sozinha.

— Emma! — chamou Matt. — Não sei se eu já disse, mas costumo preparar o café da manhã. Portanto, não precisa levantar cedo.

— Será que os cães comeriam ovos queimados? — brincou ela.

— Desse jeito, ficarão obesos — respondeu ele, rindo.

— Tentarei melhorar, prometo.

— Tenho certeza que conseguirá.

— Boa noite. — Por que estava tão relutante em sair?

— Boa noite — disse ele, já preparando a cafeteira.

Emilie entrou no quarto e fechou a porta. Aproximou-se do armário e olhou para o vestido de noiva. Era um lembrete para que não se envolvesse com homens atraentes. Matt Thomson precisava de uma mãe para suas filhas. Ken precisava de uma noiva rica para poder vencer as eleições. Emilie não precisava de ninguém. Tomaria um banho longo, quente e relaxante, e leria seu livro de receitas. Podia não entender de homens, mas precisava saber cozinhar.

Mackie revelou-se uma excelente companhia.

Alegre e carinhosa, não saiu de perto de Emilie enquanto faziam as compras no supermercado em Blindon. As despesas seriam debitadas na conta da Fazenda Três Riachos.

Depois da compras, após ter se perdido duas vezes, ela finalmente encontrou a escola de Melissa.

Mackie ria. Melissa, no entanto, pareceu aliviada quando as viu chegar. As três retornaram na hora do almoço, justamente quando Matt chegava.

— Como foram as compras?

— Muito bem. Só me perdi duas vezes.

— Como conseguiu se perder em Blindon? — brincou ele, com seu jeito encantador.

— Meu senso de direção é meio falho.

As crianças desceram do carro para beijar o pai, deixando-a com uma pilha de compras. Matt aproximou-se e pegou vários pacotes. Emilie apanhou dois deles e encaminhou-se à porta dos fundos, que a levaria diretamente à cozinha.

— Mackie, segure a porta — ordenou Matt.

— Veio para almoçar? — Emilie quis saber, seguindo-o para a cozinha. — As crianças almoçaram na escola, mas posso preparar algo para você.

— Já almocei, obrigado. — Ele largou os pacotes sobre a mesa e voltou para pegar o resto. — Pronto, isso é tudo — disse, colocando os pacotes sobre a mesa. — Vejo que você de fato pretende levar a. cozinha, a sério.

— Vou tentar.

— Gosto de pessoas determinadas.

— Gosta?

— Papai! — Mackie estendeu-lhe os braços.

Matt pegou-a no colo. A menina imediatamente agarrou-o pelo pescoço e lhe deu um beijo no rosto.

— Você é um pai carinhoso... — murmurou Emilie, sem perceber. — Meu pai nunca foi carinhoso comigo. Invejo suas filhas — confessou, grata por poder desviar os olhos para as compras. Felizmente o telefone tocou e Emilie retornou aos seus afazeres, enquanto Matt ia atender.

— Oi, Steph! Como vai você? Sim, está tudo bem.

— Tia Steph? Posso falar com ela? — pediu Mackie, correndo para junto do pai.

Emilie tentou ouvir a conversa.

— Um minuto, querida — disse ele a Mackie. — Ruth ligou para você? Mas não precisa se preocupar, dará certo. — Silêncio. — Não posso sair daqui até o Dia de Ação de Graças. Você sabe disso. — Outro silêncio, enquanto ele ouvia a irmã.

— Você sempre será bem-vinda... Como está Clay?

Emilie concluiu que Clay devia ser o marido. A irmã de Matt decerto estava preocupada com a nova empregada e queria conhecê-la.

— Sim, eu sei. Ela está se preocupando à toa.

Agora falavam de Ruth. Emilie pegou um saco de arroz dos pacotes e o colocou sobre a mesa.

— Fale com Mackie, e venha quando quiser. Quando o Dia de Ação de Graças estiver mais perto, combinaremos. — Entregou o telefone a Mackie. — Era minha irmã — disse, virando-se para Emilie. — Ela gosta de planejar feriados com anos de antecedência. Imagine que já está

pensando no dia de ação de graças!

Até lá, Emilie provavelmente já estaria de volta a Chicago. A eleição já teria acontecido e seu pai estaria totalmente envolvido com os negócios e com as estratégias políticas. E ela estaria livre para... para fazer o quê? Cuidar da própria vida? Já era hora de acontecer. Procurou retornar à conversa.

— Sua irmã deve adorar as crianças.

— Sim, adora.

Emilie entrou na rotina mais depressa do que esperava. Aprontava as meninas para a escola, levava-as onde precisavam ir, fazia as compras, planejava as refeições, analisava receitas. À tarde, colocava Mackie na cama e fazia companhia a Melissa.

O aparelho de televisão na sala não funcionava bem porque a antena havia caído. Matt explicou que foi arrancada pelo vento durante uma tempestade, e que desde então não lhe sobrou tempo para recolocá-la. Emilie ouvia as notícias através do rádio do carro, enquanto levava as crianças de um lado a outro.

As vezes saía com elas para uma caminhada. Observavam os cavalos no curral, ou tentavam encontrar os gatinhos, que já estavam crescidos. Os empregados acenavam e sorriam.

Emilie adorava olhar para o horizonte distante, especialmente no pôr-do-sol.

Todos os dias, Matt chegava em casa pontualmente às seis horas, mas quase sempre retornava ao trabalho após o jantar. Ela se perguntava se teria mesmo tanto o que fazer, ou se preferia ficar na casa dos empregados, vendo televisão.

Ruth veio duas vezes à fazenda, uma delas para

dizer que no domingo levaria as meninas à igreja e que traria o almoço. Emilie agradeceu.

Dormiu até tarde no domingo, depois pegou o carro e dirigiu por horas em direção ao oeste, até ficar cansada e voltar. Sentir-se outra vez livre e com um carro de tanque cheio era maravilhoso.

Na terça-feira, Matt lhe fez uma pergunta direta:

— Já estive em um leilão, Emma?

A palavra leilão chamou sua atenção.

— Leilão?

— De animais. Vou a um deles todas as semanas.

— Por quê?

Naquele momento, Melissa abriu a geladeira para pegar o leite. Emilie foi mais rápida e apanhou o litro antes que caísse.

— Preciso ir. Faz parte do meu trabalho. — A voz grave demonstrava paciência. Emilie sentiu-lhe o olhar enquanto contornava o balcão para pegar dois copos no armário. — Como deve saber, eu compro e vendo gado.

— Oh, claro. — Ela encheu o| dois copos com leite. — Venham, garotas. — Mackie desceu do colo do pai e Mel correu para se juntar à irmã.

— É bem interessante. São realizados semanalmente, vários deles, num raio de cem quilômetros. Vou ver se tia Ruth fica com as meninas. Se ela ficar, você vai comigo. Precisa saber como funciona esta fazenda.

Após ter dito isso, saiu da cozinha. Emilie ouviu a porta se fechar.

— Você tem sorte — disse Melissa com os olhos arregalados, enquanto ela colocava o copo

com leite à sua frente. — Papai vai levá-la ao leilão. Se for boazinha e ficar quieta, ele lhe comprará um chocolate.

Emilie não conseguiu conter o riso.

— Então, farei o possível para me comportar.

— Que loucura! — resmungou Ruth. — Levar a empregada ao leilão!

— Por quê? Muitas mulheres frequentam leilões.

— Esposas dos fazendeiros, e vão para ajudar seus maridos — retrucou a tia de Matt. — Não qualquer uma.

— Emma não é qualquer uma. Trabalha para mim — respondeu ele, sem dar muita atenção aos comentários da tia.

— Se quer companhia, por que não leva um dos rapazes? Só que Jasper, Pete, Bobby ou mesmo Chet não cheiravam a flores. Não tinham olhos verdes ou cabelos castanhos e sedosos, nem ficavam tão bem usando calça jeans quanto Emma. Droga, o que havia de errado em querer um pouco de companhia feminina?

— Vamos lá, tia Ruth. Você só precisará ficar sentada no sofá da sala, enquanto Mackie dorme e Melissa brinca com suas bonecas.

— E quanto ao jantar desta noite? Ela pretende deixar algo pronto?

— No freezer há comida suficiente.

— E se vocês se atrasarem?

Matt colocou as mãos na cintura e olhou bem nos olhos da tia. Adorava-a, mas às vezes era preciso ter uma paciência fenomenal para aguentá-la.

— Posso saber por que você não gosta de

Emma?

Ruth revirou o bolso do vestido, à procura de um lenço de papel. Depois, enxugou os olhos.

— Nada pessoal. Só não quero que você torne a ser magoado. Essas mulheres da cidade não são confiáveis. Ela pode ter um marido em algum lugar, sabe-se lá. Ou pode ser uma criminosa. Ou uma... garota de programa.

— De onde foi que tirou essa ideia? Emilie esteve prestes a se casar, mas na última hora o casamento foi cancelado.

— Ela contou por que fez isso?

— Não, e não me interessa — mentiu Matt, preferindo não discutir a vida pessoal de Emma.

— Stephanie na certa terá um ataque quando a conhecer. Ela já ligou para você?

— Ligou, e na última vez deixei que falasse com a secretária eletrônica. Pretendo ligar para ela esta noite. E então, fica com as crianças ou não?

Ruth suspirou.

— Deixe-me pegar meu crochê. Estou fazendo uma colcha para a cama de Bobby. Como deve ter percebido, a dele está muito velha.

As colchas de crochê de Ruth eram verdadeiras maravilhas. Matt gostaria que ela fosse mais condescendente com Emma.

— Obrigado.

Ela desapareceu dentro do quarto e retornou com uma sacola repleta de novelos de linha azul.

— Mas me faça um favor, Matthew.

— O que quiser. — Ele pegou a sacola, enquanto a senhora apanhava a bengala.

— Prometa que não se apaixonará por ela. Nos

poupará de grandes aborrecimentos.

Matt suspirou. Não se importava com os aborrecimentos, desde que tivesse uma mulher macia e calorosa em sua cama todas as noites.

Emilie recostou-se na cadeira de metal e olhou para a arena coberta de serragem.

— O que farão agora?

— Trarão os bois. Estou interessados em alguns — respondeu Matt, tomando um gole do café que comprara ao chegar.

— Você não acha que já tem o bastante?

— Não exatamente. Compro e vendo de acordo com o mercado, a estação e a linhagem que possuo na fazenda. No momento, estou procurando um bom reprodutor. E pretendo vender alguns animais para não precisar alimentá-los no inverno.

— Como se sabe quando um lance é bom?

— O leiloeiro sabe. Alguns são bem diretos, outros apenas piscam ou levantam algum papel. — Matt riu ao ver a expressão de Emilie. Perguntou-se por que uma mulher tão bonita precisava de um emprego de doméstica. — Quem é você? E por que parece sozinha no mundo?

Emilie desviou o rosto e fingiu estar assistindo aos animais entrando no cercado ao lado do palanque, perto do leiloeiro.

— Por que me trouxe aqui hoje?

— Achei que fosse gostar. — Além disso, ele não queria ir sozinho.

— Estou adorando. — Emilie tomou um gole de café e colocou a xícara no chão. Finalmente respondeu à pergunta de Matt:

— Estou aqui porque precisava de um emprego. Podemos dar esse assunto por

encerrado?

— Claro. Se é o que deseja... Estou interessado em alguns desses animais. Portanto, fique bem quietinha para eu poder me concentrar.

— Não se preocupe. Nem vai lembrar que estou aqui. Como se isso fosse possível, pensou Matt.

Emilie não entendia o que havia de errado em esquentar a torta de frango congelada. Mas Ruth Tuttle chegou com seu bolo de carne moída, e era o que comeriam. Ponto final.

Bem, pensou ela, ao sentar-se à mesa, a torta ficaria para outro dia. Afinal, Ruth tivera trabalho preparando o jantar, enquanto ela tranquilamente assistia ao leilão. Bem, não exatamente. Sentar-se perto de Matt Thomson a inquietava. Seu porte viril e dominador era letal para sua paz de espírito.

Melissa agitou-se na cadeira e perguntou:

— Papai comprou chocolate para você, Emma?

— Não, querida — respondeu ela, piscando para a menina.

— Acho que não me comportei como deveria. Mas prometo me comportar melhor da próxima vez.

— Próxima vez? — resmungou Ruth. — Está planejando ser fazendeira?

Emilie ignorou o comentário irônico e apenas sorriu. Voltou-se para Martha.

— Como foi a escola hoje?

Muito bem. Jennifer adorou minha roupa nova — respondeu a garotinha. — Quer ver meus cadernos? Fizemos uma história sobre uma viagem de trem.

— Adoraria lê-la — assegurou Emilie. — O

que mais fizeram hoje?

— Lemos um livro novo. Sabia que meu dente está mole?

— Parabéns! — Emilie esperava que fosse a coisa certa a dizer. Martha a fitou com ar de surpresa.

— Não quer saber qual deles?

— Qual?

— O de baixo. Talvez caia ainda esta noite, e vou colocá-lo embaixo do travesseiro, para a Fada dos Dentinhos. — Martha voltou-se para o pai. — Quer ver?

— Não aqui — lembrou-a Emma. — Seu pai verá seu dente mais tarde.

— E você? Também verá?

— Claro... — Emilie voltou-se para Mackie e cortou-lhe um pedaço de carne. Ruth também preparara arroz e milho cozido. — Mais uma vez, obrigada por ter feito o jantar.

— De nada. Pensei que chegariam mais tarde. — Ela voltou-se para Martha. — Coma um pedaço de pão. Ajuda o dente a cair. A senhora empurrou o prato com o bolo de carne na direção de Emilie. — Como um pouco mais. Você está muito magra.

— Certo.

Ela serviu-se de mais um pedaço, apenas para não ferir os sentimentos da tia de Matt.

— Fez uma compra e tanto — disse a mulher. — Planeja preparar alguma receita especial?

— Estive lendo algumas e fiquei animada. Vou experimentá-las. — Olhou para o patrão. — Matt disse que queria algo diferente, para variar.

— E bom variar — respondeu ele, pegando mais um pouco de arroz.

— Ora, sempre achei que comida fosse comida! — resmungou Ruth. — Posso comer a mesma todos os dias.

— Amanhã tentarei fazer rumas — disse Emilie.

— Que Deus nos ajude! — exclamou Ruth, revirando os olhos.

— Não se preocupe, não pretendo jogá-las em você — brincou Emilie.

Matt deixou escapar uma deliciosa gargalhada.

— Ela merece, se continuar assim tão implicante. Surpreendentemente, Ruth sorriu.

— Escute, Matthew, sempre me julguei uma pessoa fácil de lidar.

Ele balançou a cabeça.

— Se me passar o bolo de carne, prometo mudar de assunto.

Depois disso, Melissa derrubou o leite, e Emilie limpou a toalha. Martha balançou o dente para que todos vissem, e Ruth saiu discretamente da cozinha na hora de lavar os pratos.

Em outras palavras, era mais uma típica noite na casa dos Thomson. E, surpreendentemente, Emilie fazia parte dela.

Ao menos por enquanto.

Capítulo 8

Matt olhou para o relógio de parede. Já passava das nove, e a casa estava totalmente em silêncio. As meninas tinham subido uma hora atrás.

— Acha que já estão dormindo?

Emilie tentou ouvir, mas não havia nenhum ruído.

— Pelo silêncio, eu juraria que sim. Estavam com sono. Mackie foi se deitar às sete e meia. Disse que queria acordar cedo para ir à escola.

— Ela adora a escola.

— É verdade. Mal pode esperar a hora de sair de casa. Martha e Melissa também...

— Você é muito boa com elas.

As meninas sentiam falta da mãe. Isso era óbvio, pela forma como adoravam Emma e cobravam sua atenção. Emma seria especial? Matt gostaria de saber se havia tomado a decisão certa.

— Você acha? — perguntou ela, sorrindo. — Nunca tive muito contato com crianças. Além disso, sou filha única.

Matt notou que Emma aos poucos começava a falar sobre si mesma.

— Quem era a Fada dos Dentinhos em sua casa? Sua mãe ou seu pai?

— Não faço ideia. Vivi em internatos, onde ninguém incentivava histórias de fadas. Achavam que eram tolices.

Matt brincou com as moedinhas que segurava na mão.

— Talvez sejam, mas fazem as crianças felizes. Emilie largou as receitas e levantou-se.

— Como agem as Fadas dos Dentinhos? Precisa me ensinar.

Venha ver. Só que não podemos acordar Martha.

— E se ela acordar?

— Fingirei que estou arrumando as cobertas.

Emilie assentiu. Seguiu Matt até o quarto das duas mais velhas.

— Tem feito isso muitas vezes?

— Não.

Matt de repente se lembrou de que também não levava uma mulher lá para cima desde a morte de Patty. Já tivera outras empregadas, mas nenhuma fez com que sentisse daquela maneira. Não gostava de ficar assim perturbado.

Ele acendeu a luz do corredor. Abriu a porta do quarto das garotas com cuidado, para não acordá-las. Emilie o seguiu, sem saber o que fazer.

— O que faremos agora?

— Precisamos pegar o dente sob o travesseiro — explicou Matt, baixinho.

Na ponta dos pés, passaram pela cama de Melissa. A menina estava enfiada embaixo dos lençóis, com os cabelos soltos sobre o travesseiro. Martha, em cima das cobertas, tinha os braços abertos. Parecia alguém que, após um dia duro, desmaiou assim que se deitou. Matt ergueu a ponta do travesseiro e acenou para que Emilie tentasse encontrar o dentinho ali.

Ela obedeceu, e encontrou algo embrulhado num pedaço de papel. Devia ser o dente. Matt entregou-lhe as moedinhas e se pôs a observá-la colocá-las sob o travesseiro. Saíram sem ser notados.

No corredor, Emilie entregou o pequeno embrulho a Matt, que o abriu. Pegou o pequeno dente e leu o que Martha escrevera:

Cara Fada dos Dentinhos, obrigada por vir a minha casa. Amor, Martha.

— Que graça...

— Ela gosta de escrever cartas. — Matt dobrou o papel e o colocou no bolso da camisa.

— Bem, acho melhor eu ir me deitar — disse Emilie. — Boa noite. — Hesitou. — Obrigada, mais uma vez, por ter me levado ao leilão. Gostei.

— Ainda bem que gostou — disse ele, sorrindo.

Emma estava perto o bastante para ser tocada. Claro, se ele se atrevesse a fazer isso. Aqueles olhos verdes fitavam-no intensamente.

— Acho melhor sair daqui — propôs ela. — Antes que Martha acorde e escute a Fada dos Dentinhos conversando no corredor...

— E na Páscoa? Você costumava ganhar ovos de chocolate quando era criança? — perguntou Matt inesperadamente.

Não queria que ela descesse. E não sabia bem por quê.

— Sim. Lembro-me que certa vez papai me deu um coelhinho de chocolate, com um saquinho cheio de doces pendurado no pescoço.

— E no Natal? Acreditava em Papai Noel?

Emilie balançou a cabeça, deixando-o fascinado. Seus lábios eram carnudos e rosados, no rosto sombreado pela luz difusa.

— Eu queria acreditar, mas a governanta me contou a verdade.

— E agora?

Matt tocou-lhe os lábios com os seus, de modo tão leve que em seguida se perguntou se havia mesmo feito isso. O cheiro de rosas, o calor suave da pele, um leve traço de paixão no beijo lhe deram uma sensação de irrealidade. Recuou um pouco, apenas alguns centímetros, enquanto se recostava à parede do corredor.

— Não acredito mais em contos de fadas. — Havia uma ironia em seu sorriso que surpreendeu Matt. — Se é que alguma vez acreditei.

— Seu noivo? — O homem que a abandonara por outra mulher devia ser um idiota.

Emilie ergueu os olhos.

— E mais fácil quando não se é tão crédulo.

Ele se aproximou e provou novamente daqueles lábios. Mas sem tocá-la, mantendo uma das mãos deliberadamente ao lado do corpo, e a outra apoiada à parede. Emilie era doce e calorosa, mas rapidamente se afastou.

— Não — foi tudo o que ela disse antes de voltar-se e descer a escada, apressada.

Matt se sentiu um tolo. Não devia tê-la beijado. Nos últimos onze dias, Emma demonstrara sentir por ele apenas amizade.

Bateu com o punho fechado na parede, mas não com a força que gostaria, e se perguntou o que pretendia agindo daquele modo. Fosse o que fosse, dali para a frente manter-se-ia distante. Emma Gray jamais se interessaria por um fazendeiro viúvo. Muito menos aceitaria viver no meio do nada, com as filhas de outra mulher.

Precisava tirá-la da cabeça. Em pouco tempo ela iria embora e desapareceria da sua vida. E quanto a ele... Bem, teria de encontrar alguém para substituí-la.

Devia partir. Emilie sabia que beijos

significavam o cancelamento automático de acordo feito com Matt Thomson. Não poderia ficar na fazenda, esperando que ele tornasse a beijá-la, sabendo que era loucura querê-lo.

Há apenas onze dias, estava pronta para se casar com outra pessoa. Sabia que faltava paixão, que ela e Ken não eram como os casais apaixonados dos filmes. Mas sabia que a vida real era diferente do cinema. O companheirismo, o compromisso, a amizade e os interesses em comum eram o que contava. Seria feliz com Ken enquanto partilhassem dos mesmos interesses. Ou, pelo menos, julgava que sim.

Deitou-se e fechou os olhos, tentando tirar da mente a cena que vivenciou na sacristia, no dia do casamento. Fora uma tola não percebendo que havia algo errado, não questionando a insistência de Ken em aguardar a noite de núpcias para fazer amor.

Agora estava mais esperta e menos crédula. Não existiam finais felizes.

Na fazenda, naquele curto período, percebeu que adorava as crianças. Permitiu até que o pai delas a beijasse. E, para sua surpresa, retribuiu o beijo. Na verdade, queria mais.

O melhor que tinha a fazer era partir. Afastou as cobertas e caminhou pelo quarto, à procura da bolsa. Contou o dinheiro que possuía. Setenta e oito dólares, mais o cheque que Matt lhe dera como pagamento semanal. Viajaria de ônibus para a cidade mais próxima, e, lá, pediria algum dinheiro emprestado a Paula.

Mais uma vez reprovou-se por não possuir uma conta bancária separada do pai. Achou que seria bom manter uma conta conjunta com ele, até completar trinta anos e ter acesso à herança da mãe.

Guardou o dinheiro e voltou para a cama. Doravante, tomaria as próprias decisões. E que ninguém ousasse sugerir o contrário.

Uma coisa era decidir partir. Outra, achar alguém para comunicar isso. O único sinal da existência de Matt, naquela manhã, eram o café na cafeteira e a xícara que ele deixara dentro da pia. Emilie levou Melissa e Martha até o ponto do ônibus escolar, no fim da estradinha de terra, depois deu um banho em Mackie e levou-a para escolinha.

Estava ficando boa nisso, pensou, embora ainda precisasse melhorar seus dotes culinários. Passaria o aspirador na casa toda antes de partir. Talvez trocasse os lençóis das camas e lavasse o chão da cozinha.

— Vamos dançar? — pediu Mackie, erguendo as sapatilhas cor-de-rosa.

— Só depois que suas irmãs chegarem — prometeu Emilie, percebendo que sua partida teria que ser adiada.

Partiria no dia seguinte, logo após congelar alguns pratos, para que Matt não tivesse que se preocupar com comida tão cedo. Era o mínimo que podia fazer.

Mas também não partiu na quinta-feira, pois Mackie ficou resfriada. Nem na sexta, já que o resfriado causou dor de ouvido na garota. Sábado à tarde, quando retornou do médico com a garotinha, sua única preocupação era fazer a febre baixar.

Colocar remédio no ouvido de Mackie era uma tarefa que requeria a ajuda de Matt. Mas... onde encontrá-lo? Era óbvio que ele a evitava.

Deixou Martha olhando Mackie e saiu com Melissa para procurá-lo. Um dos empregados avisou que ele provavelmente estaria na garagem,

com o trator. E foi justamente onde Emilie o encontrou, mexendo no motor. Foi direto ao assunto:

— Mackie está com uma infecção no ouvido. O médico informou que isso é comum na idade, mas é preciso medicá-la. Só que ela não quer.

Melissa aproximou-se do pai.

— O remédio é gostoso. É cor-de-rosa e tem gosto de chiclete! Matt acariciou o cabelo da filha.

— Mackie sempre se recusou a tomar remédio.

— Se souber de alguma forma de convencê-la, por favor, me avise.

Emilie se mantinha à porta, sem ousar aproximar-se. Matt a vinha evitando, o que não fazia nenhum bem ao ego feminino.

Ele a fitou, as sobrancelhas erguidas de modo indagador. Em seguida largou a chave de fenda.

— Não precisa ficar tão zangada. Bastava pedir.

— Mas você não estava por perto.

— Lamento. Julguei que estivesse tudo bem.

Voltou com elas para casa. Felizmente Melissa falou o tempo todo, sobre a escola, sobre como os gatinhos haviam crescido, sobre a gelatina de cereja que tinha ajudado Emma a fazer, sobre o marshmallow que colocara por cima para alegrar Mackie...

—Que bom — dizia Matt para tudo o que a filha dizia. Emilie se perguntou se ele continuaria achando bom se a menina contasse que pusera fogo na casa...

Matt se mostrou bastante habilidoso ao pingar o remédio em Mackie. Em seguida, colocou-a no colo, sussurrou algo em seu ouvido e lhe deu uma

colher do líquido cor-de-rosa. A garotinha fez uma careta, mas engoliu o remédio sem reclamar. Emilie deitou-a na cama, onde Mackie se aninhou com seus ursinhos e fechou os olhos, satisfeita.

Emilie desceu a escada correndo, atrás de Matt. Encontrou-o na cozinha, servindo-se de uma xícara de café.

— Como conseguiu fazê-la tomar o remédio tão depressa?

— Suborno. Um milk-shake de chocolate sempre que tiver que tomar o remédio.

— Eu devia ter adivinhado. Tentarei não esquecer isso. — Emilie serviu-se de café e sentou-se perto dele. Provavelmente, perto demais. Mas que mal havia nisso, já que em breve iria embora? — A menos que só funcione com os pais.

— Infelizmente, às vezes, suborno é a única saída — disse Matt, tomando um gole de café. Em seguida, recostou-se na cadeira e fitou-a intensamente. — O que está havendo, Emma? Você vai chorar?

— Faz duas semanas que estou aqui.

— Sei. E daí?

— Era o período de experiência, lembra-se?

— Lembro.

— Acho que não deu certo.

Ele a fitou com expressão insondável. Após um momento de silêncio, indagou:

— Vai partir?

— Creio que é o mais sensato a fazer.

— Por causa do que aconteceu naquela noite?

Dessa vez, Emilie hesitou. Não queria falar nem pensar no assunto.

— Creio que preciso começar a planejar minha vida. Matt levantou-se e deixou a xícara dentro da pia.

— Você deve ter suas razões.—Voltou-se justamente quando Emilie levantou-se. — Prometi a mim mesmo que não tornaria a tocá-la.

— Não se trata disso...

Matt se aproximou e a pegou-a pelo queixo, forçando-a a fitá-lo.

— Tem certeza? Você ficou estranha desde aquela noite.

— Acho que eu devia...

— Que quer que eu faça, Emma?

— Preciso ir embora — ela ouviu-se dizendo.

— Se precisa, considere-se livre para ir — disse ele, capturando os lábios de Emilie. Não de forma gentil, mas intensa, que a fez se aproximar e abraçá-lo com força. Matt a segurou como que não querendo deixá-la partir. Emilie desejava beijá-lo para sempre. Uma paixão intensa e ardente surgiu entre ambos, a ponto de fazê-la pensar que acabariam deitados no chão. — Eu não devia ter feito isso. Mas não consegui evitar — disse ele, afastando-se.

— O mesmo digo eu — admitiu ela, quase sussurrando. Não sabia como conseguia falar, principalmente quando seu corpo reagia daquela forma estranha e agradável.

— É por isso que quer partir? Por minha causa? — Ele a soltou e recuou alguns passos. — Porque nos sentimos atraídos um pelo outro?

— Em parte, sim. — Emilie teria mentido, se pudesse. — Tenho meus compromissos, família, coisas a fazer em casa.

— Por que será que não consigo acreditar em

você?

— Mas devia.

Matt aproximou os lábios dos dela.

— Diga o que quer de mim, querida.

Emilie queria ser chamada de querida e beijada daquela maneira novamente. Quando Matt a beijara, fora capaz de esquecer a traição de Ken, a decepção que causou ao pai, o orgulho ferido e o casamento que não acontecera.

— Quero apenas, partir — conseguiu dizer, vendo o brilho desaparecer dos olhos escuros. — Farei isso assim que Mackie melhorar.

Matt ergueu as mãos, as palmas para cima, como quem avisava que estava desistindo.

— Não pense que me deve favores. Está livre para partir quando desejar. Pegue carona com Ruth, quando ela for à igreja pela manhã. Todas as tardes um ônibus parte para North Platter.

— Posso esperar.

— Fique à vontade. — Ele pegou o chapéu antes de sair. — Só espero que saiba o que está fazendo.

Emilie esperava realmente saber. Voltaria para Chicago. Seu pai, certamente, não estaria mais zangado. Afinal, duas semanas haviam se passado e a campanha eleitoral devia estar a pleno vapor. E a imprensa devia ter outros assuntos para explorar.

Retornaria à sua vida de antes, como se Emma Gray jamais tivesse existido.

Capítulo 9

— Eles estavam se beijando! — anunciou Martha para Melissa e Ruth. As três estavam sentadas à mesa da pequena cozinha da casa da tia, prontas para começar a jogar. — Eu os vi. Ruth franziu a testa.

— Você não devia inventar histórias. — E se mexeu na cadeira, como se sentisse uma terrível dor na perna.

— Não estou inventando. Eu os vi de verdade. Papai gosta de Emma e Emma gosta de papai. — Martha colocou as cartas na mesa, na direção de Ruth, que sabia embaralhá-las sem derrubar.

Ruth ficou olhando para a sobrinha.

— Onde estavam se beijando?

— Na boca. — Ela riu, sendo imitada pela irmã.

— Não, Martha. Onde na casa isso aconteceu?

— Na cozinha. Voltei para perguntar a Emma se ela queria jogar cartas conosco, mas, como a vi beijando papai, eu nada disse e saí sem que eles me vissem.

— Hum... — Ruth pegou as cartas, embaralhou e devolveu-as a Martha. — Só acredito vendo. Emma não é do tipo que se apaixona por um fazendeiro que anda com sujeira de cavalo nas botas.

— Papai sempre as tira antes de voltar para casa — insistiu Melissa. — Todas nós fazemos o mesmo. O que vamos jogar?

— Buraco.

— Muito bem. Martha, pode ir pegar meu remédio? Está na mesa-de-cabeceira, no meu

quarto — pediu Ruth.

— Claro. — Martha desceu da cadeira e foi correndo pegar o remédio. Encontrou-o e voltou para entregá-lo à tia. — Sua perna está incomodando,1 titia?

— Está. — Ruth engoliu as pílulas com o restante de chá. — E o quadril também. Hoje está terrível!

— Sinto muito — disse Martha, começando a ficar preocupada. — Não quer se deitar no sofá e ver televisão enquanto jogamos?

— Acho que é melhor. — Ruth suspirou, fez uma careta e levantou-se, apoiada na bengala. — Talvez, se eu me deitar um pouco, esse velho corpo pare de doer.

— Então, eles estavam se beijando... — disse Melissa, desapontada por ter perdido o espetáculo.

— Sim, igualzinho como se faz na televisão. E que mal há nisso? Papai pode casar com Emma, e ela será nossa mãe — disse Martha. Ter mãe, como as outras garotas, seria a melhor coisa do mundo. Não gostava de contar que não possuía uma.

— Emma não é como as outras mulheres — disse Ruth, gemendo. — Ela nem sequer sabe cozinhar.

— Papai gosta da comida que ela faz — disse Melissa. — Não se zanga quando queima alguma coisa, e dá o que ela estragou para os cachorros comerem.

— Ninguém cozinha na novela — disse Martha, esperando a tia se sentar no sofá.

— Acho melhor vocês irem chamar seu pai, meninas — declarou Ruth. — Não estou bem... Acho que vou desmaiar...

Na hora em que Matt entrou em casa, carregando Ruth no colo, Emilie soube que teria de ficar. O ônibus para North Platte partiria sem ela. Mas, apesar de tudo, se sentiu surpreendentemente aliviada.

— Coloque-a no sofá. Ficaré mais confortável, e poderemos cuidar melhor dela.

— Nós? — indagou Matt, surpreso. — Julguei que tivesse dito que iria embora.

Emilie não respondeu, ocupada demais, procurando lençóis limpos no armário.

— Aceita um chá? Um suco? — ofereceu pouco depois, quando Ruth já se encontrava acomodada no sofá.

— Não, obrigada. Deixarei vocês em paz assim que puder.

— Ruth gemeu e se virou de lado. — Essas crises de artrite não duram muito.

— Bem, se precisar de algo é só pedir...

Emilie hesitou, sem saber se a deixava sozinha. Não que a sala ficasse distante dos outros cômodos, mas Ruth tinha bastante idade e estava com dores.

— Matt disse que suas duas semanas terminaram, e que vai pegar o ônibus de amanhã para North Platter. É verdade?

Emilie ergueu os olhos para a senhora.

— Não irei enquanto você não melhorar. Quem cuidaria das meninas?

— Daremos um jeito, como sempre fizemos.

Emilie sentou-se na poltrona. Não se sentava com frequência na sala, mas aquela era uma boa hora para um confronto com a tia de Matt.

— Você não gosta de mim. Posso saber por

quê? Ruth deu de ombros.

— Pessoas da cidade grande não têm muito o que fazer por esses lados.

— Não acha que está sendo injusta?

— Sabe muito bem o que quero dizer, garota. Injusto foi o que a esposa de Matthew fez com ele. Também era da cidade grande. Julguei que meu sobrinho tivesse aprendido a lição, mas me enganei. Trouxe para a fazenda outra magrela com unhas cumpridas e cabelos arrumados, e que não faz ideia de como cuidar de uma casa, nem de como preparar uma refeição decente. — Ruth fechou os olhos e se recostou no travesseiro. Travesseiro que Emma havia lhe trazido. — Me corta o coração ver a história se repetir.

— Ver que história se repetir?

Ruth abriu os olhos e encarou a moça.

— Sei que Matt precisa se casar. Nós já conversamos sobre isso. Sugeri a ele o nome de algumas moças daqui que dariam excelentes esposas. E você não é uma delas.

Embora não devesse, Emilie se sentiu magoada.

— Martha a viu beijando o pai dela, e claro, contou às irmãs. Pode imaginar o que está passando pelas suas cabecinhas?

— Como assim?

— Estou dizendo que as três acham que você será a mãe delas. E só Deus sabe o que passa pela cabeça de Matthew — disse Ruth, com a voz alterada.

A voz de Matt ecoou alta e clara, vinda da porta.

— O que está passando pela minha cabeça, tia Ruth, é que você devia cuidar da própria vida. E

assistir à televisão. Vim ver se a imagem melhorou.

Emilie sentiu o rosto arder, e Ruth engoliu em seco. As duas trocaram olhares. Em seguida, Emilie levantou-se.

— A imagem está ótima — avisou Ruth. — Ainda bem. Podemos assistir à derrota do Notre Dame até que comece o jogo do Nebraska.

Matt estava cheio de problemas e não sabia o que fazer. Emma falando em partir, Ruth dando palpites sobre sua vida deitada, Mackie com febre... E ainda havia o gado para cuidar e vender, e precisava fazer isso enquanto o preço da carne estivesse em alta. Tinha as prestações do novo trator para pagar.

Perguntou-se onde tinha errado. Julgava estar fazendo a coisa certa ao levar Emma para casa. Com a ajuda dela, poderia dar uma folga a Ruth e ficaria livre da interferência de Stephanie. Mas as coisas se complicaram ainda mais.

Foi para a cozinha e pegou uma garrafa de uísque no armário. Serviu-se de uma dose. A bebida agiu nele como um bálsamo. Não devia ter beijado Emilie, mas como resistir àquele rosto angelical? Fora a decisão da partida que o levara a beijá-la no meio do dia, na cozinha, onde qualquer um podia vê-los.

Onde Martha os vira.

Sentia-se fortemente atraído por ela, mas, após quatro anos de celibato, não era a pessoa mais indicada para tomar decisões tão realistas. Talvez Ruth estivesse certa e Emma não fosse a esposa ideal para um fazendeiro. E ele queria uma esposa, uma companheira, uma amante, alguém para aquecê-lo na cama. Queria sentir essa mulher... sua mulher... tocá-lo no escuro antes de dormir. Não importava se ela soubesse ou não cozinhar, ou

limpar, ou se conseguia distinguir um novilho de um bezerro. Bastava que o amasse.

Esse era o problema, pensou Matt. Amor. Não estava apaixonado por ninguém e, se pudesse escolher, ficaria com uma das conterrâneas. Jamais optaria por uma linda estranha que conheceu numa loja de departamentos.

Terminou de tomar a bebida, levantou-se e serviu-se de mais uma dose. Tornou a sentar-se, com as pernas estiradas. Olhar para Emma o fazia sofrer, embora não achasse que tivesse algo a ver com amor. Era completamente diferente.

Paula não entendeu.

— Você não pode continuar trabalhando aí, Emilie! Só sendo maluca! Volte para casa! Enviarei o dinheiro para sua viagem.

— Cheguei a pensar em voltar, mas não posso fazer isso, pelo menos agora. Mackie está doente e a artrite de Ruth, cada vez pior. Eles precisam de mim.

— E você, de um psiquiatra.

— Além disso, tenho de ganhar algum dinheiro — retrucou ela, puxando o fio do telefone até a cozinha, para que Ruth e as meninas não pudessem ouvi-la. — Como as pessoas que não têm pai rico costumam fazer.

— Mas você não precisava ser doméstica. Jamais fez alguma coisa em casa, além de erguer o cardápio e escolher o prato — disse Paula, parecendo se divertir com a situação da amiga.

— Como está se saindo?

— Muito bem, e estou gostando. — O que era verdade. — E melhor do que estar em casa com papai.

— Com isso eu concordo — admitiu Paula. —

Ele disse à imprensa que você continua doente, e que o casamento foi adiado indefinidamente, até que esteja totalmente curada. Fizeram uma encenação ridícula. Tiraram fotos de Ken entrando no hospital, com ar preocupado, supostamente para visitá-la.

— Que comédia! Ken fingindo me visitar no hospital?

— Imagino que tenha sido ideia de seu pai. George Grayson é capaz de tudo por um voto. Mas tenha cuidado. Os jornais continuam atentos. Aconselho-a a ligar para seu pai e combinar uma forma discreta de voltar.

— Não pretendo voltar tão cedo.

— Tolice. Pegue o primeiro avião para Chicago. Não se esqueça de usar óculos escuros e chapéu, para que ninguém a reconheça.

— Não, Paula. Matt precisa de mim.

— Matt?

— O pai das crianças, o fazendeiro.

— Sei... Está dormindo com ele?

— Claro que não! — respondeu ela, enrolando o fio do telefone do dedo.

— Como é o homem? Bonito?

— É.

Naquele momento, Melissa entrou na cozinha e abraçou-lhe os joelhos.

— O que há para comer? Estou com fome — disse a menina.

— Só um minuto, querida — sussurrou Emilie.

— Bem, então por que não dorme com ele? — perguntou Paula, elevando o tom de voz. — Deve aproveitar ao máximo essas férias.

— Vou desligar agora — disse Emma, acariciando os cabelos de Melissa. — As crianças estão com fome.

— Verdade? Essa é demais!

— Ligo para você na próxima semana... — De repente, Emilie não queria mais ouvir piadinhas sobre Matt, nem sobre sua vida na fazenda.

— Desculpe, amiga, eu só estava brincando.

Emilie desvencilhou-se da menina para poder desligar o telefone. “Por que não dorme com ele?” Como se sexo fosse assim, insignificante. Precisava estar apaixonada para fazer amor com alguém.

— Estamos morrendo de fome, Emma... — Melissa pegou-a pela mão.

Ela sorriu para a menina, que tinha os mesmos olhos escuros do pai.

— Já vamos comer. Jantaremos pizza. O que acha? Não parece divertido?

A menina assentiu, sorridente.

— Depois, poderemos dançar?

— Claro. Mostre a tia Ruth tudo o que aprendeu. Ela vai gostar. — Emilie aproximou-se da janela e olhou em direção aos celeiros. Onde estaria Matt?

Ele a beijara e lhe perguntara o que queria. Era uma boa questão. Emilie gostaria de poder ficar em seus braços até descobrir a resposta.

Percebeu uma silhueta familiar se aproximar da casa. Era seu patrão. Diria a ele que continuaria trabalhando enquanto fosse necessário. E, gostasse ou não, teriam pizza para o jantar.

— Não vou ficar para jantar. — Matt pegou o bule e se serviu de uma xícara de café. Podia ter

tomado no alojamento, mas preferiu voltar para casa e ver como a filha estava passando. — Mackie está melhor?

Emilie espalhava molho de tomate sobre alguns discos de pizza.

— Sim. Por que não vai vê-la?

Ele olhou pela porta e avistou as três garotas em frente à televisão. Ruth acenou, mas imediatamente voltou sua atenção ao programa que assistia. Matt largara o trabalho pelo meio ver se a família estava bem, e ninguém nem sequer foi beijá-lo. Voltou-se para Emilie e recostou-se ao balcão.

— Elas parecem querer recuperar o tempo que ficaram sem ver televisão.

— Eu não permitiria que assistissem o dia inteiro. Mas, enfim, está servindo para distrair Ruth e Mackie.

Matt percebeu-lhe o sorriso. Será que não estava mais zangada? Fora rude com ela naquela tarde, com as coisas que dissera... e em seguida tornara a beijá-la, apesar de ter prometido que não tornaria a fazer isso.

Observou-a espalhar mussarela sobre o molho de tomate.

— Acho que vou perder um jantar e tanto.

— Se quiser, posso guardar um pedaço para você.

— Não se preocupe. Comerei um sanduíche com os rapazes. Ouvi você dizer a Ruth que não vai embora amanhã.

— Não, não vou. Se não se importar, ficarei mais algum tempo.

Sem saber por quê, Matt se sentiu mais animado.

No dia seguinte, Emilie já duvidava se aquela fora a decisão mais acertada. Ruth continuava deitada no sofá, as meninas dançaram até deixá-la zozona e Matt não passara mais de cinco minutos em casa. O domingo estava quase no fim, e ela só queria tomar um banho quente, ler um bom livro e ter uma noite calma.

Mackie olhou para a colher cheia de remédio e balançou a cabeça.

— Milk-shake de chocolate, lembra? — sugeriu Emma, um passo mais próxima do almejado banho quente. A garota abriu a boca e mais uma crise foi evitada.

— Boa menina — concordou Ruth, que conseguia fazer tricô mesmo deitada de costas.

— Martha e Meli&sa, subam para o quarto e se aprontem para dormir — avisou Emilie. Vira Mel bocejar três vezes, e eram apenas sete horas.

As duas meninas beijaram a tia e subiram. Emilie sentou-se no sofá e pegou Mackie no colo. A febre baixara.

Ruth balançou a cabeça.

— Elas gostam muito de dançar.

— Talvez uma delas se torne bailarina.

— Nunca tivemos um artista na família... — murmurou Ruth. — Mas, enfim, para tudo existe uma primeira vez. Aquelas suas runzas estavam muito boas, Emma.

Emilie não conseguiu esconder a surpresa.

— Você gostou?

— Muito. Onde conseguiu a receita?

— Do livro que comprei na barraca da igreja. Não pensei que rendesse tanto.

— Sabe onde está Matt? Aposto que ele não

comeu nada o dia inteiro.

— Anda muito ocupado, preocupado com em vender gado.

— Nesta fazenda sempre há trabalho demais a ser feito.

— Mas ele parece não se importar...

Emilie notara que o patrão mal podia esperar para sair de casa todas as manhãs, e voltava tarde da noite. Se não fosse pelas filhas, talvez até dormisse no celeiro. Mackie ajeitou-se e fechou os olhos.

— Ele não gosta de ficar sozinho — declarou Ruth, erguendo o crochê contra a luz, como que querendo ver a cor que usava.

— Por que está sendo tão gentil comigo, Ruth? A senhora deu de ombros.

— Acho que é porque gosto que esteja cuidando de mim. Poucas mulheres teriam tanta paciência com uma velha rabugenta e doente como eu.

— Não acha que está exagerando?

— Sei que não sou nenhuma santa. Sou uma velha implicante que devia cuidar da própria vida, mas não consigo manter a boca fechada quando algo me incomoda. Preocupo-me com Matt e com as meninas.

— No seu lugar, eu também me preocuparia.

— Não é fácil criar bem essas crianças e cuidar de uma fazenda desse tamanho — comentou Ruth.

— Mas, ao mesmo tempo, é um agradável modo de viver.

— Imagino que seja... — respondeu Emilie, gostando de sentir o peso da menina dormindo em seu colo.

Ela acabou levando o jantar e uma garrafa com café fresco para Matt, vestida em uma velha jaqueta e usando um boné desbotado com o emblema de uma loja de ração para animais. Tinha pingos de chuva no rosto, e havia lama nas botas que encontrou no armário.

— Obrigado... Você não precisava ter se dado ao trabalho — foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Não esperava que Emma fosse ao celeiro levar-lhe o jantar. Vira quando as luzes se acenderam em casa, ao anoitecer. Tivera vontade de encerrar o trabalho e ir para lá. Mas continuara trabalhando.

— Comeu com os rapazes?

— Não. Só estava querendo lhe dizer que não precisava ter se incomodado. Não quero que se preocupe com esse tipo de coisa, especialmente agora. Supostamente, hoje devia ser seu dia de folga.

— Você quase não apareceu em casa hoje — disse ela, estremeando ligeiramente.

— Fui ver Mackie duas vezes, e ela estava bem.

— Ruth achou que você devia estar com fome. É melhor que coma antes que esfrie.

— Sente-se — convidou ele, indicando um banco. — Suponho que as meninas já estejam na cama.

— Estão. Ruth continua vendo televisão. Melhorou um pouco, mas ainda não consegue levantar-se sem ajuda. Já pensou em lhe comprar uma cadeira de rodas?

— Sugeri isso certa vez e por pouco ela não me acertou a bengala. Acabei desistindo.

— É melhor comer antes que esfrie — avisou ela. Apesar do boné velho e da jaqueta surrada,

continuava linda. — Está bem. — Matt abriu o embrulho e começou a comer.

— Ruth tem sido gentil comigo.

— Também, com você cuidando tão bem dela...

— Não me importo em fazer isso.

— Ruth é bondosa, mas às vezes consegue me tirar do sério.

— Comeu mais um pouco. Nada mau, considerando que, há duas semanas, Emma mal sabia fritar um bife.

Ela encheu a tampa da cafeteira com café e entregou-lhe.

— Obrigado. Não quer um pouco?

— Se eu tomar café agora, provavelmente ficarei a noite inteira acordada. Não sei como você consegue dormir depois de tantas xícaras!

Bem, ele trabalhava dezoito horas por dia. Mas, enquanto trabalhava, não pensava em mais nada. Não pensava nela, e em seu perfume. Pelo menos, não o tempo inteiro.

— Obrigado por me fazer companhia — comentou Matt, por pura falta de outra coisa para dizer.

Emma sentava-se no banco como uma verdadeira princesa, com as costas retas e cabeça erguida. Quando tirou o boné, seus cabelos caíram, lentamente, até a altura do queixo. Desabotoando a jaqueta, revelou uma camiseta branca e jeans. Havia uma manchinha de mostarda no decote. Ele teve vontade de tocar, porém se conteve.

— Jantarzinho delicioso... — disse ao terminar de comer.

— Ainda bem que gostou. — Emilie olhou em

torno, notando as rédeas, os cabrestos e as várias peças de couro dependuradas na parede. Não sabia para que metade daquilo servia. — Você deve ter muitos cavalos.

— Já tive mais. Meu pai os usava mais do que uso atualmente. Você monta?

— Não muito bem. Desde os doze anos não subo num animal.

— Eu devia ter feito a pergunta quando você chegou. Talvez tivesse vontade de montar, dar um passeio pelas redondezas...

— Sempre tive um pouco de medo de cair... Falta de hábito, creio — respondeu ela, balançando a cabeça negativamente. — Sou pior amazona do que cozinheira.

— Você não cozinha tão mal. — Ele largou o prato sobre o banco. — Venha comigo. Quero que conheça alguém.

Emilie o seguiu através de um longo corredor, ao lado do celeiro. A chuva batia no telhado de metal, fazendo com que tivessem que falar em voz alta até chegar junto a Cody.

— Aqui está ele — anunciou Matt, parando perto de uma das cocheiras. — Bill Cody, o cavalo mais velho da fazenda. Nós o deixamos aqui à noite para mantê-lo aquecido. — O animal levantou a cabeça para que Matt cocasse seu nariz. — Olá, garoto. Como vai? — Em seguida olhou para Emilie, que parecia curiosa, mas com medo. — Vá em frente. Ele não vai mordê-la.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Matt a viu hesitar antes de acariciar o nariz do cavalo. — Viu só? Ele gosta de atenção. As meninas costumam trazer-lhe maçã e cenoura. No verão, Cody fica num pasto. Eu o trouxe a noite passada.

— Para que ficasse protegido do frio?

— Sim. Meu pai gostaria de vê-lo bem cuidado. A expressão de Emilie mudou.

— Acho melhor voltar para casa.

— Espere até a chuva passar um pouco. Se Ruth precisar de alguma coisa, liga para a casa dos empregados. Acha que consegue alcançar o telefone sozinha?

— Coloquei a extensão perto dela. Matt ficou feliz por poder tê-la ali.

— Então fique e conversaremos um pouco.

— Tem tempo para isso?

— Todo o tempo do mundo. — Matt piscou, tentando fazê-la sorrir, sem sucesso.

— Você e seu pai eram muito unidos?

— Sim. Trabalhei a seu lado desde que aprendi a andar. Minha irmã Stephanie também. Mas ela não gosta da vida na fazenda, enquanto meu sonho é viver aqui. — Ela continuou tristonha. Matt apontou uma escada. — Alguma vez esteve num moinho, garota da cidade?

— Não.

— Então venha comigo. Subirei na frente, para ajudá-la. A escada é velha e os degraus de cima não estão muito firmes.

Matt subiu com facilidade e em seguida estendeu-lhe a mão. Quase a puxou para dentro do sótão. De imediato, soltou-a.

Emilie olhou em torno e foi sentar-se num rolo de feno. Um gato malhado se aproximou e esfregou a cabeça em sua perna. Ela afagou o animal e olhou para Matt.

— Como este bichinho consegue subir aqui?

— Pela escada dos fundos — respondeu Matt, sorrindo.

— Então há outra escada? Espero que esteja em melhor estado do que esta.

Ele sorriu.

— Ligeiramente melhor...

Emilie riu e o som da risada assustou o gatinho, fazendo-o esconder-se no meio do feno. Ela se levantou.

— Bem, preciso ir.

— Tem razão. Não devemos> ficar aqui sozinhos...

No entanto, aproximou-se dela o bastante para ver aqueles olhos verdes se arregalarem. Pegou-a pela mão e puxou-a para junto de si. Seus braços a envolveram e sua boca provou a doçura dos lábios dela. Caíram abraçados no feno perfumado.

— O... o que está fazendo, Matt? — murmurou Emilie, incapaz de afastá-lo.

— Pare de lutar — disse ele, pressionando-a de encontro ao corpo, mostrando-lhe quanto estava excitado.

— Òh, Matt! — Emilie exclamou, em protesto. Mas seus lábios se abriram e seus braços envolveram-lhe a cintura.

Matt beijou-a inúmeras vezes, beijos longos e profundos que destruíram sua vontade de resistir. Era o paraíso estar com aquele homem, ser beijada, tocada...

— Matt... Há algo que eu preciso dizer.

— Não fale, apenas sinta. Alguém já lhe disse quanto sua boca é macia? — E mordiscou-lhe o lábio inferior. Após outro beijo ardente, ergueu a cabeça e fitou-a. — Emma? Diga que não é um

erro.

Emilie passou a mão por seu rosto, acariciando-lhe os lábios com as pontas dos dedos.

— Não sei... não posso afirmar isso, já que andei cometendo muitos erros ultimamente.

— Eu também — murmurou Matt, puxando aquele corpo suave para baixo do seu. — Creio que teremos de arriscar.

Emilie sorriu e ele sentiu-se mais aliviado. Aquela mulher doce também o desejava... Um milagre estava acontecendo naquele domingo chuvoso.

— Beije-me... Isso é apenas o começo, doçura...

— Imagino que seja. — O olhar de Emilie não desviou do dele.

— Imagina? — Matt demorou a entender, mas a expressão no rosto de Emma era inconfundível. — Está querendo dizer que não sabe, que nunca...

— Nunca.

— Mas seu noivo...?

— Ele queria esperar.

O sujeito devia ser frio como gelo, concluiu Matt. Mas não queria pensar no homem que Emma tinha amado, e suspeitava que ainda amava. Mulheres eram criaturas estranhas, que às vezes tinham estranhas noções da vida.

— Bem, como há muito tempo não faço amor com ninguém... — admitiu, roçando os lábios nos dela. — Que tal praticarmos juntos?

Capítulo 10

A paixão comandava a ambos. Em alguns minutos estavam deitados sobre o feno, as roupas espalhadas pelo chão. Nus e desinibidos, tinham consciência apenas um do outro e do desejo que já não podia ser negado.

Emilie percebeu vagamente que nunca se sentira daquele jeito. Era como se Matt moldasse seu corpo com as mãos, os lábios, a língua... tudo nele a fazia sentir um prazer intenso.

Enquanto Matt a acariciava, ia aprendendo a agradá-lo. Logo a aluna superava o mestre e os gemidos sensuais eram sua recompensa, o prazer estampado no rosto viril, um elogio às suas recém-descobertas habilidades.

E quando Matt pressionou os joelhos entre suas pernas, Emilie abriu-se como uma flor buscando o sol. Agarrando-o pelos ombros, beijou-o apaixonadamente.

Matt penetrou-a numa única investida, parando apenas um segundo ao ouvir um breve murmúrio. Emilie entregou-se ao prazer.

Para ele, era como se fosse a primeira vez que experimentava as delícias de uma mulher. Jamais vivenciara algo assim, jamais se sentira tão livre para soltar as rédeas da paixão e do desejo.

Juntos, alcançaram o clímax.

Ofegante, exausto, saciado, Matt virou-se de costas e puxou Emilie, não querendo romper o elo que os unia. Aquele era um momento único de ternura. Acariciou-lhe os cabelos com carinho infinito.

— Somos dois malucos...

— Por que está dizendo isso? — perguntou

Emilie, de olhos fechados, deliciando-se com os carinhos.

— Não usamos nenhuma proteção.

— Estou tomando anticoncepcional — murmurou ela, tentando não se sentir ofendida. — Esqueceu que estive para me casar? Não queríamos ter filhos tão cedo.

Ele suspirou e beijou-a no ombro.

— Existem outros motivos para usar proteção.

— Sim, mas não há perigo. Foi a minha primeira vez... e você disse que estava sem ninguém. — Ela arregalou os olhos e o encarou, espantada. — Não mentiu para mim, mentiu?

— Não. Mas não se deve fazer sexo sem proteção, Emma. As pessoas mentem. De agora em diante, você...

— De agora em diante? Acha que vou começar a fazer amor... desculpe, você disse “fazer sexo”... com qualquer um? — Ela se afastou e procurou pelas roupas, magoada e arrependida.

— Julgava que tinha sido especial para você.

— E foi muito especial... — disse ele, enquanto se sentava e retirava o feno do cabelo.

— Não fiz amor com você por curiosidade, para saber como era. — Emilie encontrou a camiseta e, sem se importar em colocar o sutiã, enfiou-a pela cabeça.

— Não houve outra mulher desde a morte de Patty. Era o que eu pretendia dizer. Que também foi especial para mim — admitiu ele, encontrando a camisa.

Emilie não sabia por que seus olhos ficaram rasos d’água, e não queria que Matt a visse chorar. Ele não devia saber quanto a experiência havia significado. Para Matt, fora uma forma de...

relaxar. Para ela, fora um ato de amor.

Vestiu a calça jeans, pegou o sutiã e colocou-o no bolso da jaqueta. Calçou as meias e as botas.

— Continua chovendo forte — alertou-a Matt, como se ela não pudesse ouvir os pingos caindo no telhado.

— Mas não vai me matar.

— Vou levá-la para casa — disse ele, preocupado.

— Sossegue. Sou mais forte do que aparento.

— Pelo menos, deixe-me mostrar onde fica a escada dos fundos. — Acompanhou-a pelo corredor ao lado do celeiro até a porta da frente. Segurou-a pelo braço e forçou-a a encará-lo.

— Sinto muito.

— Eu também.

Ela saiu correndo pela chuva, em direção à casa. A forte luminária em frente ao celeiro clareava praticamente todo o jardim. As lágrimas que tentou conter agora corriam livres por seu rosto, misturando-se aos pingos da chuva de setembro. Estava apaixonada por Matt, e haviam feito amor. Mas a experiência maravilhosa de repente se transformou num erro. Devia ter partido quando teve chance.

— Coração partido — anunciou tia Ruth, balançando a cabeça diante do televisor. — Essa foi fácil. Eu gostaria que fizessem perguntas mais difíceis. — Pegou seu crochê e continuou trabalhando.

Martha sentou-se no chão e apoiou as costas no sofá.

— Acho que eles não estão mais se beijando.

— Quem?

— Papai e Emma.

— Bem, querida, as pessoas não ficam o tempo todo se beijando, por mais apaixonadas que estejam.

Martha virou o corpo e apoiou o queixo na almofada. Esperava sinceramente que tia Ruth soubesse o que fazer para que as coisas voltassem a ser como antes.

— Papai não está mais sorridente. E Emma vive triste, olhando pela janela.

— Você não perde nada do que acontece por aqui, não é?

— Tenho medo que Emma vá embora.

— Ela não vai. Está fazendo uma roupa de bailarina para você usar na festa do Dia das Bruxas. É verdade que está pensando, mas acabará conseguindo.

Martha não queria falar da festa. Queria ajuda.

— Falta muito tempo para o Dia das Bruxas. Talvez ela esteja fazendo a roupa porque não estará aqui na ocasião.

Tia Ruth colocou o crochê no colo e deu um de seus longos suspiros.

— Você anda vendo coisas demais. Mas, se Emma resolver ir embora, nada a impedirá. E se seu pai quisesse passar mais tempo beijando do que trabalhando lá fora, seria exatamente o que ele faria.

— Se beijariam se estivessem sozinhos, como naquele dia.

— Jamais conseguirão isso com três crianças e uma velha doente em casa.

Martha olhou intrigada para o televisor.

— Minha professora sempre diz que, se

olharmos na beira do rio, poderemos encontrar coisas incríveis.

— O que isso tem a ver com beijos? Martha deu de ombros.

— Nada. Mas nós podíamos sair para um passeio. Aposto que Emma nunca encontrou alguma coisa na beira do rio.

— E...?

— Papai viria conosco, claro.

Daria um jeito de manter Mel e Mackie afastadas dos dois, pensou Martha. Ficariam sozinhos, se beijariam e papai tornaria a sorrir. Os olhos de Emma tornariam a brilhar.

— Bem — declarou tia Ruth, mexendo na sacola de linhas —, acho seu plano excelente. Mas agora, se não se importa, vou continuar fazendo meu crochê.

— Vou contar a Emma que faremos um piquenique amanhã.

— Segurem a mão de Mackie — advertiu Emma às duas mais velhas. — E não cheguem muito perto da água.

As meninas corriam na frente, as risadas fluando no ar frio da tarde. Matt não entendia como tinha se metido naquela aventura, embora fosse agradável passar a tarde de sábado caminhando pelo leito seco do rio, com Emma a seu lado. Durante quase duas semanas ela só lhe dirigira a palavra para dizer “quer mais café?” ou “por favor, passe as batatas”.

Era como se ele não existisse. Ultimamente, a maior preocupação de Matt era dar um jeito de ficarem sozinhos. E as crianças lhe ofereceram a oportunidade, programando o passeio.

— Meu pai costumava vir aqui para procurar

flechas ao longo do rio...

— E encontrou alguma? — indagou ela.

Já era um começo. Matt respirou fundo e tentou não rir.

— Algumas. Há centenas de anos, os Pawnees acampavam nesta área. Frequentemente, professores da universidade de Doane vinham pedir permissão para procurar relíquias indígenas. Certa vez encontraram ossos de um dinossauro.

— Martha comentou sobre isso, mas achei difícil acreditar. Matt atirou um graveto para Sorrow. As crianças insistiram em levar o cachorro, e Matt permitiu; o velho cão precisava de exercícios, principalmente depois de Emma ter tentado fazer estrogonofe, na última quinta-feira.

— Acha que elas encontrarão alguma coisa hoje?

— Talvez... e precisam encontrar, para nos dar sossego.

— Estou certa de que encontrarão alguma coisa — disse Emma. — Nem que sejam pedras ou folhas bonitas. Meninas são boas nisso.

Matt a fitou.

— Até que enfim você voltou a falar comigo... Gosto disso. Significa que pelo menos permitirá que eu peça desculpas.

— Não quero...

— ...falar sobre isso — Matt terminou a frase. Parou e fitou-a. — Bem, já estamos falando. Fizemos amor há duas semanas, Emma.

— Tem certeza? Julguei que fosse apenas sexo. Ele pegou-a pelo braço.

— Foi amor, e muito especial. Jamais pretendi magoá-la.

— Inclinou-se e beijou-a levemente.

— Não deve fazer isso — disse ela, mas sem zangar-se. — As crianças podem nos ver.

— Estão ocupadas, à procura de tesouros. — Sorriu. — Estou perdoado?

— É muito constrangedor.

— Mas não precisava ser. — Ultimamente, sempre que a via, lembrava-se de quando fizeram amor. Do gosto de sua pele, e da forma como ela o abraçara. Cada vez que entrava no celeiro, ficava excitado. Mas ela era uma mulher da cidade grande, e estava ali temporariamente. — Pensei em convidá-la a jantar fora. Só nós dois. Você deve estar cansada de cozinhar.

— E você, de comer minha comida — respondeu ela, tentando conter o riso.

— Doçura, o cão e eu temos comido tudo o que você coloca na nossa frente. — Sorrow voltou e correu em torno deles.

— Está me convidando para sair como namorado? Matt demorou um pouco a responder.

— Acho que já está mais do que na hora. Você não acha?

— Papai! — gritou Melissa, correndo com algo nas mãos,

— Olhe o que eu encontrei! — Emma soltou a mão de Matt quando viu a menina. — O que acha que pode ser? — indagou, colocando o objeto na mão do pai.

— Eu diria que é parte de algum tipo de ferramenta usada pelos Pawnees. Talvez uma enxada.

Melissa começou a pular, enquanto as irmãs a chamavam.

— Verdade? Posso levar para a escola?

— Claro. Provavelmente foi feito de osso de búfalo. Na próxima vez que formos a Lincoln, pararemos no Morrison Hall e perguntaremos aos entendidos.

— Que legal!

Ele mostrou a peça a Emma.

— Já viu algo assim?

— Não, nunca. Achei incrível você ter encontrado — disse Emma a Melissa. — Mostre-me onde foi.

— Venha...

Matt ficou parado, observando-as afastarem-se.

Chegou a temer que Emma fosse partir assim que a infecção no ouvido de Mackie estivesse curada. Mas ela ficou. Não por causa dele... seria tolice pensar que fosse... mas porque Ruth não conseguiria cuidar das meninas sozinha. Permanecia de repouso, levantando apenas para ir e voltar da cozinha e do banheiro. E ainda sentia muita dor. Mas o que aconteceria quando Ruth voltasse para casa e Emma estivesse livre para partir?

Procurou afastar aqueles pensamentos sombrios e aproximou-se do pequeno grupo. Acabaria encontrando alguém para cuidar das meninas. Mas não seria fácil substituir Emma.

Só de pensar nisso, começava a suar frio.

Emma levou a semana inteira para se decidir. Mas, no domingo, pegou o dinheiro que economizou e foi a North Platte comprar um vestido. Não podia sair para jantar com Matt usando a velha calça jeans e a camiseta. Comprou também um cardigã, porque o tempo esfriara. Ainda sobrou dinheiro para comprar a passagem

para Chicago. Um dia teria que partir.

Chegou a se informar no pequeno aeroporto de North Platte sobre os horários de vôo.

O resto da semana transcorreu como sempre. Ela trabalhou e levou as garotas à escola. Mackie falava o tempo todo sobre se u próximo aniversário, uma amiga de Martha apareceu para praticar bale e Emma se reuniu com algumas mães no café. Certa manhã, enquanto esperava Mackie sair da escolinha. À noite, estava exausta e se deitava por volta das nove e meia. chorava mais quando alguma receita dava errado.

Os Thomson comiam tudo, fosse qual fosse o resultado, bom ou ruim.

— Apresse-se! Vai perder a melhor parte da novela!

— Já vou!

Emma desceu correndo e sentou-se na poltrona de costume, de frente para o televisor. Ruth havia contado a ela a trama da novela Os dias de nossas vidas e, agora, Emilie estava tão viciada quanto a velha tia.

— Aqui — disse Ruth, entregando-lhe um retângulo do que viria a ser uma colcha. — Desmanchei e arrumei o estrago que você fez.

— Obrigada.

Ela nunca tinha feito nenhum trabalho manual, além de bordar guardanapos na aula de artesanato da sra. Finch, enquanto estava na escola. A velha professora não sobreviveria por mais de três horas em Nebraska.

— Não posso acreditar que nunca tentou fazer crochê. Vai viciar, quando seu ponto ficar mais firme.

Emma ajeitou o crochê no colo.

— Tomou seu remédio?

— Esqueci — respondeu Ruth, pegando o vidro com as pílulas. Em seguida suspirou. — Não vejo a hora de melhorar e voltar para minha casa. Detesto dar trabalho.

— Não é trabalho algum — assegurou Emilie. — Além disso, tem que ficar até eu aprender a fazer crochê.

— Bem, então acho que vou permanecer aqui por um bom tempo... Até quando pretende ficar?

O sorriso de Emilie desapareceu.

— Não muito.

— Posso saber por quê?

— Tenho meus motivos.

Um pai furioso, uma vida em Chicago, um fazendeiro que jamais a amaria e que julgava que ela seria capaz de fazer amor com outros homens. Emilie não se imaginava com outro homem, estando apaixonada por Matt.

— Espero que sejam bons — disse Ruth, olhando para o televisor. — O que acha da filha de Marlene ter cancelado o casamento daquele jeito?

— Ela agiu certo. — Bem, uma mulher precisa estar segura do homem que ama antes, de pensar em casar-se com ele.

Emilie pensou em Matt, no convite que fizera para jantarem juntos e suspirou.

— Não dá para entender os homens.

— Sexo e comida, nessa ordem, é o que os deixa felizes. Ah, e proteger suas mulheres. Você precisa fazê-lo pensar que é especial.

— E como se faz isso? — Emilie interessou-se.

— Se ele for um bom homem, você o alimenta,

o ama e o trata gentilmente. Alguns não são muito inteligentes, mas todos têm sentimentos. — Ruth mudou de posição no sofá e fez uma careta. — Me dê a tesoura, por favor. Estou ficando cansada de trabalhar com linha cor-de-rosa.

Aceitaria o convite para o jantar, decidiu. Além disso, fazia meses que não ia a um restaurante.

Matt a esperava na sala de estar. Quando Emilie chegou, levantou-se e sorriu.

— Estou pronta — anunciou ela, perguntando-se por que todos a olhavam daquele jeito. — Qual é o problema? Não gostaram do meu vestido?

— Você... está linda! — balbuciou Matt.

Melissa aproximou-se para tocar em seu vestido novo.

— Onde está a roupa de princesa? — Martha parecia desapontada. — Pensei que fosse usá-la.

— Esse é muito mais bonito, não acha? — perguntou Emilie. — Além disso, branco não é apropriado para esta época do ano.

— Gostei de suas botas — disse Martha. — Minha professora tem uma parecida.

Emilie olhou para os próprios pés.

— Não pude resistir. Estavam em liquidação.

— São muito bonitas — elogiou Matt. — Ainda acabaremos transformando-a numa mulher do oeste.

Emilie mexeu nas botas.

— São mais confortáveis do que imaginei.

— Então, vamos.

Matt a pegou pela mão e Emilie enlaçou os dedos nos dele. Enquanto se aproximavam da porta, ela deu instruções sobre a hora de dormir e

os programas a que as meninas podiam assistir.

— Não vejam nenhum filme de terror, e para a cama às nove em ponto! — insistiu.

— Pode deixar, eu cuido disso — disse Martha, sorrindo para os dois. — Divirtam-se.

E Emilie se divertiu. Tentava se convencer de que isso se devia a não precisar cozinhar, a ter velas sobre a mesa e um garçom para atendê-la.

Não porque estivesse apaixonada, ou por ter o homem que amava a seu lado. Amá-lo não significava que ele soubesse de seu amor. Na verdade, era melhor que não soubesse. Seu orgulho já fora bastante ferido ultimamente. Não precisava de um cowboy que a magoasse ainda mais.

As botas dos dois foram ao chão no mesmo instante.

— Que delícia — gemeu Emilie, pegando os batidos moccasins. — Acho que nunca vou me acostumar com elas.

— Deite-se — disse Matt. Emilie recostou-se na imensa cama enquanto ele lhe massageava os pés. — Melhorou?

— Muito. Achei que essas botas fossem mais confortáveis. Nunca tive esse tipo de problema usando saltos altos.

— Precisa amaciá-las — murmurou ele, acariciando-lhe o tornozelo. Ergueu a barra da saia de Emma e beijou-lhe os joelhos. — Deve ir devagar, usar um pouco de cada vez.

Ela sentiu um calor agradável enquanto Matt a acariciava.

— Está se referindo às botas ou a outra coisa?

— Não pode abusar, querer ficar muito tempo — disse ele, ignorando a pergunta. — Não, se

espera ser capaz de caminhar no dia seguinte.

Emilie olhou para o teto do quarto.

— O que estou fazendo aqui?

Os lábios dele deslizavam sobre sua coxa.

— Acho que é óbvio, doçura.

— Tenho até medo quando você me chama de doçura. Sei que vou ter problemas. — Sentiu seus dedos masculinos escorregarem para dentro da blusa.

— Nós dois estamos tendo problemas — disse Matt. — Desde que você me olhou daquela forma no restaurante, no Curral Dourado.

Emilie não sabia o que acontecia quando ficavam a sós. Só pensavam em sexo. Precisaram dispensar a sobremesa, e Matt dirigiu a cem por hora na volta para casa.

Gemeu quando ele acariciou seu ventre e puxou-lhe a calcinha para baixo.

— Todos os restaurantes de Nebraska têm nomes assim tão originais? — indagou ela. Aquela altura, tinha o vestido erguido até a cintura, as botas e as meias no chão, e os lábios de Matt deslizando provocativamente em suas coxas. Tentou imaginar se alguém, alguma vez, desmaiara de prazer.

Colocando os braços em torno dele, aproximou os lábios, pedindo-lhe a realização de todos os seus desejos.

Capítulo 11

Emilie colocou sua colcha de crochê dentro da sacola, junto com os romances. A novela já tinha acabado e Mackie acordara do sono da tarde.

— Ainda bem que a crise passou. Estou me sentindo melhor — declarou Ruth, levantando-se. — Quer ajuda para cobrir o bolo?

— Não, obrigada. Comprei cobertura pronta, de chocolate... Onde será que Melissa se meteu? Ela queria me ajudar a decorar o bolo.

— Você é muito corajosa. Mel vai acabar decorando você de chocolate.

Emilie olhou para a calça de brim manchada.

— Tudo bem. Fiz a maior sujeira para bater o bolo.

— Você já havia feito bolo alguma vez?

— Não, mas tenho um bom livro de receitas.

— E garra. Você tem garra, e eu admiro isso. — Ruth pegou a bengala e caminhou em direção à varanda. — Confesso que não esperava que fosse aguentar essa vida mais do que uma semana.

Nem ela. Emilie tirou a aniversariante da cama, deu-lhe um rápido banho e vestiu-a.

— Agora eu já tenho quatro anos — disse Mackie, erguendo quatro dedos juntos.

— Meus parabéns, querida. — Emilie se ajoelhou e escovou os cabelos da garotinha.

— Amanhã vai ter festa na escola.

— Já fiz o bolo para você levar...

Emilie tinha preparado dois bolos, um para a casa e outro para a escola. Os presentes estavam embrulhados, o assado no forno e a gelatina de

cereja, desta vez, pronta e endurecendo na geladeira. Não queria que nada desse errado na festa de Mackie.

— Comprou um presente para mim?

— Comprei. Vire-se para que eu possa ver como você está linda. — Mackie voltou-se e sorriu. — Não é que você parece de fato ter quatro anos?

A garotinha passou os braços ao redor de Emilie.

— Te amo, Emma.

— Também te amo, querida.

Era verdade. Emilie amava sinceramente a todos. Mas era a primeira vez que confessava aquilo. Matt era amoroso e generoso em muitos sentidos, mas jamais falava sobre o futuro. Trabalhava o dia inteiro, mas às vezes, quando queria companhia, convidava-a a sair de carro. Só que nenhum dos dois mencionava o amor. Apenas se abraçavam na escuridão. Era suficiente. Por enquanto.

— Agora vou me arrumar para a festa. Você não pode entrar na cozinha.

— O meu bolo está bonito?

— Vai ficar, assim que Melissa e eu terminarmos de decorá-lo — prometeu Emilie. — Tia Ruth está na varanda. Fique com ela.

Teria sido fácil. Se a cobertura de chocolate não tivesse grudado e levantado pedaços do bolo, enquanto Emilie passava manteiga na faca para evitar maiores estragos. Fez várias tentativas até pegar o jeito. Melissa preferiu molhar os dedos com a cobertura, o que a manteve ocupada até que Emilie visse como estavam seu rosto e suas roupas. Um dos gatos, misteriosamente, entrou em casa e teve que ser colocado para fora. Ruth

esqueceu onde tinha guardado o presente de Mackie, Martha choramingou ao lembrar que havia esquecido na escola o cartão de aniversário que fizera para a irmã e Matt apareceu para tomar café, sujando o chão.

— Você sujou. Agora, limpe — ralhou Emilie, entregando-lhe a vassoura.

Ele piscou e fez Martha sorrir ao passar o dedo na cobertura de chocolate, julgando que Emilie não estivesse vendo. Mas estava. As meninas acharam graça.

— Você está com chocolate aqui — disse ele a Emilie, tocando-a no rosto. Seus olhos brilhavam maliciosos, e ela imediatamente ergueu o queixo, para um beijo.

— Tia Steph! — anunciou Martha.

Emilie se voltou e deu com aquela que devia ser a tia das crianças parada junto à porta. A expressão de espanto demonstrou que Stephanie vira o beijo. Emilie afastou-se alguns passos e olhou para a recém-chegada. Usava calça comprida de linho bege e blusa branca de seda aberta no colarinho, revelando o colar de pérolas.

— Olá — disse a irmã de Matt, olhando para os dedos de Emilie, sujos de chocolate.

Martha e Melissa foram abraçá-la. Stephanie retribuiu. Parecia gostar sinceramente das crianças. Depois dirigiu-se a Emilie, sorrindo.

— Sou Stephanie Cordell, irmã de Matt.

Matt devolveu a vassoura a Emma e abraçou a irmã.

— Que bom que veio! Esta é Emma Gray, a moça que salvou minha vida.

Emilie não tinha certeza se gostara do modo como fora apresentada. Porém Matt não podia

apresentá-la como “minha amante” sem escandalizar a todos. Tentou sorrir e apertou a mão de Stephanie.

— Prazer em conhecê-la. As meninas falam muito a seu respeito.

— Não ouvi seu carro chegar — disse Ruth, sorrindo ao cumprimentar a sobrinha. — Mas devia ter imaginado que você não esqueceria do aniversário de Mackie.

— Tia Steph? — Mackie correu para os braços da tia.

— Feliz aniversário, querida! — Ela entregou à sobrinha uma caixa embrulhada num papel decorado com ursinhos cor-de-rosa. Em seguida voltou-se. — Clay precisou ir a Denver para uma reunião de negócios e me deixou aqui. Queria fazer uma surpresa. — Seu olhar se fixou em Emilie.

— Ele está aí? — perguntou Matt.

— Não. Me deixou na entrada, para que ninguém percebesse.

— Algumas pessoas nesta família insistem em não crescer — disse Matt, rindo.

— E outras gostam de guardar segredos — comentou ela, cutucando-o no braço?

— Segredo? Por que diz isso?

Stephanie não respondeu. Ajudou Ruth a sentar-se.

— Está se sentindo melhor, titia?

— Pronta para voltar para casa — anunciou Ruth, surpreendendo Emilie e Matt.

— Posso abrir? — perguntou Mackie.

— Ainda não — avisou o pai.

— Por que não espera apagar a velinha? — sugeriu Emilie. — Será mais divertido abrir todos os presentes de uma vez.

Mackie assentiu e foi colocar a caixa sobre a mesa.

— Parece bonito. Muito obrigada.

— De nada, meu amor. Matt encaminhou-se à saída.

— Vou subir e tomar um banho. Me aguardem, garotas.

— Não demore. Temos muito o que conversar — disse Stephanie. Em seguida olhou para Emilie. — Não já nos vimos antes?

— Não.

— Engraçado... Você não me parece estranha. Emilie guardou a vassoura. Queria ficar sozinha na cozinha para preparar o jantar.

— Por que não vão para a sala enquanto termino o jantar? Avisarei quando estiver pronto.

— Venham, queridas — disse a tia às crianças. — Não devemos atrapalhar Emma. — Olhou para o bolo de aniversário, cujo topo parecia um pouco torto. — Tem certeza de que não precisa de ajuda?

— Obrigada. Está tudo sob controle. O jantar será servido no horário combinado.

As meninas seguiram a tia até a sala, com Ruth andando o mais depressa que podia.

— Que sabor interessante! — disse Matt, terminando a segunda rodada de carne.

— Está muito... incomum — concordou a irmã dele. — O que você colocou na carne?

— Os temperos normais, ervilhas, cogumelos e leite. — Emilie ajudou Mackie a limpar a boca com o guardanapo. Até aquele momento, tudo

corria bem. — A receita pedia leite em pó, mas acabei usando leite condensado.

— Verdade? — perguntou Stephanie, trocando um olhar com Ruth. — Ficou muito bom. Posso ajudá-la a arrumar a cozinha?

— Não, obrigada. Fiquem sentados. Num minuto, trarei o bolo e o café.

— E os presentes — declarou Mackie. — E as velinhas.

Ninguém pareceu reparar que o bolo estava torto e que faltava cobertura nas laterais. Emilie conseguiu escrever “Feliz Aniversário” com glacê cor-de-rosa, e Mackie soprou quatro velinhas, também cor-de-rosa, sem dificuldade, sob os aplausos dos parentes. Os presentes foram abertos enquanto Emilie cortava o bolo.

Stephanie aproximou-se dela.

— O que fazia antes de vir trabalhar aqui? — indagou. Emilie cerrou os dentes enquanto colocava uma fatia de bolo em um dos pratinhos.

— Cuidava de meu pai.

— Ele é doente?

— Não. Só mimado. — Mimado e arrogante, acostumado a ter suas ordens obedecidas. Emilie desejava que não tivessem se separado, e em circunstâncias tão desastrosas.

— Ah, sei...

Os presentes fizeram Mackie pular de alegria: um novo vestido da tia Steph, um quebra-cabeça da tia Ruth, uma boneca Barbie das irmãs, outro ursinho rosa do pai e uma malha de bale, com meias combinando, de Emma.

Em seguida, as três correram para colocar suas roupas de dança e mostrar os passos que haviam aprendido para Stephanie. Enquanto isso, Emilie

conduziu os adultos à sala de estar. Prometeu trazer café e recusou as ofertas de ajuda. Tomou uma aspirina, embrulhou os dois últimos pedaços de bolo, jogou os pratinhos de plástico no lixo, ligou a cafeteira e lavou os pratos. Tinha sobrevivido a seu primeiro jantar importante. E conhecido a irmã de Matt.

Sem que o mundo tivesse acabado.

— Emma, venha ver! — gritou Martha da porta da cozinha. — Você está na televisão!

Ela não devia ter ido. Nem ficado ao lado de Matt enquanto um vídeo a mostrava saindo de uma limusine na porta da igreja.

— O vestido de princesa! —> gritou Melissa.

— Que diabos... — Stephanie começou a dizer, mas Ruth a fez calar-se.

— Emilie Grayson, a noiva fugitiva, ainda está sendo procurada pelos psiquiatras do hospital de Chicago — dizia o locutor. Uma imagem de Ken na frente da instituição substituiu a cena do casamento. — Seu noivo, o candidato Ken Channing, continua a visitá-la, enquanto cuida de sua campanha para ocupar o lugar deixado pelo pai no senado. Boatos dizem que George Grayson, pai da noiva, é o maior contribuinte de campanha. Mas onde estará Emilie Grayson? Vista pela última vez em trinta de agosto, estava entrando num táxi. Estaria num hospital, sofrendo de uma crise nervosa, ou... teria decidido que não queria ser esposa de um senador? Fiquem ligados, pois amanhã entrevistaremos o estilista que desenhou o vestido da noiva!

— Eu estava procurando a “Roda da fortuna”, mas o controle não funcionou. As pilhas devem estar gastas — murmurou Ruth, desolada. Tocou no painel do televisor com a bengala, abaixando o volume. — Como se muda de canal nessa maldita

televisão?

— Sua irmã gêmea — disse Matt a Emilie. — Diga que é sua irmã gêmea.

— Então é por isso que você me parece tão familiar. — Stephanie juntou as crianças a seu lado, como se precisasse protegê-las de um monstro. — Veio se esconder aqui.

Martha olhou para a tia.

— Quer ver o vestido de princesa? Está no armário de Emma.

— Martha, leve suas irmãs para cima. Está na hora de dormir. — Matt não desviou o olhar do rosto de Emilie, enquanto as crianças subiam. — Você poderia explicar que diabos significa isso?

— Eu não podia casar com ele. Lembra-se? contei a você que descobri que meu noivo estava apaixonado por outra pessoa.

— E você só soube disso no dia do casamento? — perguntou Stephanie, parecendo não acreditar. — Você é Emilie Grayson? Então, é por isso que não sabe cozinhar. Era você na capa da revista *Woman's Day*, no verão passado. — Olhou para Ruth. — Fizeram uma entrevista sobre como planejar um casamento.

Ruth sentou-se.

— Você fugiu do hospício e veio para Nebraska? Por quê?

— Nunca estive num hospital — explicou Emma. — Isso foi inventado, para não constranger Ken. Fugi da igreja e peguei o primeiro avião que saía de Chicago. E acabei em Lincoln.

— Então você é Emma Gray? — foi tudo o que Matt conseguiu dizer. — Uma princesinha da alta-sociedade que precisava de um lugar para se esconder? Por quanto tempo pretendia levar isso

adiante? Até depois das eleições? E tão importante que seu namorado seja eleito?

— Eu não queria magoar ninguém.

— Sei... — disse ele, erguendo a sobrancelha.
— Imagino que pessoas como você estejam acostumadas a conseguir o que querem. Sem magoar ninguém, claro.

— Não precisa ser sarcástico — advertiu-o Stephanie. — Talvez Emma estivesse com medo. Por que outro motivo precisaria fugir e se esconder?

— Por que mais? — repetiu Matt. — Quem sabe por que Emma faz as coisas?

Ele esperava por uma explicação e Emilie não sabia o que dizer diante das duas mulheres.

— Posso falar com você em particular?

— Creio que você já disse tudo — respondeu ele.

Saiu da sala balançando a cabeça. Um segundo depois, elas ouviram a porta dos fundos bater. Silenciosamente, Emilie juntou os presentes de Mackie.

— Vou levar os presentes para cima e ver se as meninas estão dormindo.

— Eu a ajudo — ofereceu Stephanie, pegando o ursinho e seguindo-a até o quarto. — Não se preocupe. Assim que voltar para sua vida, levarei as meninas para morar comigo. Matt não pode cuidar delas e tia Ruth está muito velha, doente.

— Matt não permitirá que as leve. Stephanie deu de ombros.

— Elas ficarão melhor na minha casa. Matt tem que entender isso. Nenhuma babá as amará mais do que eu.

Emilie quis contestar, mas Steph tinha razão. Emilie Grayson não fazia parte da família. Sua única família era seu pai, que preferia vê-la infeliz do que ser constrangido publicamente.

— Não seja tão dura com ele, Emma — disse Stephanie. — Hoje é aniversário da morte de Patty. Acho que ele nunca se conformou.

— Ela morreu no parto? Como pôde acontecer?

— Não. Ela morreu em um acidente. Os médicos agiram rápido. Mackie nasceu de cesariana, antes de e a mãe falecer.

— Lamento muito...

Emilie foi em frente, até o quarto de Martha. Beijou as duas meninas, ajeitou-lhes as cobertas e evitou perguntas sobre o que viram na televisão. Em seguida explicou que teria que deixá-las por algum tempo e que elas deviam conversar com a tia.

Tentou não chorar. Ao descer, encontrou Ruth dormindo no sofá, já que o programa havia terminado. Colocou a cozinha em ordem e arrumou a mesa para o café da manhã antes de ir se deitar.

Nada a fazer, pensou ela, ao abrir o armário. Pegou o vestido de noiva. Matt Thomson a tinha contratado para cuidar das crianças. No fim, terminara sendo uma esposa de mentirinha. A mulher que ele amava havia morrido. Ela não passava de uma conveniente substituta. Nenhum dos dois jamais falou de amor. Emilie cozinhou, limpou e cuidou das crianças. E esquentou a cama de Matt à noite.

Nunca disse que era Emilie Grayson. Emilie não era muito importante ali e logo seria uma lembrança distante, uma sombra sem substância.

Matt jamais a perdoaria por tê-lo decepcionado.

Era hora de Emilie voltar para casa, iniciar nova vida. E, se tivesse que fazer isso com o coração partido, ninguém precisava saber. Apaixonara-se como uma tola. Agora, precisava se recuperar.

— Como assim, “ela foi embora”? — Matt colocou a mão na cintura e aguardou a resposta.

Ficou duas horas na cozinha, esperando que Emma saísse do quarto, e agora descobria que ela nem sequer se encontrava na fazenda.

Stephanie e Ruth trocaram olhares assustados.

— Foi embora, é só — disse Stephanie. — Deixou bilhetes para as meninas, para que não ficassem tristes. Não foi gentil da parte dela?

— Como? Quando? — Ele parecia não entender.

— Para North Platte. Eu mesma a levei, no seu carro.

— Pois é, Matthew — ralhou Ruth. — Havia uma mulher perfeita a seu lado e você simplesmente a deixou partir.

— Não deixei. Stephanie a levou embora.

— Ela pediu. Não pude impedir.

— Aposto como pensou que, com ela fora do caminho, poderia levar as meninas embora. — Matt se aproximou da irmã e a fitou ameaçadoramente. — Pois fique sabendo que minhas filhas não sairão daqui. Estamos entendidos?

— Mas você disse que, se não conseguisse ajuda, iria precisar de mim...

— Sou o pai delas — avisou Matt, abaixando o tom de voz para que Stephanie não chorasse.

Odiava quando isso acontecia. — Precisam crescer na própria casa.

— Oh, eu só queria ajudá-lo. — E o abraçou.

— Steph, deixe seu irmão em paz e faça algo com essa sua energia maternal. Adote alguma criança. Existem centenas delas esperando por um lar.

— É o que Clay sempre me diz. Só pensei que...

— Que ficaria com as meninas — Matt terminou a frase. — E talvez tivesse ficado, se Emma... isto é, Emilie... não tivesse aparecido.

— Ela não terminou a colcha. Traga-a de volta — insistiu Ruth.

— Nunca.

— Diabos de teimoso! — queixou-se Ruth. — Emma é uma boa moça, a melhor que você poderia ter conhecido.

A paciência dele tinha chegado ao limite.

— Ela nos enganou. Acabava de chegar a Lincoln quando a encontramos, e veio comigo para casa usando um nome falso, contando uma história falsa.

— Mas também cuidou muito bem de todos nós — a tia o fez lembrar. — Nunca a ouvi reclamar de nada.

— E você a estava beijando quando cheguei, não foi? — lembrou Stephanie.

Tinha feito muito mais do que beijar Emma Gray. Mas não discutiria sua vida sexual com as duas. Era só o que faltava! Pegou o chapéu e o enfiou com força na cabeça.

— Vou sair.

— Tolo — murmurou Ruth. — Perder uma

mulher daquelas por causa de orgulho.

Aquilo o fez parar e voltar-se.

— E ainda me culpa?

— Você está apaixonado por ela, Matthew.

— Está? — perguntou Steph, com os olhos arregalados.

— Pode apostar que sim. E acha que ela está fingindo sentir a mesma coisa. — Ruth sacudiu a cabeça. — Você não conhece as mulheres, Matthew. Só porque Patty...

— Não coloque Patty nessa história!

— Emma, Emilie, seja lá qual for o nome, o ama. E, se você a deixou partir, a culpa é sua! — disse Ruth.

— Emilie Grayson ia casar com outro homem e devia amá-lo. Ainda estava usando o vestido de noiva quando a encontrei.

— Então é isso? Mulheres também mudam de ideia, sabia? — Ruth sacudiu a bengala em sua direção. — Ela não amava o ex-noivo, e por isso não se casou.

— Mas devia — disse Matt, sabendo que, naquele momento, ela poderia estar em Chicago. Quem sabe até a veria no noticiário...

Achou melhor sair e pegar seu trator, antes que desse um soco na parede da cozinha. Se e quando decidisse ir atrás de Emilie, era problema seu e de mais ninguém.

— Que linda vista você tem aqui.

— Sim. — Emilie não olhou pela janela, embora Paula estivesse impressionada com a paisagem.

— Que bom que você e seu pai se acertaram. Vai levá-la para jantar esta noite, não vai?

— Sim. — Assim que percebera que a filha não obedeceria suas ordens, George Grayson mudara de tática. — A oportunidade é excelente para que a imprensa nos fotografe... pai e filha reunidos.

Emilie olhou para o apartamento vazio. Assinaria o contrato de aluguel no dia seguinte, e então, junto com Paula, começaria a decorá-lo. Estavam ali para tirar algumas medidas.

— Acho melhor você voltar para lá — sugeriu a amiga.

— Jamais. Antes que eu percebesse, ele estaria me dando ordens.

— Não foi isso o que eu quis dizer. Referi-me à fazenda. Ao fazendeiro.

— Não quero falar sobre ele.

— Não? Pois ele está bem atrás de você — disse Paula, sorrindo. Emilie se voltou e deu com Matt parado junto à porta. Usava um terno grosso de lã e tinha os cabelos cortados. Não sorria.

— Matt?! O que faz aqui? Como me encontrou?

— Seu pai me deu o endereço. — Olhou para Paula, entrou na sala e estendeu a mão. — Sou Matt Thomson. Prazer em conhecê-la.

— Paula Lancaster. — Ela apertou-lhe a mão, depois olhou para Emilie. — Me ligue mais tarde. — Com os saltos altos ecoando no chão de mármore, foi embora, fechando a porta.

— O que veio fazer? — Emilie apertou as mãos, para que ele não lhes notasse o tremor.

— Vim pedir que volte para a fazenda — respondeu ele com os olhos fixos em seu rosto.

— Está me oferecendo emprego?

— Não. Quero que se case comigo.

— Casar? — repetiu ela, esperando ter ouvido direito.

— Ainda tem o vestido de princesa, não tem? Ela o ignorou.

— Se algum dia me casar, será com um homem que me ame, não porque precisa de uma mãe para as filhas. — Pronto. Dissera aquilo que tanto ensaiara, caso ele aparecesse pedindo que voltasse.

— Minha mulher me deixou. Apaixonou-se por outro homem. Nem sequer sabia se o bebê que esperava era meu ou dele. As estradas estavam escorregadias, e ela dirigia em alta velocidade. Sofreu um acidente e morreu. Depois disso, julguei que nunca mais me casaria. Mas, se casasse, seria por amor.

— Acho justo.

— Pedi sua mão a seu pai — disse Matt, respirando fundo. — Sei que é antiquado, mas achei melhor assim. Ele e as crianças parecem estar se dando bem.

Emilie nem sequer tentou entender.

— Você as trouxe? Matt deu de ombros.

— Stephanie se ofereceu para ficar com elas, mas achei que deviam estar presentes ao casamento.

— Não vou me casar com você.

Matt a ignorou. Aproximou-se e pegou-a pelos ombros.

— Já resolveu as coisas com seu ex-noivo?

— Ken não está interessado em resolver nada comigo. Ele é homossexual.

— Homossexual?

Emilie não conseguiu conter o riso diante da expressão incrédula.

— Sim, homossexual. Estava beijado outro homem... antes do casamento. Foi por isso que fugi. Não queria que ninguém soubesse. Ele é uma boa pessoa e merece ser feliz.

— Você também. Volte para Nebraska comigo.

— Só se você me amasse. Só por amor.

— Eu estaria aqui se não amasse?

— Poderia, por favor, dizer que me ama, sem rodeios, pelo menos uma vez?

Matt sorriu e em seguida abraçou-a.

— Eu a amo, Emilie Grayson. Casa comigo agora?

— Repita. Quem sabe então poderemos entrar num acordo.

— Eu a amo, sua tolinha. Na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. — Tocou-lhe carinhosamente o rosto. — E então?

Emilie sorriu e o abraçou com força.

— Matt Thomson, você acaba de conseguir uma esposa.